

# BRASILIANA

5.ª SERIE de

## BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO



Volume publicados:

### ANTROPOLOGIA E DEMOGRAFIA

- 4 — OLIVEIRA VIANA: Raça e Assimilação.  
9 — OLIVEIRA VIANA: Populações Mestiças do Brasil.  
9 — NINA RODRIGUES: Os Afrikanos no Brasil — (Revisão e prefácio de Horacio Lyses). Profundamente ilustrado.  
22 — E. RODRIGUEZ-PINTO: Ensaio de Antropologia Brasileira.  
27 — ALMEIDA ELLIS JÚNIOR: Populações Paulistas.  
69 — ALFREDO ELLIS JÚNIOR: Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.  
168 — ARTUR RAMOS: O Negro Brasileiro — 1.ª volume — "Etiologia Religiosa" — 2.ª edição ilustrada.

### ARQUEOLOGIA E PREHISTORIA

- 31 — ANTONIO COSTA: Introdução à Arqueologia Brasileira — Ed. ilustrada.  
137 — ANÍBAL MATOS: Prehistória Brasileira — Vários Estudos — Ed. ilustrada.  
146 — ANÍBAL MATOS: Peter Wilhelm Leulmi no Brasil — Problemas de Paleontologia Brasileira — Ed. ilustrada.

### BIOGRAFIA

- 2 — FÁBIO CALGHERA: O Marquês de Barbacena — 2.ª edição.  
11 — LUIZ DA CÂMARA CASCADO: O Conde d'Eu — Vol. ilustrado.  
107 — LUIZ DA CÂMARA CASCADO: O Marquês de Olinda e seu tempo — (1703-1870) — Edição ilustrada.  
18 — VISCÓNTE DE TAUNAY: Pedro II — 2.ª edição.  
20 — ALBERTO DE FARIA: Mauá (com três ilustrações fora do texto).  
51 — ANTÔNIO GONTIÃO DE CARVALHO: Calógeras.  
65 — JOÃO DOMINGOS FILHO: Silva Jardim.  
73 — LÉCIA MIQUEL-PEREIRA: Machado de Assis — (Estudo Crítico-Biográfico) — Edição ilustrada.  
79 — CRAVEIRO COSTA: O Visconde de Sinimbu — Sua vida e sua atuação na política nacional — 1810-1880.  
81 — LEMOS BRITO: A Gloriosa Sotahoa do Primeiro Império — Frei Caneca — Edição ilustrada.

- 85 — WANDELLEY PINHO: Coturipe e seu tempo — Ed. ilustrada.  
85 — HELIO LOUD: Um Varão da República — Fernando Lobo.  
114 — CARLOS SCHMIDT DE MENDONÇA: Sílvio Romero — Sua Formação Intelectual — 1851-1880 — Com uma introdução bibliográfica — Ed. ilustrada.  
119 — SÃO MARCELO: O Precursor do Abolicionismo: Luiz Gama — Ed. ilustrada.  
120 — PEDRO CALMON: O Rei Filósofo — Vida do D. Pedro II — 2.ª Edição Ilustrada.  
133 — HEITON LYRA: História do Dom Pedro II — 1825-1891 — 1.ª Vol.: "Ascensão" — 1825-1870 — Edição Ilustrada.  
133-A — HEITON LYRA: História do Dom Pedro II — 1825-1891 — 2.ª Vol.: "Fênix" — 1870-1880 — Ed. Ilustrada.  
133-B — HEITON LYRA: História do Dom Pedro II — 1825-1891 — 3.ª Vol.: "Declínio" — 1880-1891 — Ed. Ilustrada.  
135 — ALBERTO PIRES JACOBINA: Dias Carneiro (O Conservador) — Ed. ilustrada.  
136 — CARLOS PONTES: Tavares Bastos (Aureliano Cândido) — 1833-1875.  
140 — HENRICKS LIMA: Tobias Barreto — A Época e o Homem — Ed. ilustrada.  
143 — BRUNO DE ALMEIDA MACHADO: O Visconde de Albuquerque — Ed. ilustrada.  
144 — V. CORRÊA FILHO: Alexandre Rodrigues Ferreira — Vida e Obra do grande Naturalista Brasileiro — Ed. ilustrada.  
163 — ANÍBAL MATOS: Machado do Assis — O Homem e a Obra. Os personagens explicam o autor. — Ed. ilustrada.  
157 — OTÁVIO TANQUEMIO DE SOUZA: Evaristo da Veiga — "Homem da República" — Ed. ilustrada.  
166 — JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADE B SILVA: O Patriarca da Independência — Dezembro 1824 a Novembro 1823.  
177 — JONATAS SERBANO: Faria Brito — O Homem e a Obra.  
182 — AROSCO SCHMIDT: A vida de Paulo Eiró — Sequida de uma Coleção de suas Poemas organizada por José Gonçalves.  
193 — FRANCISCO VENANCIO FILHO: A glória de Euclides da Cunha — Edição Ilustrada.  
196 — FELIX CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE MELO: Memórias de um Cavaleiro — Introdução de Gilberto Freyre — Edição Ilustrada.

## BOTANICA E ZOOLOGIA

- 71 — E. F. HOEHNÉ: Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI — (Pesquisas e Contribuições).  
77 — C. DE MELO-LERÍO: Zoo-Geografia do Brasil — Edição ilustrada.  
99 — C. DE MELO-LERÍO: A Biologia no Brasil.

## CARTAS

- 12 — WANDERLEY PINHO: Cartas do Imperador Pedro II ao Marão de Cotegipe — Ed. ilustrada.  
35 — RUI BARROSA: Mocidade e Estilo (Cartas inéditas, prefaciadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe) — Ed. ilustrada.  
61 — CONDE D'EU: Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orléans, comentadas por Max Fleuss) — Edição ilustrada.  
109 — GEORGE HAERZEN: D. Pedro II e o Condo de Cobineau (Correspondências inéditas).  
142 — FRANCISCO VENÂNCIO FERRO: Euclides da Cunha e seus Amigos Edição ilustrada.  
194 — PE. SERRAVALLE LEITE: Novas Cartas Jesuíticas (Do Nóbrega e Vieira).

## DIREITO

- 110 — NINA RODRIGUES: As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil — Com um estudo de Prof. Afrânio Teixeira.  
163 — NINA RODRIGUES: O Alienado no Direito Civil Brasileiro — 3.ª Edição.

## ECONOMIA

- 90 — ALFREDO ELLIS JÚNIOR: Evolução da Economia Paulista e suas Causas — Edição ilustrada.  
100 e 100-A — ROBERTO SIMONSEN: História Económica do Brasil — Ed. ilustrada em 2 tomos.  
162 — J. F. NORMAN: Evolução Económica do Brasil — Tradução de T. Quartim Barbosa, R. Peake Rodrigues e L. Brandão Teixeira.  
155 — LEMOS BRITO: Pontos do Partido para a História Económica do Brasil.  
160 — LUIZ AMARAL: História Geral da Agricultura Brasileira — No triplice aspecto Político-Social-Económico — 1.º Volume.  
160-A — LUIZ AMARAL: História Geral da Agricultura Brasileira — No triplice aspecto Político-Social-Económico — 2.º Volume.  
162 — BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA: O Povo-Brasil na História Nacional — Com um capítulo de Artur Neiva e parceres de Oliveira Vianna — Ed. ilustrada.

153 — OSÓRIO DA ROCHA DINIZ: O Brasil em face dos Imperialismos Modernos.

- 184 — GERALDO ROCHA: O Rio São Francisco — Fator decisivo da existência do Brasil — Edição Ilustrada.  
187 — MANUEL LUDAMBO: Capitais e Grandeza Nacional.

## EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

- 66 — PRIMITIVO MOACIM: A Instrução e o Império (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1.º Volume — 1823-1853.  
— PRIMITIVO MOACIM: A Instrução e o Império (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 2.º Volume — Reformas do Ensino — 1854-1855.  
121 — PRIMITIVO MOACIM: A Instrução e o Império (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 3.º Volume — 1856-1859.  
147 — PRIMITIVO MOACIM: A Instrução e as Províncias (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1825-1859 — 1.º Vol.: Das Amazonas às Alagoas.  
147-A — PRIMITIVO MOACIM: A Instrução e as Províncias (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1825-1859 — 2.º Volume: Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Mato Grosso.  
147-B — PRIMITIVO MOACIM: A Instrução e as Províncias (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 3.º Volume: Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.  
93 — FERNANDO DE ARVEEDO: A Educação Pública em São Paulo — Problemas e Discussões (Inquirição para "O Estado de S. Paulo" em 1926).

## ENSAIOS

- 1 — BATISTA PEREIRA: Figuras do Império e outros ensaios — 2.ª edição.  
9 — BATISTA PEREIRA: Vultos e episódios do Brasil — 2.ª edição.  
26 — ALBERTO RANGEL: Rumos e Perspectivas.  
41 — JOSÉ-MARIA BELO: A inteligência do Brasil — 3.ª edição.  
43 — A. SARAIVA LIMA: Alberto Torres e sua obra.  
59 — CHARLES EXFELLY: Mulheres e Costumes do Brasil — Tradução, prefácio e notas de GENÍO PEDALVA.  
70 — AVONSO AFINOS DE MELO FRANCO: Conceito de Civilização Brasileira.  
82 — C. DE MELO-LERÍO: O Brasil visto pelos Ingleses.  
105 — A. C. TAVARES BASTOS: A Província — 2.ª edição.  
151 — A. C. TAVARES BASTOS: Os males do Presente e as esperanças do Futuro (Estudos Brasileiros) — Prefácio e notas do Casarão TAVARES BASTOS.

- 118 — AERONOR AUGUSTO DE MIRANDA: Estudos Piauienses — Edição ilustrada.  
 120 — ILOY NASHI: A Conquista do Brasil — Tradução do Mons. N. Vasconcelos — Edição ilustrada.  
 190 — E. ROQUETTE-PINHO: Essaios Brasileiros — Edição ilustrada.

## ETNOLOGIA

- 39 — E. ROQUETTE-PINHO: Rondônia — 3.ª edição fundamental e ilustrada.  
 41 — ESTEVÃO PINHO: Os Indígenas do Nordeste — (Com 15 gravuras e mapas) — 1.º Tomo.  
 112 — ESTEVÃO PINHO: Os Indígenas do Nordeste — 2.º Tomo (Organização e estrutura social dos indígenas do nordeste brasileiro).  
 62 — GENERAL COELHO DE MAGALHÃES: O selvagem — 4.ª edição completa, com parte original Tupi-guarani.  
 60 — EMÍLIO RIVASSEAU: A vida dos índios Guariçurá — Edição ilustrada.  
 78 — AROONO A. DE FREITAS: Vocabulário Nacengatá (verbalizado pelo português [falado em São Paulo] — Língua Tupi-Guarani (com 3 ilustrações fora do texto).  
 92 — ALMIANTE ANTÔNIO ALVES CAMARA: Ensaio sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil — 2.ª edição ilustrada.  
 101 — BENEDET BALDI: Franjas de Etnologia Brasileira — Prefácio do Alense de E. Tauray — Edição ilustrada.  
 139 — ANJOS COSTA: Migrações e Cultura Indígena — Ensaio da arqueologia e etnologia do Brasil — Ed. ilustrada.  
 154 — CARLOS FR. PHIL VON MARTINS: Naturezas, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros (1514) — Trad., Prefácio e Notas do Pirajá da Silva. — Ed. ilustrada.  
 163 — MAJON LIMA FIGUEIREDO: Índios do Brasil — Prefácio de General Rondon — Edição ilustrada.  
 186 — EMÍLIO WILLIAMS: Assimilação e Populações Marginais no Brasil — Estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes.

## FILOLOGIA

- 25 — MÍNIO MARMOQUEM: A língua do Nordeste.  
 46 — RENATO MENDONÇA: A influência africana no português do Brasil — Edição ilustrada.  
 161 — BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA: Dicionário da Terra e da Gente do Brasil — 4.ª edição da "Osmática Geral da Geografia Brasileira".  
 178 — ARYDE NEIVA: Estudos da Língua Nacional.  
 179 — EDUARDO BANCHE: Língua Brasileira — 1.º Tomo.

## FOLCLORE

- 57 — FLAVIANO RONDINEUS VALE: Elementos do Folclore Musical Brasileiro.  
 103 — SOFIA CARNEIRO: Mito Africano no Brasil — Edição ilustrada.

## GEOGRAFIA

- 20 — CAP. FREDERICO A. RONDON: Pelo Brasil Central — Ed. ilustrada, 2.ª edição.  
 33 — J. DE SAMPAIO FERREAS: Meteorologia Brasileira.  
 35 — A. J. SAMPAIO: Fitogeografia do Brasil — Ed. ilustrada, 2.ª edição.  
 33 — A. J. DE SAMPAIO: Biogeografia dinâmica.  
 45 — BASÍLIO DE MAGALHÃES: Expansão Geográfica do Brasil Colonial.  
 63 — RAIMUNDO MORAIS: Na Planície Amazônica — 6.ª edição.  
 50 — OSVALDO R. CABRAL: Santa Catarina — Edição ilustrada.  
 56 — ADELMO PINHEIRO: A Margem do Amazonas — Edição ilustrada.  
 61 — OSVALDO M. DE CARVALHO: O Rio da Unidade Nacional e o São Francisco — Edição ilustrada.  
 97 — LIMA FIGUEIREDO: Oeste Paranaense — Edição ilustrada.  
 101 — ARACIO LIMA: Amazônia — A Terra e o Homem (Introdução à Acitopogeografia).  
 105 — A. C. TAVARES BASTOS: O Vale do Amazonas — 2.ª edição.  
 138 — GUSTAVO DOR: Descrição dos Rios Parnaíba e Gurupi — Prefácio e notas de Gustavo Barroso — Ed. ilustrada.

## GEOLOGIA

- 102 — S. FREDR ANZO: A riqueza mineral do Brasil.  
 134 — PANDIÁ CALDERAS: Geologia Econômica do Brasil (As minas do Brasil e sua Legislação) — Tomo 3.º — Distribuição geográfica dos depósitos auríferos — Edição refundida e atualizada por Djalma Guimarães.

## HISTÓRIA

- 10 — OLIVEIRA VIANA: Avaliação do Povo Brasileiro — 3.ª edição ilustrada.  
 13 — VICENTE LIEBEO CANOAS: A margem da História do Brasil — 2.ª edição.  
 14 — PRIMO CALMON: História da Civilização Brasileira — 4.ª edição.  
 40 — PRIMO CALMON: História Social do Brasil — 1.º Tomo: Espírito da Sociedade Colonial — 1.ª edição ilustrada (com 13 gravuras).  
 63 — PRIMO CALMON: História Social do Brasil — 2.º Tomo: Espírito da Sociedade Imperial — Edição ilustrada — 2.ª edição.

173 — PRIMO CALMON: História Social do Brasil — 3.ª Tomo: A Época Republicana.

176 — PEDRO CALMON: História do Brasil — 1.ª Tomo: "As Origens" — 1600-1600

15 — PANDIÁ CALOGERAS: Da Regência à queda de Moraes — 3.ª volume da série "Relações Exteriores do Brasil".

42 — PANDIÁ CALOGERAS: Formação Histórica do Brasil — 3.ª edição (com 3 mapas fora do texto)

23 — EVARISTO DE MOURAS: A escravidão africana no Brasil.

30 — ALFREDO FELIX JÚNIOR: O Hinduísmo Paulista e o Recuo do Meridiano — 2.ª edição.

37 — J. P. DE ALMEIDA PRADO: Primeiros Povoadores do Brasil — (2.ª edição, ilustrada)

47 — MANUEL BOMFIM: O Brasil — Com uma nota explicativa de Carlos Mauá

48 — URSINO VIANA: Bandeirantes e sertanistas Baianos.

49 — GUSTAVO BARTHOLO: História Militar do Brasil — Ed. ilustrada com 50 gravuras e mapas

70 — GUSTAVO BARTHOLO: História secreta do Brasil — 1.ª parte: "Do descobrimento à abdição de Pedro I" — 3.ª edição (ilustrada)

64 — GILBERTO FREIRE: Sobrados e Muramboas — Decadência patrimonial e rural no Brasil — Edição ilustrada.

69 — PRADO MAIA: Arquivos da História Naval Brasileira.

83 — CORONEL A. LOUTHAL DE MOURA: As Forças Armadas e o Deslinde Histórico do Brasil.

93 — SENAEM LEITE: Páginas da História do Brasil.

94 — SALOMÃO DE VASCONCELOS: O Fico — Minas e as Minas da Independência — Edição ilustrada.

105 — PADRE AFRÊNIO VIEIRA: Por Brasil e Portugal — Sermões comentados por Pedro Calmon.

111 — WASHINGTON LEITE: Capitania de São Paulo — Governo de Rodrigo César de Menezes — 2.ª edição.

117 — GABRIEL SOARES DE SOUSA: Tratado Descritivo do Brasil em 1507 — Comentários de Francisco Adolfo Vechageo — 3.ª edição.

123 — HERMANN WATJEN: O Domínio Colonial Holandês no Brasil — Um Capítulo da História Colonial do Século XVII — Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.

124 — LUIS NORTON: A Corte de Portugal no Brasil — Notas, documentos diplomáticos e cartas da Imperatriz Leopoldina — Edição ilustrada.

125 — JOÃO DORVY FILHO: O Padroado e a Igreja Brasileira.

127 — FERNSTO ENNIS: As Guerras nos Palmares (Subsídios para sua História) — 1.ª Vol.: Domingos Jorge Velho e a "Troia Negra" — Prefácio de Afonso de E. Taunay.

128 e 129-A — ALMIRANTE COTRÍDIO JOSÉ DE MELO: O Governo Provisório e a Revolução de 1893 — 1.ª Volume, em 2 tomos

132 — SENASTIÃO PAGANO: O Conde dos Arcos e a Revolução de 1317 — Edição ilustrada

146 — AVELINO PEREIRA: Humana e fatos do meu tempo.

149 — ALBERTO VALADÃO: Da submissão à independência — 1822-1830 — 2.ª edição

158 — WALTER SPARRING: A Revolução Farrapoísta História popular do grande sertão — 1843-1845 — Edição ilustrada

159 — CARLOS SENECA: História das Guerras e Revoluções do Brasil, de 1825-1831 — Tiro de Alfredo de Carvalho — Prefácio de Silvio Costa

168 — PADRE FERNÃO CANTIM: Tratados da Terra e da Gente do Brasil — Tratados e Notas de Batista Cantim, Capitão de Armas e Roteiro Garcia — 2.ª edição

170 — NELSON WENNER SOBRINHO: Pararicaria do Segundo Império.

171 — BASTIEN DE MAQUILLÉRY: Estudos de História do Brasil.

174 — BASTIEN DE MAQUILLÉRY: O Café — No Município, no Foleto e nas Belas-Artes.

180 — JOSÉ HONÓRIO ROBERTOS e JOAQUIM RUIZIO: Civilização Holandesa no Brasil — Edição ilustrada.

181 — CARVALHO FRANCO: Bandeirantes e Bandeirantes de São Paulo.

185 — WALTER SPARRING: A Invasão Paraguáia no Brasil — Documentação inédita — Edição ilustrada.

189 — ALFREDO FELIX JÚNIOR: Fênix e a Primeira Metade do Século XIX.

191 — CRISTIANO COSTA: A Conquista do Deserto Ocidental — Subsídios para a história do Território do Acre — Edição ilustrada — Introdução e notas do Abgar Bastos.

## MEDICINA E HIGIENE

29 — JOAQUIM DE CASTRO: O problema da alimentação no Brasil — Prefácio do prof. Pedro Escudero — 2.ª edição.

51 — OTAVIO DE FREITAS: Doenças africanas no Brasil.

129 — AVALDINO PELLOTO: Clima e Saúde — Introdução biogeográfica à civilização brasileira.

## POLÍTICA

3 — ALBERTO GENTIL: As Ideias do Alberto Góes — (Sistema com índice remissivo) 2.ª edição.

7 — BATISTA PEREIRA: Diretrizes do Rui Barbosa — (Segundo texto escolhidos) — 2.ª edição.

21 — BAPTISTA PEREIRA: Pelo Brasil Malor.  
 16 — ALBERTO TORRES: O Problema Nacional Brasileiro — 2ª edição.  
 17 — ALBERTO TORRES: A Organização Nacional — 2ª edição.  
 24 — PANDIÁ CALZOGHERAS: Problemas de Administração — 1ª edição.  
 67 — PANDIÁ CALZOGHERAS: Problemas de Governo — 2ª edição.  
 74 — PANDIÁ CALZOGHERAS: Estudos Literários e Políticos (Atas N.º 1) — 2ª edição.  
 31 — ALFREDO AMARAL: O Brasil na cena mundial.  
 50 — MÁRIO TRAYMOS: Proteção Continental do Brasil — Prefácio de Pandiá Calzogheras — 3ª edição, atualizada.  
 55 — HILDEBRANÇO ACCIOLY: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América.  
 131 — HILDEBRANÇO ACCIOLY: Limites do Brasil — A fronteira com o Paraguai — Edição ilustrada com 8 mapas fora do texto.  
 84 — ORLANDO M. CARVALHO: Problemas Fundamentais do Município — Edição ilustrada.  
 96 — OSÓRIO DA ROCHA DINIZ: A Política que convém ao Brasil.  
 115 — A. C. TAVARES BASTOS: Cortes do Solitário — 3ª edição.  
 122 — FERNANDO SALGADO DE MEDEIRA: A Liberdade de Navegação do Amazonas — Relações entre o Império e os Estados Unidos da América.  
 141 — OLIVEIRA VIANA: O Idealismo da Constituição — 2ª edição, atualizada.  
 169 — HELIO LOBO: O Pan-Americano e o Brasil.  
 172 — NEYTON DEANTE: A Ordem Política e a Organização Política Nacional — (Contribuição à Sociologia Política Brasileira).  
 192 — VISCONDE DE CARNAXE (Antônio de Souza Pedroso de Carvalho): O Brasil na Administração Pontifical — (Economia e Política Externa) — Prefácio do Almirante Peixoto.

### VIAGENS

3 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Segunda Viagem ao Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822) — Trad. e prefácio de Afonso de E. Taunay — 2ª edição.  
 53 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem à Província de Santa-Catarina (1820) — Trad. de Carlos da Costa Pereira.  
 68 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem às nascentes do Rio São Fran-

cisco e pela Província de Goiás — 1ª tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lousa.  
 78 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás — 2ª tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lousa.  
 72 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Segunda Viagem ao interior do Brasil — "Expedição Santa" — Trad. de Carlos Madeira.  
 125 e 125-A — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas-Gerais — Em dois tomos — Edição ilustrada — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lousa.  
 161 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem ao Rio Grande do Sul — 1820-1821 — Trad. (da de Leonora de Azeredo Pereira) — 2ª edição, ilustrada.  
 19 — AFONSO DE E. TAUNAY: Visitante ao Brasil Colonial (1564-XVI-XVIII) — 2ª edição.  
 28 — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES: Viagem ao Araguaia — 4ª edição.  
 32 — C. DE MELO-LEITÃO: Visitantes do Primeiro Império — Edição ilustrada em 13 fascículos.  
 62 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: O Rio São Francisco — Edição ilustrada.  
 95 — LUIZ AUGUSTO E ELISABETH CANTAGALHE: Viagem ao Brasil — 1865-1866 — Trad. de Edgar Siskind de Mendonça — Edição ilustrada.  
 113 — QUERQÛO CRUZ: A Amazonia que eu vi — Os dois — Tumut-Bumao — Prefácio de Riquette Pinto — Ilustrado — 2ª edição.  
 114 — VON SELB e VON MARICUS: Através da Bala — Excerços do "Reise im Brasil" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.  
 130 — MAJON FERDINANTO RONDON: Na Romênia Ocidental — Ed. ilustrada.  
 145 — SILVEIRA NETO: De Guará nos Salto da Iguaçu — Ed. ilustrada.  
 160 — ALFRED RUSSEL WALLACE: Viagem pelo Amazonas e Rio Negro — Tradução de Orlando Torres e prefácio de Basílio de Magalhães.  
 161 — RUIZENOR ITABEM: Reservas do Brasilidade — Edição ilustrada.  
 105 — CEL. AMILCAR A. BOTELHO DE MAGALHÃES: Pelos Sertões do Brasil — 2ª edição, ilustrada.  
 197 — RICHARD F. BURTON: Viagens nos Planaltos do Brasil (1863) — 1ª Tomo — Do Rio de Janeiro a Morro Velho — Tradução de Antônio Jacobina Lacombe — Edição ilustrada.

NOTA: Os números referem-se aos volumes por ordem cronológica da publicação.

# Viagem ao Tapajós

HENRI COUDREAU

# VIAGEM AO TAPAJÓS

28 de julho de 1895 — 7 de janeiro de 1896

★

*Tradução de* A. DE MIRANDA BASTOS  
*Anotações de* RAIMUNDO PEREIRA BRASIL

Obra ilustrada com 37 gravuras  
e uma carta do rio Tapajós

COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — PORTO ALEGRE

*Titulo do original:*

VOYAGE AU TAPAJOS

A. Lahure, Éditeur — Paris, 1897.

## CAPITULO I

De Belém a Salto Augusto. — O Amazonas. —  
O Tapajós, considerado como via de penetração.  
— O baixo Tapajós. — Visitas. — Paisagem.  
— Partida.

Incumbido pelo sr. Lauro Sodré, governador do Pará, de uma missão científica no rio Tapajós, parto da capital do Estado a 28 de julho de 1895, às 9 horas da manhã, a bordo do "Imperatriz Tereza".

Meu destino é as fronteiras de Mato Grosso. Em linha reta, mais ou menos a mesma distancia que de Paris a Lisboa.

Mas o caminho é menos facil. De Paris a Lisboa, ha tres nações, grandes, todas tres, no presente ou no passado. De Belém a Salto Augusto, para onde vou é sempre o Estado do Pará, um dos vinte da Federação brasileira, Estado ainda muito pouco povoado, apesar das suas riquezas naturais ou adquiridas. De Paris a Lisboa, as tres nações galo-ibericas sustentam 60 milhões de habitantes; a totalidade do Estado do Pará não

possue nem meio milhão, entre civilizados e indígenas! (1).

Esta penuria de população e um regime hidrografico especial, que não apresenta, além dos limites do grande vale amazonico, senão cursos d'agua cortados de quedas e rapidos, explicam a situação actual deste imenso e magnifico planalto, ainda hoje quasi deserto, não obstante a abundancia das suas riquezas naturais e a excellencia do seu clima.

De Belém á embocadura do Tapajós, são perto de 800 quilometros sobre o grande rio. A viagem faz-se lentamente: nosso vapor preocupa-se mais com os fretes que com a velocidade. Seria uma agradável viagem de turista, para quem pudesse ter, em lugar de objetivos praticos, apenas olhos de curioso e de artista. (2).

Eis-nos nos canais que separam a ilha de Marajó do continente; a noite desceu, e faz frio, bastante frio, mesmo. Paramos uma hora em Bom Jardim dos Mouras, depois chegamos a Pucurui, casa do sr. Cezar Carvalho de Moura Serra.

---

(1) A população do Pará em 1895 era só de habitantes civilizados, segundo o censo demografico daquele anno, de (1.600.000) um milhão de habitantes, fora as populações indígenas mundurucus, macis e apicás, que excediam de quatro mil indígenas, os quaes mantinham commercio de compra e venda com os negociantes do rio e seus afluentes: Cabituti, Crepurí, Rio das Tropas, Cadereí, Cururú e S'io Manoel, como espalhados em estabelecimentos em ambas as margens do Tapajós, desde as Cachoeiras do "Mangabal" até o lugar denominado "Pesqueirão" pouco abaixo da foz do rio Cururú, como pela margem esquerda do Tapajós, com a tribo, Maué, em compra de borracha e guaraná, até os limites com o Amazonas.

(2) A viagem não se faz lenta pela preocupação dos fretes das mercadorias que conduz. A viagem obedece aos interesses economicos dos habitantes da zona percorrida pelo seu itinerario. São interesses maximos da economia do Pará, através de seus centros de produções.

Tenho ainda na retina este ultimo logar: a embarcação encosta numa comprida ponte, a que se seguem longas salas; no fundo, numa quasi ilha, um jardimzinho metade suspenso, em caixas.

Às 11 horas da noite, Gurupá. Em seguida, após uma noite clara, um ceu matinal de doçura exquisita, com um maravilhoso despertar de sol sobre a linha arborizada do Amazonas. (3).

Mais adiante é a pequena "Suissa amazonica", quero dizer, o sistema de montanhas Jari-Parú-Paraguara-Ereré, região tão pitoresca quanto salubre e rica, um dos pontos mais favoraveis ao ensaio em grande escala da colonização européa.

Às 3 horas, ancoramos num porto chamado Curupaiti (onde temos de deixar, creio, uma meia tonelada de carga, o que basta para molivar uma parada do vapor), e seguimos sem escala até Prainha, que atingimos á meia noite, e onde demoramos duas horas.

Às 6, entramos no Gurupatuba; ás 7 e meia, estamos diante de Monte Alegre, com sua ponte e trapiche ainda em construção. (4).

Às 2 horas e -10, atracamos, na margem esquerda, no sitio Paranacuára, onde avistamos algum gado, numa "aberta" dos campos ribeiri-

---

(3) Gurupá, cidade á margem esquerda do rio Amazonas, lembrada como sentinella avançada no tempo da conquista da Amazonia. Ainda existem ali, na barraoca do rio, as muralhas de uma fortaleza, onde se encontram velhos canhões usados naquella epoca; isto ha mais de tres seculas.

(4) Monte Alegre é uma cidade onde se encontram, em terrenos de seu patrimonio, termas de aguas sulfureas e alcalinas de alta significação terapeutica, como se encontra outro em terras de seu municipio. Terras de formação definitiva, com clima entre os melhores do norte do Brasil.

nhos, baixos, inundados durante o inverno. As 4 e 30 chegamos ao Cacau Grande.

Cacau Grande, sobre a margem norte (e não na sul, como figura em certas cartas, por engano), fica defronte da serra Curuá, que está na margem sul, um pouco acima da vila imaginária marcada na maior parte das grandes cartas com o nome de Torou, e também na margem norte. (5).

Cacau Grande é a exploração agrícola mais importante do Amazonas. Os srs. Paiva, pai e filho, os proprietários, fizeram dele um estabelecimento modelo. Ai têm, não só grandes plantações de cacau, mas uma criação de gado (fazenda de gado). Um pequeno "Decauville" corta as terras e, por uma ponte-lançada de aproximadamente 100 metros, em madeira e ferro, alcança o pequeno "trapiche do cacau", onde costumam os vapores.

Parece que ai foi bem posta em pratica a divisa pintada em grandes letras numa das paredes mais aparentes das construções da propriedade:

### TRABALHO COM CIENCIA PROGRESSO COM PRUDENCIA

A Amazonia verá seguramente um dia, nas suas selvas transformadas, muitos "Cacau Grande". Haver criado o primeiro não deixa, porém, de ser uma verdadeira honra, e do melhor quilate.

---

(5) Não é imaginária a vila com o nome de Torou; ao invés de vila era um povoado de casas coberto de palha dos nossos abundantes palmeliaes, povoado esse que abrigava mais de 200 pessoas all residentes.

Após algumas horas passadas com os Paiva, retomamos nossa viagem. Pelo meio da noite paramos por poucos minutos numa habitação chamada Sant'Ana do Tapará. O "Imperatriz Tereza" quasi toca a terra; colocam uma prancha do barracão de desembarque para o convex do navio, e logo começa o vai-e-vem de homens e mercadorias.

Às 5 e meia da manhã escalamos em Alemquer. Uma ponte de parapetos, de grande extensão, atravessando um terreno que no verão fica descoberto, faz comunicar nosso vapor com o trapiche, na terra firme. (6).

Em continuação vem Santarém, onde o juiz de direito, sr. Turiano Meira, que veio procurar-me a bordo, me entrega cartas oficiais ou officiosas para o Tapajós. Aqui embarca, com destino a Urucurituba, o coronel Torquato José da Silva Franco, importante comerciante do Tapajós, e com destino a Itaituba, o sr. Joaquim Lopes Bastos, negociante de Santarém, proprietario da lancha a vapor "Cidade de Santarém".

Santarém, a despeito da sua posição geográfica e da qualidade do seu clima, parece-me muito longe de chegar aos 10.000 habitantes que lhe dão generosamente certas estatísticas. Ouvi emprestarem na região, na maior parte das vezes, um máximo de 3.000 habitantes á "capital da Tapajonia",

---

(6) Alemquer é uma das boas cidades do Estado do Pará, com uma população superior a 8.000 habitantes, emporio de grande commercio com a capital do Estado e municipios vizinhos e circunvizinhos. Está situada dentro de um dos grandes "paraná" da margem esquerda do rio Amazonas.

e esta avaliação é que me parece andar perto da verdade.

Santarém é ainda rio Amazonas, mas é já também Tapajós. (7).

Este é o ultimo grande curso d'agua occidental do planalto central brasileiro, o ultimo dos cortados de quedas, no rumo de oeste. E', ao mesmo tempo, o ultimo que, na sua marcha, procura a direção do Sul-Brasil e do Rio de Janeiro; os outros afluentes meridionais mais acidentais, não dão mais que o caminho da Bolivia e do Perú.

E' no que reside a importancia estrategica toda especial do Tapajós, não como via de navegação, mas como futura linha de transitio.

Em verdade, no planalto brasileiro, as vias de grande comunicação não poderão ser os cursos d'agua, todos interrompidos por quedas e rápidos, como se descessem os degraus dum anfiteatro. Pode-se dizê-lo desde já (pois trata-se aqui mais duma virtualidade, que duma empresa a tentar em breve prazo) o futuro do grande planalto central brasileiro está nos caminhos de ferro.

E' mistér saber adaptar-se aos fatos: aí onde a natureza plantou um sistema de montanhas e planaltos, será mais facil abrir caminho para a locomotiva que para o navio. Sobretudo, considerando que esses planaltos acidentados apre-

---

(7) Santarém está assentada á margem direita do rio Tapajós, bem na foz deste rio, cuja confluencia com o rio Amazonas forma um dos mais belos panoramas da rede fluvial do rio-mar. Santarém em 1895, ao contrario do que informaram, de que não excederia de 3.000 habitantes a cidade, naquela epoca o censo demografico acusava uma população de 12.000 almas, o que era uma verdade.

sentam, em boa parte do seu percurso, campos — prados de qualidade boa ou mediocre, aí existentes como que para indicar a linha natural de penetração transcontinental ao baixo Xingú, á Bolivia e ao Chile.

Basta alentar sobre a carta, na posição destes campos: estão pouco mais ou menos no centro da America do Sul, a igual distancia do Rio de Janeiro, de Belém e dos portos septentrionais do Chile — um pouco mais proximos de Belém, o que todavia representa para este porto uma circumstancia de primeira ordem.

Sem proclamar o desejo duma “Estrada de Ferro Pará-Chile”, é, entretanto, facil de prognosticar que quando esta for realizada, atravessará necessariamente estes campos gerais do alto Tapajós, que são uma das mais belas posições estrategicas do interior do continente sul-americano.

Quem sabe se os ultimos Mundurucús, que pouco a pouco se extinguem nestas areas cada vez mais desertas, não viverão bastante para ver a passagem das primeiras locomotivas do “Grande Central Ando-Paraense”? E quando isto acontecer estes campos, que, graças á sua altitude, desfrutam dum clima excelente, não se tornarão preferidos pela emigração européa? O Novo Mundo transforma-se rapidamente e está habituado a deslumbrar com suas bruscas metamorfoses os povos menos jovens do Velho Continente.

Enquanto espera seus destinos proximos ou distantes, o Tapajós apresenta desenvolvimento bastante modesto, posto que apreciavel. A parte

inferior do seu curso, da embocadura á primeira cachoeira, não mostra quasi progressos, porem este é sensível na parte encachoeirada. Particularidade devida, ao que parece, á diferença de climas. O Tapajós, para baixo das cachoeiras, é mais quente, mais humido e mais febril que o Tapajós das cachoeiras. E, quanto mais se avança para as terras altas do interior, mais se encontra um clima agradável, temperado, sadio.

Apezar de não ser senão um longo vale humido e quente, o Tapajós inferior comporta um pitoresco que sem duvida não foi extranho ao estabelecimento do grande numero de povoações que se succedem sobre as suas margens.

Desde o principio, a margem direita se alteia, exhibindo uma serie de colinas que continuant as de Santarém. A margem esquerda, primeiramente baixa, eleva-se a seguir, sensivelmente. E logo, até Haituba, as duas margens oferecem, alternada ou simultaneamente, paisagens de verdadeira beleza, das quais uma das mais notaveis é a da montanha de Altér do Chão, tronco de cone meio desnudo que se alça bruscamente sobre a riba.

Destas povoações, que surgem e desaparecem após uma vida mais ou menos breve e mais ou menos feliz, a primeira, aguas abaixo, é Boim, na margem esquerda, junto á ponta de São Tomé.

Boim existia já no seculo passado, sob o nome de Santo Inacio, como aldeia de indios catequizados pelos padres jesuitas. Em 1758 foi elevada á categoria de vila, sob a denominação actual de Boim. Em 1833, sua decadencia era completa; deixou de ser vila. Em 1869, o lugar havia quasi

desaparecido. Hoje, terá no maximo cincoenta casas, habitadas ou não.

Deixando Boim ás 10 horas da noite, ás 4 da manhã locamos em Aveiro, localidade fundada em 1781 por ordem do governador J. de N. Teles Menezes, que para ai mandou 200 pessoas. A aldeia começou prospera, depressa obtendo o titulo de vila, mas successivas invasões de formigas de fogo, tornaram-na, pelo meiado deste seculo, inabitavel. Em 1833, segundo Baena, sua população total era de 313 pessoas, das quais 273 brancos e indios, e 40 escravos. Quinze anos mais tarde o logar estava completamente despovoado.

Atualmente, conta umas sessenta casas. (8).

E' um pouco acima de Aveiro que desemboca, do lado direito, o Cupari. E' rio importante. Um dos mais conceituados dos seus moradores, o sr. Almeida Campos, de acôrdo aliás com a opinião geral no baixo Tapajós, apresenta-me p Cupari como "a perola" da região, por motivo da extrema fertilidade das suas terras e a abundancia de productos minerais que encerram: gesso, pedra de cal, amianto, etc.

Defronte, um pouco abaixo, deparam-se os vestigios das antigas aldeias de Santa Cruz e Pinhel. A primeira foi uma aldeia de Mundurucús, que somava 507 silvícolas em 1818. Pinhel jamais foi tão importante, mau grado os sacrificios feitos em homens e dinheiro para povoá-lo.

Urucurituba, com excelente posição sob o ponto de vista clima, fica a uma hora de vapor abaixo

---

(8) Em 1835 a população do municipio era de 3.000 almas e a sede — Aveiro — 1.000 habitantes.

de Brasília. Possui cerca de 50 casas, entre as quais a do coronel Torquato da Silva Franco, com importante negocio.

Brasília, (ou Brasília Legal), na margem esquerda, foi fundada em 1836 por um destacamento de voluntarios encarregado de repelir os ataques dos "cabaos". Desde essa epoca, não passa duma quinzena de casas. (9).

Perto começam, sobre a margem esquerda, colinas bastante fortes, que se continuam até as bordas do Arapixuma. (10).



Itaituba, vista do meio do Tapajós.

As 9 horas da manhã de 2 de agosto fundeamos em face de Curi na margem esquerda, por detrás das ilhas, na boca do igarapé do Curi. Foi uma aldeia de Mundurucús, fundada em 1799. Em 1846 suas casas de palha não excediam de uma duzia. Em 1840 contava uma população indigena de 299 pessoas, reduzidas em 1869 a 75.

(9) Brasília Legal tomou este nome por ter sido o reduto da legalidade em 1836. Contava em 1895, cerca de 50 casas, todas habitadas com mais de 400 habitantes.

(10) Arapixuma é um afluente do Tapajós, pela margem esquerda, abaixo de Baím e acima de Santarém, desembocando na chamada baía de Villa Franca.

Ao meio dia estamos em Santarémzinho, sobre a margem direita, e á 1 hora e meia, em Uxituba.

Uxituba, tambem antiga aldeia de Mundurucús, fica igualmente na margem direita do Tapajós, pouco aquem mas quasi á vista de Itaituba. Em 1833 possuía, segundo Baena, 48 baracas, e tinha por habitantes 485 indios, 2 brancos e 4 escravos. Em 48 a população descera a 343 pessoas, e em 1869, a 100. No presente, seus habitantes são apenas 50.

Não longe de Uxituba, no igarapé Tapacurá-Mirim, descobriam recentemente, parece, jazidas de petroleo bastante importantes. (11).

Ás 4 da tarde desembarcamos em Itaituba. O vapor vai até mais acima, proximo da primeira cachoeira, mas as minhas cartas de recommendação são para aqui, onde devo encontrar maiores facilidades no preparo da minha excursão.

Informam-me que o "Imperatriz Tereza", de baixada, conduzirá para Belém o sr. Franco de Sá, juiz de direito, que me poderia ser muito util. E' um incidente pouco agradavel, mas sem remedio porque o sr. Franco de Sá precisa descer urgentemente para tratar-se das febres que adquiriu.

---

(11) Ha engano quanto á noticia do aparecimento de petroleo no Igarapé Tapacurá-Mirim, ou como geralmente é chamado: Tapacurá-zinho. Onde consta que houve indícios do afloramento de petroleo, ha muitos anos antes de 1893, foi no rio Copari, na mesma margem direita do Tapajós, pouco acima da vila de Aveiros. Ainda hoje ha essa constante preocupação da existencia do petroleo naquele affluent do Tapajós.



Minha residencia em Itaituba.

Itaituba, onde me demoro de 2 a 22 de agosto, conta, paralelamente ao Tapajós e numa unica linha, umas trinta casas, das quais oito ou nove de commercio, mais ou menos importantes. Por trás são jardins, em regra mal conservados, projetos de ruas e capoeiras. Entre a linha de casas e o rio, duas palmeiras reais, quatro mangueiras e qualquer coisa que, não sendo nem prado, nem gramado, nem praça publica, participa dos três.

O logar é maisão. Além disso, como os hábitos são absolutamente os mesmos das nossas pequenas cidades da Europa, comprehende-se que uma estada aqui de tres semanas é capaz de parecer mais longa que uma permanencia de tres anos em Belem ou no sertão.

A capital ou o deserto! Ha pessoas que julgam ser imprescindivel uma boa dose de filosofia para poder viver em outra parte fora dos grandes centros. Não foi essa, entretanto, a opinião de Cesar, dizendo que mais vale ser o primeiro numa freguezia que o segundo em Roma! (12).

Miritituba, defronte de Itaituba, correspondeia melhor a este programa. Ai não se vê mais que uma habi'ação, a do coronel Bernardino Rodrigues de Oliveira. Um pouco a jusante fica a casa dum morador de quem não obliue o nome, e um pouco a montante, a do sr. Antonio Bentes

---

(12) Itaituba em 1855 tinha numero superior a 100 casas habitadas com uma população acima de 800 almas. Fica a margem esquerda do Tapajós, foi fundada pelo então tenente Joaquim Caetano Correa, membro de uma das mais eminentes familias que impulsionou o Commercio Tapajonense e das que mais embelezaram Santarem com suas melhores edificações. O tenente Joaquim Caetano Correa foi um dos grandes obreiros do progresso do rio Tapajós, notadamente da sua parte enchebeirada ate a confluncia do rio São Manoel.

Paranatinga, associado daquelle numa exploração no rio São Manoel. No seu Miritituba, Bernardino está como Cesar esteve em Roma até os idos de março.

Ajuntemos que existe em Itaituba um piano suportavel, e estará suficientemente esboçada a fisionomia do centro itaituba-mirititubense.

Daqui por diante, até a partida (que não devia ter lugar antes do dia 22), teremos uma sucessão de acessos de febre e de visitas.

Estamos alojados na casa em que morreu, ha poucas semanas, um engenheiro suiso, o sr. Gustave Toepper, que procedia a levantamentos no Tapajós.

Não sei se é o ar da casa mortuaria, ou a atmosfera um tanto pesada e febril deste baixo Tapajós, mas não tardamos a cair doentes todos tres: a senhora Henri Coudreau, que dois anos de peregrinação no Contestado franco-brasileiro, aclimaram regularmente, eu e um jovem parente, vindo conosco para tentar a colonização nas margens do Amazonas, o sr. Leon Ravourdin, que quer iniciar-se na sua vida de plantador por uma pequena viagem de estudos através do Brasil.

No que concerne ás minhas mazelas e ás dos meus, costume não fazer estatísticas. Posso afirmar porém, sem receio de ser perseguido por exercicio ilegal da medicina, que para todas as febres benignas amazonicas, conheço um especifico soberano: viajar! E' o que vamos fazer.

Quanto ás visitas, poderíamos evitá-las pelo mesmo processo, mas, além de não ser correto, perderíamos algumas vezes um prazer, como, por

exemplo, o de receber o sr. Bento Candido de Moraes, substituto do juiz de direito, o intendente Adrião Caldas e sua senhora, o sr. Cel. José Joaquim Lages e sua excelente familia, bem assim o sr. Bernardino Rodrigues de Oliveira, que deve proporcionar-me facilidades para a viagem ao alto; e dona Francisca Maria da Conceição Corrêa e sua familia, e o sr. Jacob Essucy, e outros.

Entre os preparativos da partida, a vida triste de todas estas povoações longinquoas.



Grupo á sombra das mangueiras, em Itaituba.

Daqui não guardo com intensidade senão a lembrança dum profundo silencio que, ás tres horas da tarde, cai pesadamente dum céu de borrasca sobre a terra adormentada; e também, de alguns bois melancolicos, pastando na praça pública, entre as quatro mangueiras e as duas palmeiras reais.

Isto tem algo de biblico; assim se passará, sem duvida, também no dia do Juizo Final: uma obscuridade quasi completa, tombando em pleno dia dum céu bizarro.

Ah!... se nossos escritores e pintores das novas escolas soubessem o que perdem em não conhecer a Amazonia!...

Aplainadas as ultimas dificuldades de organização da viagem, pelo sr. José Joaquim de Moraes Sarmiento, deputado da região no Congresso estadual, fica assentado que atravessaremos hoje, 19 de agosto, para Miritituba, afim de aguardar, na residencia do sr. Antonico Bentes Paranatinga, que tudo esteja pronto para que este nos conduza ao Chacorão, pouco abaixo da confluencia do alto Tapajós com o São Manoel, ou, como fôra chamado em varias Cartas Geograficas, São João da Barra.

No Chacorão resolverei, conforme as circunstancias, o prosseguimento da minha empreitada.

## CAPÍTULO II

Partida de Miritituba. — Enseadas e baixios. — A serraria do Tapacurá. — Primeiros campos. — Goiana e Lauritania. — O correio. — As cachoeiras do baixo Tapajós. — Maranhãozinho e Maranhão Grande. — Furnas. — O dançarino de corda. — Cachoeira do Apui — A Estrada das Cachoeiras. — Cabolino e Frechal. — As pequenas cachoeiras do baixo Tapajós. — Rio Jamanchim. — Índios Parintinlins. — Brasil. — Fechos. — Montanha. — Índios Maués. — Igarapé-Assú. — Pedro Pinto. — Primeiros Mundurucús. — A Missão de Bacabal. — Rochedos de Cuatá-Cuara. — Rio Crepori. — Cantagalo. — Rio das Tropas. — Guerra. — Tartaruga. — Cabelutú e Cadereri. — O Chacorão. — Chegada à casa de Cardoso.

Após algumas dessas horas que bem podemos considerar das mais emocionantes da vida — as que precedem imediatamente as grandes partidas — largamos de Miritituba às oito da manhã da quinta-feira 22 de agosto de 1895.

Ficam para a relaguarda a aglomeração Itaituba-Miritituba e seus tres igarapés, o Piracaná, o Bom Jardim e o Samburi, os dois primeiros, da margem esquerda, o ultimo, da direita; aquêles, com seus seringais explorados; o Samburi, com suas terras baixas, apresentando, aos fundos de

Miritituba, pequenas planícies sofrivelmente alagadas; os dois primeiros, de certa importancia, o terceiro, simples riacho.

Vamos os paranás-mirins das ilhas do Curral, pequeno arquipelago em que começam a aparecer alguns campos de pequena extensão. Na margem direita, em terra firme, espaçam-se sete habitações, preocupando-se já com a criação do gado, posto que absorvidas quasi completamente pela colheita da borracha.

*Fronteiro á ponta de cima da ilha Grande do Curral desemboca o igarapé do Capituã, onde trabalham na "hevea" bom numero de maranhenses e cearenses. Adiantê, depois de passar o igarapé Itapeua e a boca do lago do mesmo nome, é Paini, onde pernoitamos.*

Paini compõe-se de duas casas; uma, parece, teve outrora certa importancia; ambas, hoje, ameaçam ruir.

À curta distancia de Paini, o Tapajós apresenta a primeira dessas enseadas ou augra — especie de reconcavo de apparencia circular, produzindo um alargamento do rio — que frequentemente apparecem daí para cima. É a enseada de Tatúcuára, que, nas aguas grandes, ocasiona uma *correnteza das mais violentas, bastante mais perigosa que muitas cachoeiras, para os que querem dobrar a ponta de Tatúcuára.*

Nessa enseada, margem meridional, sacm dois igarapés: o Xururú e o Tapacurá, este bem importante.

Durante largo tempo o Tapacurá acompanha o Jauamaxim na sua marcha para o sudoeste.

À uma hora em canoa da embocadura, apresenta uma grande queda, a cachoeira dos Americanos, assim chamada por ter sido aí que americanos do norte estabeleceram, ha já varios anos, uma serraria, a respeito de cujos resultados não me sabem dizer grande cousa.

— Os americanos -- dizem-me — fizeram uma grande escavação... encontraram ninguém sabe o que... foram embora e não voltaram mais!...

Na altura da enseada começam os primeiros campos de certa extensão. Do igarapé Itapeua ao do Primoto, ha-os de ótima qualidade, onde J. L. Cardoso, do Chacorão, mantém um rebanho de uma centena de cabeças bovinas. Defronte, na ilha do Tapucú, ha também campos que se prestariam admiravelmente à pecuaria. Sem falar nos que, sendo mediocres, se estendem sobre a margem direita, do canal do Itapucú á ilha de Goiana.

Esta — ou mais propriamente, a enseada de Goiana, entre a ilha do mesmo nome, a terra firme e a ilha de Lauritania — é, no presente, como forçosamente será sempre, o "terminus" da navegação livre do baixo Tapajós.

E' que, tão depressa se transponha a Goiana, se apanham, desde a ponta inferior da Lauritania, as primeiras correntezas da cachoeira do Maranhãozinho. E, a partir desta, não ha mais que cachoeiras, travessões, saltos, bancos, até as fronteiras, e mesmo, até o coração de Mato Grosso.

Para baixo das duas ilhas é o rio livre, acessível aos vapores; para cima é obstruído, ca-

brilando de queda em queda, correndo de rápido em rápido. Para jusante é o Vale Amazônico; para montante, o Planalto Central Brasileiro.

Após intermináveis lateamentos, compreende-se hoje que o ponto ideal indicado para cabeça do Tapajós navegável é o de contacto deste com o Tapajós das cachoeiras. Ficaria muito espantado se daqui a alguns anos não visse erguer-se na enseada de Goiana-Lauritania uma pequena cidade de rápido desenvolvimento.

No momento, ha ali, no maximo, uma dezena de construções. Os vapores chegam, encostam no ponto escolhido; empurram uma prancha de bordo para terra, e eis o trapiche! Em Goiana, em Bela Vista, em Lauritania, as facilidades são exactamente as mesmas.

E' de Lauritania, ilhota de trinta e nove hectares, propriedade do muito simpatico sr. Joaquim José Pereira da Cunha, que partimos para a luta com AS CACHOEIRAS!

Por mais habituado que esteja neste genero de viagens, não é sem um estremecimento do coração que mais uma vez me lance à disputa contra as grandes aguas furiosas dos rios heroicos.

Poesia!... dirão. Um proverbio local responde: *Não ha inferno para os cachoeiristas, porque elles muito sofreram já no purgatorio!*

Entretanto, ha atralvos nesse perigo. Pouco adianta haver naufragado repetidamente nas cachoeiras; nada impedirá de afrontá-las de novo. O arriscado exercicio torna-se em breve uma emoção necessaria. Os accidentes podem ser frequentes; ninguém considerará o perigo senão

como antecipadamente vencido. E' talvez porque o rio tem cachoeiras que se povôa, e não, apesar de lê-las. A difficuldade em nada interrompe a vida; apenas faz esta mais intensa.

Vamos com cento e sessenta e seis cartas para os moradores do interior! Cada canoa que passa á nossa frente conduz um correio mais ou menos importante.

Logo que se deixa Lauritania apparece Maranhãozinho. A cachoeira é dividida longitudinalmente em duas partes pela grande ilha do Tacuará. Na margem esquerda é o grande braço do rio, com uma cachoeira não muito impetuosa, mas que possui rebojos arriscados. Na direita, uma ilha bastante grande, que divide o braço oriental do rio em dois canais: o canal Novo e o canal Grande, cada um com tres travessões. Por fim ha o furo do Pacú, que vai sair em face de Bela Vista, e que mesmo com as aguas grandes não dá senão simples correntezas, o que permite evitar, durante uma parte do ano, o maior trecho da cachoeira, aliás pouco perigosa.

Na extremidade meridional da ilha de Tacuará apparecem ainda algumas correntezas, que se podem considerar como pertencendo ao sistema do Maranhãozinho.

Imediatamente acima, o rio é como que barrado pela cadeia do Maranhão Grande: serra do Tracuá, montanha do Frechal, montanha do Maranhão Grande, montanha das Furnas, na margem esquerda; serra do Gervasio, na oposta.

O sistema do Maranhão Grande é triplo, comprehendendo a queda central, espumosa e violenta,

porem pouco elevada; a cachoeira de saída do furo do Frechal, na margem esquerda; e tres pequenos braços, entre ilhas: de baixo para cima, Periquito, Maracanã, Papagaio, que facultam, á escolha, ou antes, de acôrdo com a fôrça das aguas, evitar o Maranhão Grande. No inverno servem-se geralmente duma cestas tres passagens. Quanto ao furo de Frechal, dizem-me, contem mais numerosas e mais arriscadas cachoeiras que o grande braço do rio; ninguem poderia nele tra-fegar por agua.

Pouco acima de Maranhão Grande fica Furnas. Furnas não existem em realidade senão nas grandes aguas, quando perigosas, não só pela sua fôrça, mas sobretudo pelos seus redemoinhos, que jogam violentamente as embarcações sobre os rochedos.

Em Furnas é que mora Boaventura da Silva, um dos passadores e salvadores mais acreditados das cachoeiras do baixo Tapajós. São numerosas as vitimas do Apui, que Boaventura salvou. De quando em quando, êle ou seus homeus ouvem gritos, apêlos desesperados: é um naufrago. Boaventura corre para praticar mais uma boa ação.

Hoje, domingo 25 de agosto, a casa de Boaventura está em festa. Ha teatro! E' um dansarino de corda e seus palhaços, ambos ceareuses, penso, que, em "maillot", vestidos como verdadeiros artistas, dão uma representação. Receita: 32\$000. Que negocio!... e que feliz e filosofica existencia para os nossos desenganados do equilibrio europeu!

Na manhã seguinte, acompanhados pelo nosso equilibrista, que rema na nossa canoa, atravessamos de Furnas à ilha do Cuatá.

Duas pequenas cachoeiras, perigosas nesta época, Cuatá e Trovão, cortam o canal oriental do rio; o ocidental, ou braço de Cuatázinho, que não apresenta senão a cachoeira de igual nome, não tem água suficiente para que passemos com a nossa igarité. Cuatázinho, não praticável no verão, está com seus pedrais recobertos duma vegetação de arbustos raquíficos, formando uma como cortina unindo as duas matas vizinhas.

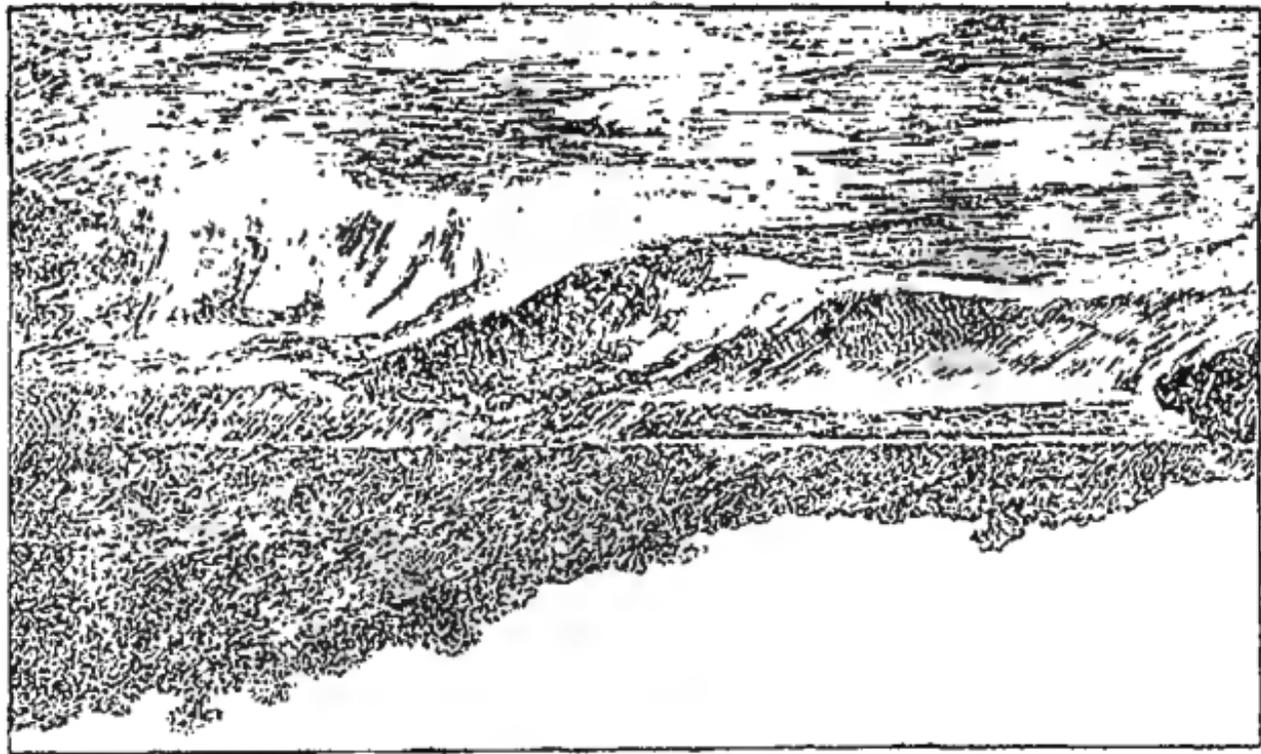
A pequena ilha do Cuatá é a primeira das duas grandes estações do caminho por terra — Cuatá e Apuí — na passagem das cachoeiras do baixo Tapajós. Em Cuatá e Trovão as embarcações passam vazias; a carga é transportada por terra. Desta forma, mesmo tendo alguma sorte, são varios dias perdidos no fastidioso trabalho de carregar à costa de homem, por maus atalhos, mercadorias frágeis ou estorvantes. Chegamos a Cuatá a 26 de agosto, só a 2 de setembro à noite chegamos à casa de Manoelzinho, a montante do Apuí, cerca de uma legua do ponto de partida.

Cuatá é um curto e vigoroso rapido durante as cheias; seus rebôjos formam funil. Nessas ocasiões, toma-se por um estreito canal, no lado oriental, canal já quasi em sêco nas aguas medias.

Trovão, a despeito do seu nome rumoroso, não passa duma cachoeira de terceira ordem, nem bastante barulhenta, nem bastante perigosa.

Apuí é das mais respeitadas. Na sua bacia central, especie de circo apertado a menos de cem

Pançada do norte, do Apuí.



metros de diametro, todo o Tapajós cai por quatro brechas, que são outras tantas formidaveis cachoeiras: o rapido da Praia, quasi em sêco no verão, mas de grande impetuosidade nas aguas grandes; o canal Novo, que se escolhe de ordinario, durante a maior parte do ano; o canal do Oeste, que ninguem experimentou até o presente; e o do Norte, que tem uma pancada de uns tres metros, quasi a pique.

Grande numero de monticulos de cincoenta metros de altitude relativa, no maximo, espalham-se pelas margens do Apuí. Da pequena praia de areia donde parte o atalho de baldeação da carga o circulo do Apuí parece um lago entre colinas.

Toda a região é estranha. Enormes rochedos, alguns bem a prumo, levantam-se do leito da bacia, não desaparecendo nem nas enchentes. De todos os lados, ao norte, ao sul, a leste, a oeste, quedas, saltos, cachoeiras arrogantes.

Para cima, as demais cachoeiras do baixo rio são muito menos importantes. Uruá, Curimatá, Tamanduá, Bujuré, não vão alem de rapidos, que não intimidam quem tiver bom piloto e boa canoa. Só Bujuré, no inverno, infunde certo temor.

Na altura deste ultimo, por traz da ilha de Abitiból, surge o igarapé Taborari, não navegavel, e que não seria digno de menção se aí não houvesse varios seringais em exploração.

A 5 de setembro detemo-nos na casa do piloto Antonio Bahia dos Santos, por cima da cachoeira do Bujuré, para reparar nossa canoa, que se avariou na subida do Tamanduá.

Atingindo o lugar denominado Maciel, pertencente hoje ao sr. Gualdino Maximiano de Sousa, está-se fóra do que se convencionou chamar "as cachoeiras do baixo Tapajós". Para a frente, as cachoeiras continuam, mais ou menos fortes, mais ou menos perigosas, pois que se repetem até as fronteiras de Mato Grosso e mesmo adiante, mas não são mais "as cachoeiras do baixo Tapajós".

Esta designação equivocada fez pensar que para cima do Bujurú o rio era livre. De outra sorte não se explicaria a insistência com que recentemente se falou em construir uma estrada contornando estas cachoeiras. Tratava-se, nada menos, que rasgar uma passagem do igarapé Piranga, fronteiro á ilha Tapucú, á bôca do igarapé Pimental, com o fim de flanquear, de um golpe, todos esses obstáculos.

Mas o engenheiro encarregado dos estudos logo constatou que tal estrada seria extremamente dispendiosa, por ter de atravessar mais de duas duzias de igarapés, furos, paranás-mirins ou igapós. E no fim não teria nenhuma utilidade, porquanto se limitaria a substituir por uma baldeação unica, longa, fatigante e ruinosa, as varias baldeações ora existentes, todas estabelecidas no sentido mais curto, e em condições de viabilidade perfeitamente suficientes não só para as necessidades atuais, mas sem duvida para bastante tempo.

O mais doloroso é que esta romanesca "Estrada das Cachoeiras do baixo Tapajós", que por duas vezes se buscou estabelecer, com grandes despesas pouco produtivas, na margem direita, existe já, no lado oposto, onde ninguém a utiliza.

A estrada geral das cachoeiras do baixo Tapajós está feita, todo mundo o sabe muito bem na região: vai da casa de João Augusto dos Santos, a Bujuré, donde uma picada a prolonga até a casa de Gualdino Maximiano de Sousa.

Gastam-se umas duas horas para percorrer a estrada, depois a picada de João Augusto a Gualdino e vice-versa. O sr. João Augusto tem também um burro, que emprega no transporte das bagagens. Mas como pede cem reis. (10 centimos ao cambio actual), por quilo, os interessados, achando esta porcentagem excessiva e não querendo, sem duvida, fazer por conta propria as despesas dum animal, preferem passar pelos varadouros habituais.

E' nesta região das duas estradas — a que já existe e que ninguem utiliza e a que querem construir sem poder — que o Tapajós mostra o curioso fenomeno de dois importantes canais naturais, que o acompanham dum lado e doutro.

O da direita chama-se Cabolino; começa algo abaixo do igarapé de Pimental e vai reunir-se novamente ao rio pouco acima da cachoeira de Furnas. Entre sua entrada do Pimental e sua saída em Furnas, forma dois desaguadouros sobre o Tapajós: o furo e a praia do Apuí, e o furo do Poção, este, por seu turno, com duas embocaduras.

O Poção é um lago temporario, alimentado pelo Cabolino; no inverno é navegavel, no verão, em parte sêco. Fica mais ou menos na altura do Cuatá ou do Apuí.



Canal Novo, do Apui.

O canal da direita tem o nome de Frechal, e começa um pouco abaixo da entrada do canal Novo ao Apuí, unindo-se ao Tapajós quasi em frente a juzante da cachoeira do Maranhão Grande.

Frechal é embaraçado por quedas, a ponto de não ser de nenhuma utilidade para a navegação; no inverno, porque suas aguas são de excessiva violencia, no verão porque suas pedras estão muito a sêco.

O Cabolino, ao contrario, é praticavel quasi o ano todo, posto que, para as grandes embarcações, só nas aguas grandes e medias. Apresenta tres bancos ou saltos regularmente perigosos durante certa epoca do ano. Mas durante o inverno, as igarités ou montarias tomam de preferencia por êle, ao passo que ninguem pode, qualquer que seja o mês, enfiar pelo Frechal.

Imediatamente depois da casa do sr. Gualdino — passadas todas as cachoeiras do baixo Tapajós — deparamos com a cachoeira do Mergulhão, que não é das peores, mas do tipo de Buburê, Tamanduá e algumas outras.

No igarapé do Mergulhão e na ilha desse nome estão os dois barracões do sr. Augusto José da Costa, cuja familia é das mais numerosas do Tapajós.

Vivem aí aproximadamente quarenta pessoas, dedicadas á extração da borracha, quer nessa ilha, quer nas vizinhanças, quer na terra firme.

A zona é sofrivelmente povoada. Só no igarapé Mambuázinho, na margem esquerda, trabalham na borracha uns quinhentos maranhenses.

Defronte da ilha do Mergulhão, por detrás da ilha da Cobra, está o importante rio Jamanchim, que aí desagua no Tapajós, pela margem direita terminado seu roteiro através de uma cadeia de montanhas que parecem algo elevadas.

Conforme as indicações que pude colher, o Jamanchim é, depois do São Manoel, o mais importante dos afluentes do Tapajós.

Suas cachoeiras assim se enumeram:

- 1 — Periquito
- 2 — Manelão
- 3 — Bebal
- 4 — Jacaré
- 5 — Boa Esperança
- 6 — Capão
- 7 — Cai. (13).

Nesta ultima, podem-se admirar enormes rochas empilhadas, monumentais, mantidas em bizarro equilibrio umas em cima das outras.

Os Parintintins atualmente não descem senão até Cai, onde foram atacados, ha tres ou quatro anos, pelos civilizados, que lhes fizeram verdadeiro massacre, apesar da bravura com que se bateram os indios.

Antes, estes vinham muito mais abaixo, até mesmo á embocadura. Numa certa ilhota Ubebal, a tres horas do confluyente, é que foi flechado um

---

(13) No rio Jamanchim, além da beira brasileira em grande quantidade por todo o rio, abunda a Castilha-elastica. Aproxima o Jamanchim do rio Iriri afluente do rio Xingú, entre 20 a 30 quilometros de uma nascente a outra.

Parintintim, que hoje trabalha com o sr. José de Almeida Campos, do lado do Cupari, município de Aveiro.

Acima de Cai acham-se:

- 8 — Travessão
- 9 — Ananás
- 10 — Apuí
- 11 — Urubucuará.

Passam-se todas estas cachoeiras até a Urubucuará, inclusive, em quatro ou cinco dias. Sem os obstáculos, a subida do rio tomaria apenas um dia e meio ou dois.

Para cima da Urubucuará, é "rio morto". Um dos mais acatados dos habitantes do Jamanchim o sr. José Xavier de Macedo proprietário da ilha de Goiana, mora um pouco adiante dessa cachoeira, numa ilha. (Quasi todos os moradores do Jamanchim têm as casas em ilhas, com receio dos Parintintins, e por causa dos seringais, mais abundantes nas ilhas que na terra firme).

Da cachoeira de Urubucuará ao rio Tiocantins, afluente da direita ou septentrional, são dois ou tres dias em rio sem cachoeiras. O Tiocantins é o principal afluente do Jamanchim, o mais largo, o mais rico em seringais ainda inexplorados. Aí, também, estão principalmente as ilhas que oferecem os seringais mais ricos.

Da confluencia do Tiocantins á do Aruri, afluente da margem esquerda ou meridional, é preciso subir um ou dois dias o Jamanchim.

Todas as cachoeiras deste são fortes, mas nenhuma com a força de salto Augusto ou do salto Grande do Creporí.

Da Urubueara á Arurí, os habitantes são muito poucos.

Na Arurí encontram-se habitantes civilizados, até um dia e meio para cima do confluente; no Tiocantins, até tres e mesmo quatro dias.

O Jamanchim, o Arurí e o Tiocantins devem somar trezentos civilizados, principalmente, maranhenses, depois ceareuses. Não ha indios civilizados, nem mesmo mansos.

Em toda a região não se conhecem nem campos nem campinas.

Considerando a bacia do Jamanchim, pode-se dizer que o Tiocantins é na realidade um Jamanchim do Norte; o braço meridional, que conserva o nome do grande rio, não é mais importante como caudal; equivalem-se ambos.

O Tiocantins, segundo dados que parecem dignos de fé, comunica-se por meio de lagos (ou antes, de pantanos mais ou menos sêcos no verão), com um braço do Xingú. Encontraram no alto rio o casco partido duma canoa civilizada, que se supoz provir do Xingú, por meio de qualquer comunicação por agua que existe com esse rio.

Pelos campos, os Mundurucús do Creporí penetram até o Tiocantins. Vão caçar e, pouco a pouco, ai se instalam de modo permanente.

Acredita-se que é nas cabeceiras do Jamanchim, do Creporí, do rio das Tropas e do Cade-

rerí que vivem os índios. Viajam no verão para caçar e para as aventuras, mas no inverno retornam às suas florestas de entre Tapajós e Xingú. Parece, todavia, que pertencem antes á bacia do primeiro rio.

Os Parintintins estão em guerra continua com seus inimigos, os Mundurucús e os Carajás, mas vivem em paz, com os civilisados.

Dizem moradores do Jamanchim e do Crepori que os Parintintins são mais susceptíveis duma civilização verdadeira que os Mundurucús; têm mais gosto pelos nossos costumes. Disseminados em pequenos grupos nas suas matas, sem coesão, serão necessariamente conquistados e assimilados, seja pelos brancos, seja pelos Mundurucús. Sua estratégia infantil, que os induziu a espalhar-se por minúsculos povoados, para melhor escapar aos Mundurucús — com o fito de iludir com mais facilidade os ataques do inimigo — não lhes servirá de nada, porque, senhores de parte dos segredos da faixa compreendida entre o Tapajós e o Xingú, não demorará que os civilisados venham, como amigos, esperemo-lo, ao encontro destes interessantes indígenas.

Os Parintintins passam, ao que parece, todos os anos, pelas estradas de borracha dos civilisados do Crepori, do Caderiri, e até do Tapajós. Passam sem fazer mal a ninguém.

Usam os cabelos muito compridos; alguns não os cortam nunca. “Embrulham-se com eles quando chove”, disse-me, com gravidade, um excelente

sertanejo que sem duvida nunca os encontrou. Andam inteiramente nus, e são muito pouco tatuados; apenas alguns sinais no rosto. Emfim, são sobrios, honestos, cheios de qualidades.

Contam-me, igualmente, que falam quasi o mesmo idioma que os Mundurucús, e que se entendem com estes sem o auxilio da lingua gera!.

Logo á embocadura do Jamanchim ergue-se uma das casas mais importantes do Tapajós, a do sr. Braulino da Fonseca Balder, que no momento se acha no rio vizinho, onde tem interesses. E' porém, no Jamanchim, que êle trabalha com o seu pessoal.

Da confluencia do Jamanchim a Fechos, o rio na grande curva que descreve para o norte, apresenta novo caracteristico: depois das cachoeiras, os baixios.

Do Mergulhão a Urubutú, são baixios arenosos, que as aguas diminuidas do verão recobrem apenas alguns centimetros.

Como se o obstaculo das rochas, dos rapidos e das quedas não bastasse, os bancos de areia! Ha muitas secções do Tapajós onde, de queda em queda, de rapido a rapido, nem mesmo uma pequena lancha a vapor encontraria onde navegar durante mais de quatro mezes do ano!

Depois de haver passado, na altura da ponta inferior da ilha Brasileira, a casa dum homem excelente, o Antonio Piauí — de quem guardo a melhor lembrança, porque foi aí que, pela primeira vez no Tapajós, hebi leite fresco — alcança-se um trecho regularmente povoado.

As duas casas mais importantes da região são a de Januario dos Santos Rocha, na margem esquerda, embocadura do Mambuai, e a de Antonio de Siqueira dos Anjos, por alcunha "Tampa", na margem direita, esta com uma das mais belas vistas do rio.

Durante cerca de tres horas costeamos a grande ilha de Mambuai. E no domingo 10 de setembro chegamos a Urubutú, casa do sr. José Pereira Brasil.

Antigo official do Exercicio, é uma das personalidades mais consideradas do Tapajós. Prestou-me, aliás, tais serviços, que me torno suspeito para escrever todo o bom conceito que dêle faço.

O sr. Brasil trabalha no Urubutú Grande; tem ai sessenta e dois seringueiros, homens e mulheres, maranhenses, cearenses e paraenses, que lhe produzem uma avultada quantidade de borracha.

Pouco além deste pouto, o Tapajós que, em diferentes trechos do seu percurso para cima do Apuí, mede cerca de um quilometro de largura, estreita-se de subito, e, de Fehos a Imbiriba, reduz-se a nos cento e cincoenta metros, só retomando sua largura normal depois da ilha da Montanha.

Numerosas colinas de rocha, quasi abrutadas, com cem metros aproximadamente de altitude media relativa, cobertas de vegetação abundante mas de pouco crescimento, acompanham todo o percurso de Fehos.

Um pedral pouco perigoso (pelo menos nas aguas mortas), a cachoeira do Acará, atravessa a torrente, pouco aquem da casa de Antonio Alves, onde encostamos, após meio dia de viagem desde a casa do sr. Brasil.

Quasi em frente á casa de Antonio Alves localisa-se a famosa ilha da Montanha, que afinal não é senão uma massa duma centena de metros de altura, caíndo por encostas bruscas no rio.

Perto está o igarapé do mesmo nome, fronteira meridional dos índios Maués.

Os Maués vão deste igarapé ás proximidades de Parintins no Estado do Amazonas. Distribuem-se todos pela margem esquerda, no interior, a um dia ou dois de viagem do grande rio. No Arapium, do municipio de Santarém, é que, parece, fica a força da nação. Dizem que ha elevado numero de Maués no Tapacurá-Mirim, e com especialidade no Tracuá, afluente da esquerda, e no Arichi, afluente deste. (14).

Ao sul, para o centro, ficam os ultimos Maués, no igarapé do Tucuman, a tres horas da casa do sr. Raymundo Matheus Pimenta e a cinco da do sr. Brasil.

Os Maués, outrora grandes produtores de guaraná, abandonaram quasi completamente este trabalho pelo da borracha. Avalia-se não ir a mais de cem arrobas (1.500 quilos), a quantidade total de guaraná produzido pela região dos Maués.

(14) No Tapacurá-Mirim, ou Tapacurá, como chamavam, allás o nome é Tapacuro e não Tapacurá (Ita-pacurá) nunca habitaram índios Maués.



Casa de Raymundo Brasil, em Fechos.

Estes, creio serem ainda bastante numerosos. Velhas estatísticas computam-n'os em 1.000, mas pessoas que os conhecem bem afirmam que atualmente não excedem de 1.500. Como todos os outros índios, fundem-se no elemento civilizado, ou extinguem-se.

Confirmam os próprios Maués haver no interior, ao sul e a sudoeste do igarapé da Montanha, Maués bravos, com os quais não mantêm relação de nenhuma espécie. (15).

O mais meridional dos Maués mansos parece-me ser o piloto que acabamos de tomar na passagem pela Montanha. É um personagem que, com

---

(15) O igarapé da "Montanha" desagua no Tapajós pela margem direita, nos primitivos saltos das "Cachoeiras da Montanha".

o nome, declina também os seus meritos: "Manoel Lourenço da Silva, neto do finado Antonio Ciriaco, aspirante fuchaua geral dos Manés, do igarapé da Montanha ao Amazonas". Pede-me para recomendá-lo ao governador do Pará, e para não esquecer que éle, Lourenço, chamou ilha do Bom Gosto (!) a illhota onde abriga provisoriamente, perto da Montanha, suas aspirações á realza maués.

Está bem, meu rapaz! Recomendar-te-ei ao Almanaque de Golha! No momento, cuidado com a direção da canoa de que és o piloto! Pausa com os teus sonhos de grandeza!

Na cachocira da Montanha, serie de rapidos mais fatigantes que perigosos, encostamos para pernoitar na residencia dos srs. Raymundo Mathews Pimenta e Manoel José de Araujo Cobra. A' falta deste, ausente no interior, recebe-me o sr. Pimenta, com toda a urbanidade, confiando-me ao fuchaua Lourenço, que consente em passar parte da noite ensinando-me sua lingua Maués.

Sexta-feira, 13 de setembro, largamos pelo rio desde manhanzinha. Durante os primeiros quartos de hora de ascensão lenta do sol, o ceu estival é duma doçura infinita. Os raios de ouro elevam-se no azul palido, e até 9 horas tudo é suave: o azul do ceu e das aguas, o verde das margens, a sensação geral da vida. As inumeraveis nuanças do verde da vegetação rebrilham sob a palheta aveludada do astro-rei, que lentamente sobe no firmamento, numa apoteose de verde, de azul e de ouro.

Neste encantamento, chegamos á enseada do Mangabal Grande, entre a ponta da Sapucaia e a Ponta Grossa.

Os rapidos da cachoeira do Mangabal Grande espacejam-se entre a enseada desse nome e a illha do Igapó Assú. As duas margens mostram, nesse local, entre a massa interrompida das montanhas, varias campinas magras, cuja herva raso contrasta com o verde escuro das matas.

Não assustam, esses rapidos. O rio, pontilhado de algumas dezenas de ilhotas, apresenta por toda a parte e em todos os sentidos, numerosas correntes, que não chegam a formar em nenhum ponto cachoeira perigosa. Com o rio cheio, a cachoeira desaparece; no verão é preciso procurar o caminho por entre o dédalo das ilhotas aumentadas, dos rochedos, e das praias descobertas.

Vencido Mangabal Grande, approamos, domingo 15 de setembro, para a illha do Igapó Assú, pedindo agasalho numa das seis barracas que aí possui o sr. Pedro da Silva Pinto, um dos grandes trabalhadores do rio.

Pedro Pinto tem, como os demais, hontens na borrachia, mas faz também criação de gado, e começou uma plantação de seringueiras, já com alguns anos. Com suas quinhentas rezes, (180 na illha Norte do Igapó Assú, e 320 na illha São Jorge, um pouco abaixo, na margem esquerda), representa no presente e sobretudo para o futuro, uma das belas situações do Tapajós.



Fechos, vista da enseada.

Uma das posses de Pedro Pinto está localisada na antiga Missão do Igapó Assú, missão particular, estabelecida por conta propria por um frade não comissionado pelo governo. Demorou-se pouco, o religioso logo se transferiu para Bacabal, para a antiga Grande Missão. Tendo sido mediocre o resultado, num como noutra logar, partiu para não mais voltar, faz alguns anos. (16).

No igarapé do Igapó Assú, fronteira à casa principal de Pedro Pinto, e a curta distancia para o interior, é que se ergue a maloca mundurucú mais setentrional do Tapajós. Constituem-na umas trinta pessoas, homens, mulheres e crianças, trabalhando com Pedro Pinto.

(16) Chamava-se esse religioso: Frei Pelino de Castro Valva.

Este famoso Igapó Assú, que dá nome a todo o distrito, na realidade, não existe! Em toda a faixa onde de ordinario o localisam, não se vêem senão alguns pequenos igapós ou charcos, de extensão limitada. Sem duvida formavam um só e grande charco no tempo em que o nome foi escolhido. Fenômenos como este não são raros nestas bandas.

Das ilhas do Igapó Assú aos rochedos de Cua-lacuara, é a região da antiga Missão de Bacabal.

Não é intuito meu fazer nestas linhas o historico desta Missão, hoje completamente extinta, mas de memoria bem viva na memoria local. Permiteme referir, no entanto, que o fundador e diretor dessa obra, frei Pelino de Castro Valva, conseguiu reunir uns seiscentos indios, na maioria Mundurucús, recrutados ao longo do Tapajós, até as vizinhanças do Chacorão e do Airi. Eram indios já civilizados, que já tinham trabalhado ou trabalhavam com patrões. Não havia ninguém das Campinas, nem para aí viajou o frade. Succedeu, infelizmente, que pela maior parte os indios morreram. Quando frei Pelino deixou a Missão, dos seiscentos silvicolas, sobravam no maximo cincoenta; o resto havia morrido. (17).

Frei Pelino foi inquietado por haver sido mais feliz nos seus negocios que na sua obra de

---

(17) Ha engano no numero de indios mundurucús existentes quando abandonou a Missão do Bacabal Frei Pelino Castro Valva. Ao invés de cincoenta no maximo, como diz o historiador, havia ainda superior a trezentos indios, os quais se localizaram em varios pontos do rio, aquem e alem de Bacabal.

caridade. E fizeram um inquerito, que nada apurou. (18).

Foi isto vinte anos atrás. Se Frei Pelino voltasse de Roma, onde, parece, soube preparar para si uma doce existencia, reveria seu pobre Bacabal tão deserto como no dia em que o abordou para a sua obra cristã. No lugar da Missão um instante florescente, depararia tão só inutil e triste ruina da mata virgem abatida: a melancolica capoeira.

Bacabal virou deserto. Contudo, neste ponto como em outros, onde a "organisação" malogra, triunfa a iniciativa privada. Apenas pelo esforço individual, o Tapajós povoa-se. Sem o concurso de empresas subvencionadas de colonisação e de civilisação. Povoa-se, e no futuro se povoará cada vez mais rapidamente. Bastam para tal, a este rio, seu clima e suas belezas naturais.

Onde encontrar algo mais belo que os rochedos de Cuatacuara?

Imaginal uma muralha a pique, uma enorme muralha de cem a cento e cincoenta metros de altitude relativa, sobre uns tres quilometros de desenvolvimento ao longo do rio! E rochedos

---

(18) Os negocios que prosperavam não eram propriedades de Frei Pelino e sim, da missão de catequese que ele ali fundou sabla e providencialmente. Os invejosos e desonestos e que procuraram locupletar-se com os trabalhos de produção dos indios. Tanto assim foi que varios desses individuos, tal como Leonardo José Peixoto, Americo de Oliveira Lima e Major Cordeiro, responderam a processo criminal e foram sentenciados, por crime de posse indebita, adquirida a mão armada, dos produtos da Missão que enviava Frei Pelino para a capital do Estado, Belem, para intercambiá-la com generos e utensilios agrarios, medicamentos e fazendas para fornecimento dos indios da mesma Missão de catequese. Frei Pelino foi no Tapajós apenas um grande evangelizador digno de respeito na historia das catequese do Brasil.

abrutos, desenhando um frontal de edificio, um obelisco, informes mas gigantescas catedrais, aspectos duma fortaleza ciclopica. E sobre a rocha nua, em secções perpendiculares, cortando nitidamente as estratificações, qualquer coisa como pilastras pela metade sumidas na massa desconforme, capiteis colossais, janelas!

Sempre e sempre a rocha despida, salvo na cupola da monstruosa obra, onde magros arbutos se estiolam.

Aqui e além, ameaças de desmoronamentos sobre as canoas que passam em baixo. Mais longe, cômoros pelados, com uma outra mancha de hera avermelhada, tentando inutilmente cobrir a nudez triste da pedra.

E', ás vezes, lugubre, mas a cada instante supinamente grandioso, sobretudo quando o sol derrama a abundancia da sua luz, do seu calor e da sua alegria, sobre os aspectos envelhecidos da Errante Morada do homem.

A região é das curiosidades naturais. Antes de chegar á casa de Tiago, (Tiago Ferreira Leal), onde dormimos, marginamos a Pedra de Cantagalo, rochedo esculpido, sobre um pequeno banco a descoberto, no qual, por mais esforços, não consigo identificar a mão do homem nas linhas indecisas em que a gente do país imagina ver, em certas ocasiões, um quadrante solar!

A sudoeste da enseada que o rio forma antes de atingir os rochedos de Tacuara encontra-se a confluencia do Creporí.

Abaixo do São Manoel, pela margem direita, este é, depois do Jamanchim, o tributario mais importante do Tapajós.

Compilando os informes que colhi com o maior escrupulo, tanto na subida como na baixada, apurei que as principais cachoeiras do Crepori, subindo o rio, são as seguintes:

1 — Jauarité, a um dia da confluencia;

2 — Pacú, comprida e forte, a um dia da precedente;

3 — Jacaré, uma das mais impetuosas, a um dia, tambem, da anterior;

4 — Acari, a dois dias da precedente;

5 — Cuyucuyú, a mais dois dias de viagem, bastante grande, formando tres saltos distintos, não praticavel no verão;

6 — Ronca Pedra, seis horas adiante;

7 — Salto Grande, duas horas adiante, e que se tem de passar por terra;

8 — Segundo Salto Grande, mais ou menos da força de Salto Augusto, duas horas depois de o Crepori receber um afluente importante, ou seja, quatro horas acima do precedente.

Dizem os Mundurucús que para cima do Segundo Salto Grande o Crepori não tem mais cachoeiras, e que o rio apresenta então muitas ilhas, e muitos seringuis nessas ilhas. Não ha porem mais Mundurucús no Crepori, somente cearenses, estabelecidos até nos altos do rio; dos antigos Mundurucús ficaram apenas capoeiras e taperas.

O Crepori passa por um rio muito sadio.



Nossa barraca e nossos rentadores.

Pequena distancia adiante da casa de Tiago Ferreira Leal, na direção da ponta de Jacuacara, fica uma grande ilha denominada "Cantagalo". Ganhando o igarapé do Cantagalo, vamos á propriedade do sr. Tomaz Pinheiro Nunes. Neste igarapé é que se acha atualmente a maloca dum velho Mundurucú quasi celebre, o tuchaua Maribaxi, entregue com sua gente á borracha e á lavoura.

Indio tipico, segundo penso, tendo as orelhas distendidas pelo uso — já abandonado — dos botoques, o velho, falando muito bem o português, teve sua educação dada por espertos regatões, aos quais hoje é capaz de dar quinaus.

Niuguem lhe censura a habilidade de Klephte ou de Touareg com que trata os seus negocios; acho entretanto que lhe falta tato ao se vangloriar publicamente de haver sido justicador sumario duma vintena de individuos mais ou meos mundurucús que atrapalhavam os movimentos da sua orgulhosa existencia.

Na sua propriedade de Cantagalo e nas da terra firme, o sr. Tomaz Nunes formou pastos artificiais, onde começa a dedicar-se á criação do gado.

Os rapidos de Cantagalo apesar de não constituirem grandes perigos nem grandes difficuldades, exigem um esforço continuo, devido á sua extensão.

A montante são os rapidos, depois a cachoeira do Mangabalzinho, que rompemos com muita agua e pouco sacrificio.

Prosseguindo, após uma noite passada na barraca do bom Felisberto, preto velho cearense,

meio surdo, acompanhado por uma velha índia ainda mais surda, ambos gritando de ensurdecer papagaios, rumamos, (para enfim podermos ouvir nossas próprias vozes), alto Tapajós alem.

O rio dá então treguas às cachoeiras. Com meio dia de viagem sem ter de lutar contra o menor empecilho, chegamos á ilha e ao rio das Tropas. (19).

Este está hoje regularmente povoado, em especial por maranhenses. Mas não tem tanta gente como o Jamachim. Seria exagerado avaliar sua população em mais de duzentas pessoas, todas ocupadas no corte da borracha.

Se o rio das Tropas não está mais habitado é pela sua reputação merecida ou imerecida de insalubridade, pois oferece a vantagem de poder ser subido durante dias sem o inconveniente de nenhum pedral.

Seis ou oito dias depois o Tropas recebe pela esquerda dois caudatarios muito importantes: o Cabroá, onde existe forte maloca mundurucú, e a seguir o Caburí, simples igarapé onde porem se situa uma das malocas mais faladas da nação Mundurucú, a de Macapá. Ambas nas Campinas, cerca de oito dias de viagem da embocadura do rio das Tropas.

Á pequena distancia desta, um ponto alegre na paisagem: a casa rustica do velho Manoel Antonio da Guerra, figura das mais originaes e mais

---

(19) O rio das Tropas desagua á margem direita do Tapajós. Todos os rios afluentes do Tapajós desaguam pela sua margem direita; pela margem esquerda só desaguam igarapés, apesar de alguns deles serem de longo curso.

simpaticas da região. Pouco mais para a frente, na margem oposta, á direita, a instalação dum velho português, Manoel Antonio Baptista, apelidado Tartaruga.

Em seguida á Tartaruga depara-se com a grande ilha de Jacaré Acanga, que faz parte dum arquipelago que se prolonga pelas ilhas do Cabetutú, até a bôca do igarapé do mesmo nome.

Continuando a derrota, vê-se o rio formar de este a oeste, um longo estirão, em cujo extremo apparece, pela direita, o Caderiri, modesto igarapé da força do Cabetutú, e como este, com nascente nos campos, e em cujo percurso as matas são reputadas de ottimo clima.

A um dia e meio da sua confluencia o Caderiri mostra uma pequena cachoeira, facil de transpor. Mais dia e meio, e surgem as Campinas; um dia atravessando estas, e apparece um pequeno salto.

Os Mundurucús mais proximos de Cadereri são os da maloca Decodemo. Nos campos do Caderiri, a igual distancia deste igarapé e do Tapajós, ha uma outra maloca mundurucú, a da Samaúma.

E' numa região conhecida por Sai Cinza que desemboca o Cadereri.

Para montante, o Tapajós, rolando do sudoeste e em seguida do oeste, encerra as pequenas ilhas do Curral, a grande ilha das Piranhas, e por fim a dos Ribeiros. Clementino e Antonio Manoel Rebelo. A partir da barragem de rochedos do Urubucuará, primeiro dos nove travessões do Chacorão, a direção volta a ser nordeste-sudoeste.

O Chacorão é por excelência a região dos rápidos. Com o Capueras, sua continuação, constitue uma seção bem distinta e bem característica na economia geral do grande rio.

Seus nove travessões denominam-se:

- 1 — Urubucuará
- 2 — Carmelino
- 3 — Capoeira
- 4 — Banco
- 5 — Cardoso
- 6 — Lage
- 7 — Anhandi
- 8 — Biua
- 9 — Porto Velho.

Fecham êles quasi por completo o rio. Os primeiros, até Cardoso, são amontoados de pedras recobertas de arbustos mirrados. Nas aguas medias dificultam a passagem; nas cheias, dão franco acesso. (20).

Sexta-feira 25 de setembro, á noite, termino minha primeira etapa. Estamos em pleno Chacorão, após trinta e cinco dias de viagem desde Itaituba. A derrota foi longa. E é com um profundo suspiro: "Enfim!..." que desembarco no pequeno porto.

---

(20) Os travessões de pedras que atravessam o rio de lado a lado e não o fecham pois, em toda a extensão desses travessões, ele tem uma largura em media de 4 quilômetros, oferecendo transito a embarcações de 3 a 5 toneladas durante a maior baixa das aguas e a de 5 a 15 toneladas á altura da media no maximo das enchentes que são de dezembro a abril.



### CAPITULO III

Em casa de Cardoso. — José Lourenço Cardoso. — Vicente Teixeira Castro. — Os travessões das Capoeiras. — Campos. — Expedição dos Mundurucús ao Sucunduri e ao Madeira. — Os Mundurucús das Capoeiras. — Capoeiras e seu pitoresco — *O morro de São Benedito*. — Maurício. — Ilha do Cururú. — Os campos do Cururú e os Mundurucús das Campinas. — A Coletoria de Mato Grosso e a morte de Garcia.

José Lourenço Cardoso, por abreviatura Cardosinho, proprietario no Chacorão e no Tapucú, é um dos homens mais respeitados e mais estimados do alto Tapajós.

Criador esforçado, além da fazenda de gado Tapucú, soube aproveitar sua pequena planície de Mucajatuba, no Chacorão, e nela — campos melhorados ou artificiais — possui já umas trinta cabeças de gado bovino.

De poucas palavras, refletido, inteligente, serviçal, muito sério, conhecendo os Mundurucús melhor que ninguém, estimado por eles, desfrutando merecida confiança, Cardoso é, no meu conceito, alta personalidade, acentuada por uma grande

modestia, realçando uma grande doçura, não isenta de sutileza.

Achando-se de viagem para o São Manoel o sr. Antonio Bentes Paranalinga, é às mãos de Cardozinho que me confio. Para principiar, arranja-me êle um guia, Vicente Teixeira Castro, morador da ilha das Pacas, a uma hora de descida.

Vicente pede-me uns dias para ageitar suas cousas em casa, e aproveito essa espera para um pouco de repouso. Os aborrecimentos — bem mais que as fadigas — da viagem de Mirirituba ao Chacorão, alteraram minha saúde. São apenas acessos de febre, mas convem tratá-los. Continuando a viagem sem boas condições de saúde, arriscar-me-ei a, num dado momento, ser forçado a parar.

Tenho os dois elementos que constituem a medicação verdadeira, absoluta, infalível, na maior parte dos países quentes: o leite, e a agua de Vichy em pastilhas. Doze dias neste regimen e não se aspira a outra cousa senão peregrinar de novo.

A 7 de outubro largamos para o alto Tapajós. Cardoso vai acompanhar-nos alguns dias; regressará da casa de Constancio e Pancracio.

Sem representarem poderosas cachoeiras, os travessões do Chacorão proporcionam regulares dificuldades. Lage, Anhandi, Buiá, sobretudo, exigem bom piloto e uma equipagem ativa. Com Cardoso e seus homens tudo corre bem, por serem grandes conhecedores da navegação do rio encachoeirado.

Na margem esquerda ficam os pequenos campos onde Cardosinho começa sua pecuaria. Após a primeira campina, que tem pela frente a casa, toma-se uma outra, na margem esquerda do Igarapé do Mingau, além do qual se estende, no rumo da bacia das Capoeiras, o campo mais extenso do Mucajazal.

No travessão de Porto Velho, igualmente na direção das campinas, termina o Chacorão. Logo acima estão a bacia das Capoeiras e os nove travessões seguintes:

- 1 — Entrada
- 2 — Campinha
- 3 — Chafariz
- 4 — Cabeceira do Chafariz
- 5 — Bauuilha
- 6 — Sirga Torta
- 7 — Saída
- 8 — Meia Carga
- 9 — Cabeceira da Meia Carga

Os travessões das Capoeiras apresentam as mesmas características que os de Chacorão: nenhum risco com um bom piloto e uma boa equipagem; questão de força para vencer a correnteza nas águas baixas ou médias; nenhum trabalho, no inverno.

Sob todos os pontos de vista, Capoeiras é apenas uma sequência — ou um começo — do Chacorão. Os mesmos Mundurucús civilizados que se acham no Comprido e em Porto Velho, povoam as margens de Capoeiras, onde, no en-



José Lourenço Cardoso.

tanto, são mais numerosos; aproximadamente cinquenta, repartidos em nove aldeias: Pedro, José, Gabriel, Diogo, Constancio e Pancrácio, Cassiano, Gregorio, Raulino e Caetano. (21).

(21) Neste agrupamento de aldeias dos índios Mundurucús, que se eleva a mais de 200, tendo como Tuchaua (o chefe geral ali) o cacico Capitão Maracati, este merece boas referências como grande elemento de catequese de sua tribo.

Os campos, começados no Chacorão, prolongam-se por trás de Capoeiras até as vizinhanças do Sueinduri. Pouco abaixo do estirão do Airi começam os prados, as vias faceis das communicações entre os Mundurucús do Chacorão e Capoeiras e d'um afluente do Sucunduri, pequeno rio que faz a delimitação com o Estado do Amazonas pela margem esquerda onde ele percorre.

São campos mediocres, cobertos quasi inteiramente de sapé (capim amargoso), e que exigirão preparos especiais para se prestarem á criação. Sua posição entre o Sucunduri e o Tapajós, nesta região salubre, permite pressagiar que não permanecerão longo tempo tão abandonados como hoje.

Por eles é que passou recentemente um bando de Mundurucús que foi guerrear do lado do Madeira. Historia bastante singular, que merece ser contada com algum desenvolvimento.

Durante o ano de 1895, tres negociantes do Madeira foram massacrados, dizem, por indios do rio Machado, seu afluente, indios que não seriam outros senão os famosos Ypurinans. Os vizinhos das victimas, resolvidos a ministrar severa lição aos assassinos, não viram nada melhor que dirigir-se aos Mundurucús, especie de lutadores dum novo genero, conhecidos por venderem o seu valor, aliás bastante comprovado, áquele que melhor pagar.

Resolvida a empresa, uma pequena comitiva partiu ao encontro dos Mundurucús. Uma longa viagem. Primeiramente, foi preciso descer o Ma-



Sítio de José Lourenço Cardoso, no Chacorão.

deira em navio, cuja base é "Porto Velho", em seguida, subir o Sucundurí, em lancha, até certa cachoeira e depois prosseguir em canoa. Daí, deixando o rio principal, os homens tomaram um afluente do Sucundurí, vindo somente com tres dias de viagem da região de Capoeiras.

Encontrada a primeira maloca munducurú, a do tuchana João, sucessor dum certo "douaré" Munhapê, que teria descido das campinas do Cururú (22) com alguns camaradas para se fazer tuchana no Sucundurí, enveredaram durante quatro dias por uma região rochosa, com uma unica campina, até alcançarem o Airi, onde atravessaram o Tapajós e entraram no Cururú. Tendo como interpretes Mundurucús do Sucundurí, que os haviam acompanhado, falando quasi todos português, cuidaram então de seduzir os silvícolas das Campinas.

Falaram duma grande colheita de cabeças, a fazer entre as *guarété*, (foi o nome um tanto ou quanto generico que deram aos índios do rio Machado), exhibiram as belas mercadorias que traziam, e conseguiram ser ouvidos.

Um grupo de cem pessoas, das quais sessenta homens em condições de combater e quarenta mulheres e crianças, acompanharam os emissarios do Madeira.

Atravessaram o Tapajós no Airi, e cheios de entusiasmo fizeram calculos sobre as presas da guerra em perspectiva...

---

(22) Rio afluente do Tapajós pela margem direita, onde existe o maior aldeamento dos índios Mundurucús na região do Tapajós. É calculada aquela população indigena em mais de 2.000 índios.

Não haviam contado, porém, com o mais traiçoeiro dos inimigos, a febre. E esta ceifou os audaciosos legionarios. Salvo quatro, que appareceram depois de varios mezes, gravemente doentes, todos os demais parece que morreram.

Soubemos destes acontecimentos (depois verificados verdadeiros), no porto do Tuchaua Pedro. A primeira narrativa foi muito sumaria. Mas ao longo da viagem, até Todos os Santos e Sete Quedas, informaram-nos de todas as minucias.

Pouco acima da casa de Pedro, e na mesma margem esquerda, fica a boca do Pixuna, igarapé relativamente caudaloso. E com um dia de viagem em montaria (23) encontra-se a maloca munducurú de Aipin-in-pê. A seguir ha duas cachoeiras, depois uma zona de campo.

Uma vez vencida a enseada do Eduardo, onde se acham edificadas as duas malocas mundurucús de José e de Gabriel, começam os travessões das Capoeiras, com os mesmos caracteres gerais do Chacorão, porém mais pitorescos.

Estas Capoeiras, que outra coisa não representam senão queimadas, a principio imprimem á região um aspecto de ruína, de devastação. Mas ha, por outro lado, certos contrastes, traços de vivacidade ou de tristeza, de grandiosidade e de simbolismo.

O retilineo da direcção permite devassar da ponta da Baunilha, por cima de cinco cachoeiras,

---

(23) Montaria chama-se a uma canoa de madeira até de uma tonelada de carga.

a casa de Manoel Carapina, na ilha Grande, de frente da moradia do Gabriel.

Depois é o furo da Entrada, especie de canal ao lado do grande rio, com as mais belas combinações de rochedos, cascatinhas, bacias e verduras; e a ponta das Pilastras, com suas pedras negras, estratificadas horizontalmente, erigidas como um artistico monumento funebre por cima das aguas violentas, que, na rapida passagem, deixam revolteios de alva espuma.

Em continuação, vem a pequena campina do Airi, com um verde suave, sobre o qual o amarelo pinta uma nota intima e doce, estabelecendo feliz transição entre a majestade da secular floresta e a impetuosidade do rio; e enfim a ilha das Pombas, onde centenas de aves se reúnem todas as tardes, trefegas mas disciplinadas, como se fossem accessorios sagrados vivos de algum templo vizinho.

Quasi perpendicularmente á ilha das Pombas soltam-se as aguas dum igarapé dos mais uteis sob o ponto de vista das facilidades que ofereceria ao estabelecimento duma estrada de ferro entre esta parte do Tapajós e o Sucunduri: o Ué-chictapiri.

Dizem que atravessa grandes campos, que vão dum rio ao outro. Mas nem os Mundurucús o conhecem bem.

Pouco acima, em frente dum pequeno campo da margem direita, acha-se a curiosa região de São Benedito.

Primeiro é a Rua de São Benedito, verdadeira estrada pavimentada de gigantes, que liga á

terra firme uma ilhota abaixo do morro de São Benedito; depois é este, elevando sua massa a cerca de sessenta metros acima do nível medio do Tapajós, e apresentando, a uns dez metros da base, sugestiva frontaria.

A' meia altura ha um caminho natural, produzido, sem duvida, por antigos desabamentos.



Vicente Teixeira Castro.

Escalando-se ingreme escarpa, chega-se a este caminho, que corre como uma rampa pelo flanco da montanha, com uma largura de um a dois metros, para terminar sua curva ascensional do lado de juzante, num ponto de onde um bom ginasta poderá içar-se ao cimo do morro.

Numerosos "ex-voto" espalhados por esse caminho testemunham o prestígio de que desfruta São Benedito junto dos habitantes do Tapajós. "Ex-voto" de gente pobre; velas meio consumidas, camisas mais ou menos finas, garrafas agora vazias, estatuetas duma arte ingenua e infantil, representando o santo em linhas por demais grosseiras, alternando-se com laminas de chisto ardosiado, destacadas do bloco da montanha, constituída quasi inteiramente por este chisto, horizontalmente estratificado.

Ao pé do morro, às margens do igarapé de São Benedito, não ha mais as laminas de chisto, porem pedras de amolar de excelente qualidade, que o povo vem buscar de longe.



Gado de José Lourenço Cardoso.

Em seguimento, do mesmo lado, o morro de São Benedito tem um verdadeiro simile, salvo a circunstancia de ser ainda mais a pique sobre o rio: o morro do Roncador, com a particularidade de dar origem ao igarapé do Roncador, que nas grandes aguas do inverno, precipitando-se do alto com grande barulho, justifica o nome que lhe deram os locais.

Viajando sempre entre panoramas pitorescos, chegamos ao anoitecer de 12 à casa de Mauricio Rodrigues da Silva, um dos mais antigos habitantes da região.

Mauricio, então sargento, após haver servido em Belém, foi mandado como comandante do destacamento de Itaituba, onde deu baixa. Mas em lugar de procurar o rumo da sua distante cidade natal, nas fronteiras de Mato Grosso com o Paraguai, o antigo militar preferiu subir o Tapajós, resolutamente, talvez movido pelo secreto pensamento de que esse era, no fim de contas, o verdadeiro caminho de Mato Grosso.

Durante algum tempo morou no baixo rio, na Montanha. Ai é que o foi encontrar um dia o illustre sabio Barbosa Rodrigues, que o tomou para guia de sua canôa em algumas curtas excursões.

Abandonando o primeiro pouso, Mauricio seguiu até o São Manoel, então deserto, onde "começou a sua vida", segundo a expressão local.

Vida de labor e de probidade, felizmente co-rouda de honroso successo. Mauricio está com cinco filhos, quasi todos homens, com os quais acaba de formar uma "razão social". Quando se fala



Cardoso e a família.

com êle, vê-se sem dificuldade na fisionomia fina e suave do velho trabalhador essa expressão de tranquilidade que é alegria discreta dos homens de bem.

Este excelente Mauricio é quem pessoalmente vai conduzir-me até a casa do seu genro Paulo Leite, na cachoeira de Todos os Santos.

A partida é a 15 de outubro, ao meio dia. Levamos um filho de Mauricio da Silva, João, e uma equipagem recrutada entre os homens da casa.

Viagem "de familia". Fazemos jornadas curtas, mas seguras. Interrompe-nos apenas forte aguaceiro, que me impossibilita de fazer os levantamentos. A agua é tanta que, com a continuação, traspassa a lona da barraca de campanha e molha as redes.

Esta invernagem prematura, por sorte, não se prolonga. E tal como desejavamos, as noites sem dormir são tão raras como os dias sem trabalho.

Para alcançar a ilha Grande do Cururú temos de atravessar uma extensão de cinco ilhas: Janarizal, Samahuma, Redondo, Tucano, Praia Grande, que servem como postos avançados daquela.

A ilha Grande do Cururú é a maior do Tapajós. Mede uns quinze quilometros de comprimento, apresentando pequenas campinas, lagos, castanhais e caroçais. Possui cinco casas, de José Antonio da Silva, Caetano da Silva, João Miranda, Manoel Benedito da Cunha, e Marcos Mota, havendo ainda, nas ilhas vizinhas, mais tres, de Maria Margarida de Oliveira, Maria Felicia Garcia e Francisco José Vieira.

O rio Cururú, á margem direita do Tapajós, que dá o nome á ilha, corta uma importante região de campos, onde hoje vive a maior parte da nação Mundurucú.

Os campos do Cururú parecem estender-se para o sul até as vizinhanças da cachoeira das Sete Quedas. O Cururú corre paralelo ao São



D. Henriqueta de Gregorio.

Manoel, do qual dista, na altura das Sete Quedas, apenas um dia e meio ou dois de viagem; as Campiñas do São Manoel, na realidade, são apenas o prolongamento meridional dos Campos do Cururú.

Estes começam à altura de mais ou menos um dia de viagem em canôa rio acima, mas ficam a uma certa distancia para o interior. Costeiam o Cururú, primeiro pela margem direita, em seguida pela esquerda, ficando por trás duma floresta ribeirinha, profunda de algumas horas de marcha. Vencida esta toma-se o campo, semeado de pequenas ilhas de mato, durante duas ho-

ras, até que se chega ás terras altas onde habitam os Mundurucús.

Na sua maior largura, o campo, compreendidas as ilhas, mede um dia e meio de viagem, sejam nos trinta quilometros, neste calculo incluída a orla de mata, de profundidade variavel, que geralmente borda o Cururú, mas que algumas vezes como no Capijí desaparece por completo, para deixar o campo encostar no rio.

Na região meridional o campo estende-se sobre a margem esquerda, constringindo-se na direita, onde não possui, nas malocas de Aquapona e Carumã, mais de meio dia de travessia.

Contam-se atualmente, no Cururú, sete malocas:

1.<sup>a</sup> — Itarica, tuchaua Puxubaxi, a um dia de subida;

2.<sup>a</sup> — Aracoré, tuchaua Arabompé, a um dia de Itarica;

3.<sup>a</sup> — Capijí tuchaua Pagé Grande, a um dia da precedente;

4.<sup>a</sup> — Carucupi tuchaua Parauá, a um dia da anterior.

5.<sup>a</sup> — Aquapona, tuchaua Cababisuatpê, a meio dia de Carucupi;

6.<sup>a</sup> — Cachoeira, tuchaua Carimã, a mais um dia subindo;

7.<sup>a</sup> — Yauaréré, tuchaua Puxú, a dois dias da anterior, esta na margem esquerda, todas as demais, na direita.

A maloca de Itarica fica na cabeceira do igarapé Parauari, afluente direto do Tapajós. Não



Maurício e sua família.

podendo utilizá-lo, por ser atravancado de cachoeiras, é-se obrigado a tomar o Cururú.

O igarapé de Yauaréré, na cabeceira do qual está estabelecida a maloca do tuchãua Puxú, tem a sua confluência no Tapajós, mais ou menos à altura da maloca de Carucupi e a do Capipi.

A' pequena distancia da maloca de Carimã Biateté (Carimã) encontram-se as primeiras cachoeiras do Cururú, as quais, na região das nascentes do rio, são às vezes muito fortes.



Casa de Mauricio, em Pasquirina.

Da maloca do Puxú, a distancia ás malocas dos Mundurucús do São Manoel é apenas de um dia e meio. Nesse prazo pode-se ir, dizem-me, do Puxú á casa de Saturnino, no São Manoel. E este confirmou-me, no fim da viagem, que os seus homens foram até o Tapajós em dois dias, e até o Cururú, em um e meio. Isso explica a presença relativamente frequente de bandos de Mundurucús no nosso percurso acima de Salto Augusto.

A população indigena total do Cururú não deve passar de oitocentas pessoas para as sete malocas. A do Puxú, mais povoada, contará uns cem homens feitos; a do Pagé Grande, que se lhe segue, apenas sessenta. Calcular uns duzentos e cincoenta homens nesse total de oitocentos habitantes parece-me razoavel. (24).

A recente expedição do Sucunduri diminuiu duma centena de individuos a população do Cururú, de modo que os Mundurucús deste rio não devem ser hoje muito mais de setecentos.

Se lhes ajuntarmos trezentos, para os Mundurucús das malocas do Caderiri Decodemo, Sambariri, Samaúma, Sanati e Sacuribi, e uns trinta para as tres pequenas malocas quasi extintas do Cabroá, e do Cuburi, nas cabeceiras do rio das Tropas, chegaremos, adicionando ainda os Mundurucús do São Manoel, a um total de mil a mil e cem individuos, nas campinas do São Manoel ou Jamanchim. (25).

---

(24) Afirma que o total da população indigena — Mundurucú — na região do rio Cururú, é de 2 000 pessoas.

(25) A população de Mundurucús nestas zonas (fora a do rio Cururú) sobe a mais de 500 índios.

Os campos do Cururú — Caderiri parecem constituir um distrito geográfico bastante especial. O vento violento e as brisas frescas ou mordentes fazem-se sentir aí com certa aspereza.

É zona bastante sadia, ou pelo menos, reputada como tal. A humidade é pouca: os campos são altos, os cursos d'agua não passam de grandes riachos, os pantanos absolutamente não existem; não se conta mais que um lago, este mesmo, de agua viva, que nunca estanca. É o das Tartarugas, no baixo Cururú, com uma ilha redonda no centro, onde os índios vão flechar as tartarugas.

Estes campos possuem ainda uma particularidade: a avestruz da America do Sul, o nandú, chamada no Brasil ema, encontrada nos campos do Cururú, pelo menos em Aquapona e no Capipi. Uma destas aves pode ser vista no medio Tapajós, na casa de Manoel Antonio Batista, apelidado Tartaruga, português residente no Tapajós ha mais de 20 anos.

Infelizmente, esta interessante região de campos não é vista do rio, alargado aí pelo arquipelago que formam a ilha Grande e as suas vizinhas; percebem-se apenas tufos de vegetação bordando numerosos canais, sem que nada anuncie que prados imensos existem ao lado. (26).

Adiante da Grande do Cururú, que na sua parte central mostra campos bastante mediocres, depara-se, á direita, com o morro da Bifurcação; á esquerda, com a ilha da Coletoria; e direito no

---

(26) Toda a região que medeia o rio Cururú ao rio S. Manoel, é riquíssima de castanhas, e, na região rumo do rio Jamanchin, rica de Ipecaanha e outros productos da nossa flora medicinal.

rumo sul, a confluencia do São Manoel com o alto Tapajós.

Face á ilha, na margem contraria, um pequeno cemiterio. Dum lado as ruinas dum estabelecimento fiscal; do outro, modesta necropole em que repousam tres jovens infelizes soldados, vindos seguramente com mais idilios na cabeça que ressentimentos politicos. A morte levou-os ao fim de seis mezes, banalmente, com uma febre. Sobre as tumbas frescas, a natureza inconsciente divertiu-se em plantar apenas embaúbas de folha-gem palida.

A historia -- tragica pelas suas consequencias -- da Coletoria do São Manoel e alto Tapajós, leve por origem uma questão de limites entre o Estado do Pará e o de Mato Grosso.

Este, não querendo aceitar o limite de Salto Augusto, reivindicado pelo Pará, pediu como ponto inicial da fronteira a confluencia do alto Tapajós com o São Manoel, e enviou um funcionario, com o encargo de cobrar um imposto de quinhentos reis pelo quilo de borracha produzida nos dois rios, por uma população mais de dois terços paraense (27), e já habituada a mandar sua safra para Belém, unico escoadouro praticavel do alto Tapajós, no estado actual das cousas.

Não conheci Garcia Junior, o delegado de Mato Grosso, mas lastimo muito os embaraços em que se viu nessa região, onde a margem ocidental do Tapajós propriamente dito é reclamada tambem pelo Estado do Amazonas.

---

(27) A população daquela zona subia a quasi 100 %, uma vez que apenas uns 10 matogrossenses ali existiam.

Antigamente, estes "contestados" eram tralozos de terra, onde não havia nem segurança nem garantia. Ia-se para elles afim de fazer, despreocupadamente e ao abrigo das leis, o que o diabo inspirasse. Não representava negocio a ninguem ser enviado para cobrar impostos ou executar missão policial ali.

Não obstante, cargos deste genero podem ser-vos um belo dia oferecidos como premio politico, por um amigo altamente colocado no Governo, o qual, apesar de todas as mostras de consideração pelo seu protegido, tempos depois não terá mais que ligeiras palavras de pesar, ao ser informado de que o mesmo se fez assassinar no desempenho da estúpida incumbencia.

E caso extranho é que, na maioria das vezes, terá de executar a nobre mas bem melancolica incumbencia de escrever a vossa oração fúnebre, porque: *Homo, sum, et nihil humani a me alienum puto!*

Que os Governos se apressem a entender-se afim de que "a paz reine na terra entre os homens de boa vontade"...

Eis a historia de Garcia Junior, tal como me contaram mais tarde pessoas bem informadas:

Após haver instalado a Coletoria, elle adoeceu gravemente. E resolveu regressar a Cuiabá, a 10 de janeiro de 1895. Deteve-se na casa de Paulo Leite, em Todos os Santos, até 19 de fevereiro, quando, sentindo-se melhor, continuou a viagem.

A 1.º de maio chegou á barra do Arinos e do Juruena, mas aí teve a infelicidade de ser flechado pelos Tapanhunas, ás 10 horas da manhã.

Repetindo-se o ataque horas depois, os Apiacás que Garcia levava como remeiros assustaram-se, e ameaçaram desertar se seu patrão não retrocedesse. E assim teve de ser feito, dias depois, diante de novos perigos.

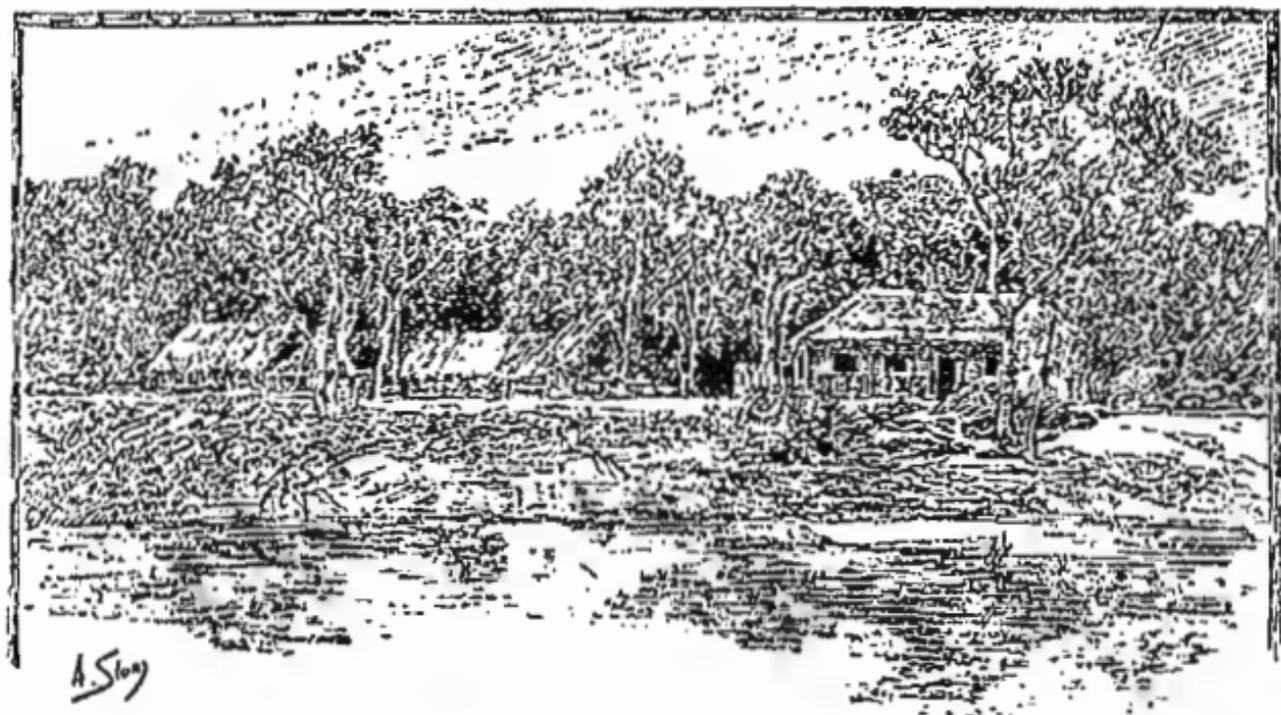
Mau grado todos os sofrimentos, o destemido coletor deu mostra da maior energia moral. Manteve em dia o diário de viagem até a data de sua morte, ás 10 horas da noite, sob o banco de igarilé, ao alcançarem Laginha, onde foi enterrado.

Prosseguindo a marcha de regresso, a expedição encostou no porto Paulo Leite a 25 de junho, quatro mezes e meio após sua partida da confluência do São Manoel.

O pobre Garcia foi tão infeliz quanto heroico: ferido na bacia do Arinos e do Jurucua por uma flecha envenenada que lhe atravessou a tibia e o peroneo, obrigou ainda os seus tímidos Apiacás a seguirem pelo Arinos até a cachoeira dos Dois Irmãos, a quinze dias de Cuiabá. Só então cedeu, ameaçado de ser definitivamente abandonado pelos companheiros, e ter de esperar, das mãos dos Tapanhunás, o fim da sua vida miserável.

À parte Garcia, não houve senão outro morto entre o pessoal: um indio velho que servia de piloto e que, transpassado de lado a lado por uma flecha, no mesmo momento em que Garcia era ferido, tombou ao lado d'ele, instantaneamente fulminado.

Garcia, triste vitima de indios bandidos, merece uma dupla homenagem, como martir e como trabalhador.



A ex-Coletoria de Mato Grosso, no Tapajós.

Com recursos quasi insignificantes, conseguiu instalar Coletoria, que sob sua direção, teria progredido.

A séde, construída no mesmo estilo dos barracões da região, era completamente fechada, compondo-se de cinco peças e suas dependencias. Possuía jardim e algumas plantações, o que representa um serio esforço da parte de quem em oito mezes creara uma obra reveladora de intelligencia e vontade.

O homem havia tomado a serio seu papel "estrategico e financeiro". Como a ilha em que se estabelecera ficava quasi encostada á terra firme, separada desta apenas por um estreito braço d'agua, fez derrubar algumas arvores para fechar a passagem pela retaguarda do barracão, obrigando os habitantes leimosos a passar forçosamente sob os olhos da fiscalisação.

Misto de ironias mais tristes que vulgares!... A vida é essencialmente uma successão de episodios abaixo do nivel dos que se admiram. Os que se deixam morrer por um objetivo moral cometem grave erro.

Garcia cumpriu honrosamente o seu dever, o dever que lhe incumbia como agente de Mato Grosso. Foi honesto e bom brasileiro, na perlanga entre os dois Estados.

Se houvesse descido pelo Pará, ainda estaria vivo. Foi assassinado, e não obstante, o silencio caiu pesado sobre o seu nome, tanto ao norte como ao sul dessa mesma patria que elle procurou servir com abnegação.

Uma palavra, felizes moradores das cidades, como reverencia aos que vão ficar, muitas vezes sem sepultura e quasi sempre sem gloria, nesses interiores agrestes, que nos descobrimos para enriquecer-vos, nós que sem a menor duvida somos maniacos, pois que conhecendo a vida, abandonamos o que ella oferece de confortavel, para nos arriscarmos, como predestinados, como pioneiros-martires da civilisação de amanhã!

Deve ter havido desta filosofia nos raciocinios *de Garcia*.

Mas, deixemos os vencidos. A vida é breve.

Tiremos o chapéu, saudando o que caiu para sempre, e continuemos.

## CAPITULO IV

Alto Tapajós e São Manoel. — Os Mundurucús e os Romanos. — Rio Bararati e os Parinã-iá-Bararati. — Serra da Navalha. — Seringueiros e cortadores de cabeças. — A região de São Tomé. — Paulo Leite e sua cachoeira de Todos os Santos. — Uma vida heroica. — Salto São Simão. — Os índios Apiacás. — Cachoeira do Labirinto. — José Gomes. — Benedito. — Cachoeira de São Florencio. — Maloca do Bananal Grande. — Cachoeira da Misericórdia. — Cachoeira do Canal do Inferno. — Cachoeira do Banco de Santa Ursula. — Cachoeira de Santa Iná. — Cachoeira de São Rafael.

Uma vasta extensão de agua surge diante de nós: é o São Manoel a leste, e o alto Tapajós a oeste.

Na cartografia local, os dois rios usam nomes bizarros: o alto Tapajós chama-se Juruena, o São Manoel, Tres Barras, ou tambem, Paranatinga.

Difícil é dizer de onde vem esta denominação de Tres Barras (da confluencia de tres rios), pois os confluentes apresentam-se numerosos no percurso de qualquer rio.

O São Manoel possui como seu principal formador, lá nos confins de Mato Grosso, o Parana-

tinga, que recebe dois caudatarios, ambos pela margem esquerda: o rio Verde (ou rio Fresco?), em cima, quasi tão importante quanto êle proprio, e o São Manoel, menos volumoso, mas que impõe o seu nome ao curso da agua de que não é nem formador, mas simples afluente.

A denominação de Tres Barras, hoje quasi em desuso, vem do fato de haverem considerado o rio como formado pelo Parauatinga, o Verde e o São Manoel.

O alto Tapajós tem como formador principal o Arinos, oriundo igualmente do planalto matogrossense, e que perde o nome ao receber o Juruena, também de origem do mesmo planalto. Chamam-no alto Tapajós a partir da enseada que formam Juruena e Arinos, ao juntar-se, até a confluencia do São Manoel; e Tapajós, deste ponto até a foz no Amazonas, em Santarém.

Penetrando no alto Tapajós, o estado de animo do nosso pessoal é magnifico. Mauricio e seu amigo Vicente, que sabem que não sou um imperitante, entretêm-me, enquanto faço os meus levantamentos, com a narrativa de pequenos acontecimentos locais que calculam capazes de interessar-me.

Pela proa avistamos a maloca do Tuchaua Mateus. Via de regra êle aí se acha, com Mundurucús das Campinas e alguns do Sucunduri. No momento, porem, está ausente. Informaram-me uns que anda descobrindo um seringal, outros, que foi simplesmente rondar qualquer tribu vizinha, á espreita de uma pilhagem ou de algumas cabeças a degolar.

O tuchaua não é peor que qualquer outro; apenas, é do costume da sua nação ir periodicamente saquear a propriedade dos vizinhos que não falam a nobre lingua dos "Caras Pretas". A verdade é que os antigos Romanos não compreendiam a civilisação de outra maneira.

Um pouco acima de Mateus o rio recebe, pela esquerda, o igarapé do Achimari e o rio Bararati.

O primeiro não excede vinte metros de largura na bôca, mas logo adiante expande-se e atinge o dobro. Apresenta muitas cachoeiras, e entre estas; bacias profundas. É muito piscoso, tanto mais que nas suas margens não se encontram nem indios nem civilisados.

O Bararati é regularmente importante, visto ser navegavel oito dias em igarité. Sua largura é mediocre, mas a profundidade, grande. Acompanha o Sucunduri a pequena distancia. Procuraram campos na sua bacia, mas em vão.

Ao cabo de oito dias de subida em igarité, e pouco acima da primeira cachoeira, encontramos uma maloca mundurucú. E pouco adiante, outra, menos importante.

Por cima dessa primeira cachoeira, vizinhos aos Mundurucús, vivem, parece, indios chamados Pariuaia-Bararati, a respeito dos quais não obtive senão informações vagas, despidas de interesse.

O Bararati é de curso lento, sensivelmente paralelo ao Tapajós, do qual dista uns dois dias de marcha. Na zona das suas nascentes, aproxima-se a um dia de marcha, recebendo suas primeiras aguas, segundo me informam, das moula-

nhas que se estendem pela região sudoeste de Salto Augusto.

Na noite de 19 de outubro encostamos no porto do primeiro tuchaua mundurucú do alto Tapajós, o Antonico, tipo robusto, dos mais ricos dentre quantos a civilização perverteu.

Defronte d'êle, posterior ao pequeno arquipelago das ilhas das Onças e da grande praia de arcia do mesmo nome, fica, na margem direita, o grupo de montes da Navalha, famosos pela sua riqueza em pedras de amolar de bella qualidade.

Na extremidade sul da praia emerge a ilha da Maloca, onde os Mundurucús ribeirinhos exploram seringais de alguma importancia. Um certo numero de indíos trabalhau nos seringais por conta propria, o que não os impede, todavia de irem cada ano fazer a guerra, com o unico fim de roubar crianças e conquistar cabeças.

A maloca do tuchaua Felipe, nova em folha, parece totalmente abandonada. Èle partiu ha já alguns mezes, procurar não se sabe bem se seringais ou trofeus.

No trecho seguinte o rio muda de aspecto. Estreita em certos pontos, *rarciam* as praias de arcia, aumenta a profundidade.

Transposta a região de Goiabal (rapido, igarapé e ilha), estes caracteres acentuam-se ainda mais. A esquerda, a uma distancia media para o interior, mas não visiveis da margem, erguem-se seis picos montanhosos, como *uma cadeia continua*, na orientação noroeste-sudeste.

Supõe-se haver borracha até nos flancos destes morros. No alto Tapajós, das margens ás

serras centrais, a borracha é sempre abundante, em particular, nas ilhas numerosas e bastante extensas, e nas margens dos lagos interiores, como acontece nas imediações do lago de Candido Pinto, na margem esquerda, e nas grandes ilhas de Carapanãzinho e Carapanatuba, pouco acima.

Saindo do pequeno arquipélago formado pelas ilhas de Carapanãzinho, Carapanatuba, Enxugadouro, Baixio de Areia, Gonçalo e Casemiro, encontra-se, na cascada de São Tomé, os primeiros rápidos precursores das grandes cachoeiras do alto Tapajós.

O calendario marca 23 de outubro, sexta-feira, quando chegamos á outra moradia de Paulo Leite, após havermos deixado nossa igarité por baixo da cachoeira de Todos os Santos, para embarcar na canôa que veio esperar-me por cima do banco da cachoeira, enorme amontoado de pedras soltas e de rochedos de dois a tresentos metros de extensão, que vencemos saltando de obstaculo em obstaculo, por entre uma triste vegetação de arbustos definhados.

A Todos os Santos ou "Paulo Leite" é a primeira das cachoeiras do alto Tapajós, sendo Salto Augusto a vigesima.

Seu limite a jusante é o igarapé de São Tomé, que, na linguagem geografica local, melhor se classificaria como rio. E' sinuoso, de largura muito desigual, correndo entre montanhas que apertam por demais o seu leito.

O pessoal do dono do barracão trabalha em borracha a partir de dois dias de canôa da embocadura, e mais um para cima, até o ponto onde

o São Tomé se divide em tres ramos: o meridional, que conserva o nome, o central, que acompanha de muito perto o alto Tapajós, e o septentrional, paralelo ao São Manoel.

A fusão dos tres cursos opera-se mais ou menos a nordeste de Salto Augusto, á altura de São Lucas ou São Gabriel.

A jusante da fusão, o São Manoel é pedregoso, mas não encachoeirado. As cachoeiras principiam depois das ramificações, atravessando uma cadeia que parece estender se de Salto Augusto a Sete Quedas.

A agua de São Tomé não é salubre, porque serve de desaguadouro a muitos lagos pantanosos.

Sobre as serras do São Tomé ha salsais imensos e copaibais importantes. A borracha é comum por todos os lados. Os lagos são extraordinariamente piscosos, apesar dos numerosos seringueiros que moram na região ha varios anos.

A cachoeira de Paulo Leite ou de Todos os Santos compõe-se de tres travessões, que são, de baixo para cima: Banco, Campina, e Paulo Leite.

O Banco, pouco antes da casa do dono do lugar, corta o rio na maior parte do comprimento, permanecendo, durante quasi todo o ano, completamente encostado á margem esquerda, dando passagem apenas pelo lado oposto, por onde a agua se precipita com violencia, oferecendo, segundo a estação, um desnivel de um a tres metros.

Franqueada a passagem, envereda-se pelo canal da Campina, apertado entre o pequeno campo pedregoso da margem direita e os rochedos emer-

gentes. Este canal não passa, na realidade, de uma torrente assaz forte, que continúa o travessão de Paulo Leite e o liga ao do Banco, aquele situado um pouco aquém do barracão, num lugar onde o rio, semendo de ilhas, se vê espremido entre duas pontas.

Paulo Leite, estabelecido defronte da cachoeira a que hoje quasi só se dá o seu nome, criou na margem esquerda do rio um dos centros mais importantes de atividade comercial e industrial.

É um mato-grossense de menos de trinta anos de idade, cuja vida movimentada bem me-



Paulo da Silva Leite.

receria ser tomada para motivo de romance de algum Fenimore Cooper.

Educado em Cuiabá por parentes pobres, que não podiam fazê-lo terminar seus estudos, mesmo os primarios, viu-se um dia assaltado por visões á Robinson. E apenas com um livro qualquer, levado para acabar de ler em viagem, largou-se Arinos abaixo. E continuou pelo alto Tapajós, ao azar da boa vontade dos companheiros accidentais, que alem de serem em extremo raros, nem sempre eram mais garantidos que os traçoeiros Tapanhunas.

Assim é a vida destes herois das selvas!

Paulo Leite contava então quinze anos. Começou de seringal em seringal, sempre persistente no projeto de possuir um grande estabelecimento inteiramente seu, longe de toda a civilização, ao lado duma tribu indigena.

Suas instalações provisórias, primeiro a montante, depois a jusante de Salto Augusto, seriam longas de enumerar. Sempre com o rumo norte, sofrendo vicissitudes mas tambem avançando com segurança para a independencia e a fortuna, certo dia pisou em Todos os Santos com os Apiacás cuja confiança conquistara pela retidão e firmeza da sua conduta.

Ha seis anos está nesse local, porteiro do alto Tapajós, patrão e protetor dos Apiacás. Seu exemplo é encorajador, pois mostra que o homem pode triunfar sempre que o mereça.

Verdade que encontrou no caminho Mauricio, um bom velho, que o ajudou, após lhe haver concedido sua filha.

Paulo Leite é hoje um grande produtor de borracha. Dispondo da obediência duma tribo de índios, como maior de todos os seus projetos, pretende reunir em torno de si todos os Apicás, para dedicar-se em grande escala á criação de gado nos prados artificiais que está cotueçando a formar entre a "sua" cachoeira e o salto São Simão.

Estou aos cuidados deste generoso hospedeiro. Mauricio regressa ao Porqueirinho a 26, e áquele cabe acompanhar-me na minha nova e ultima etapa no alto Tapajós.

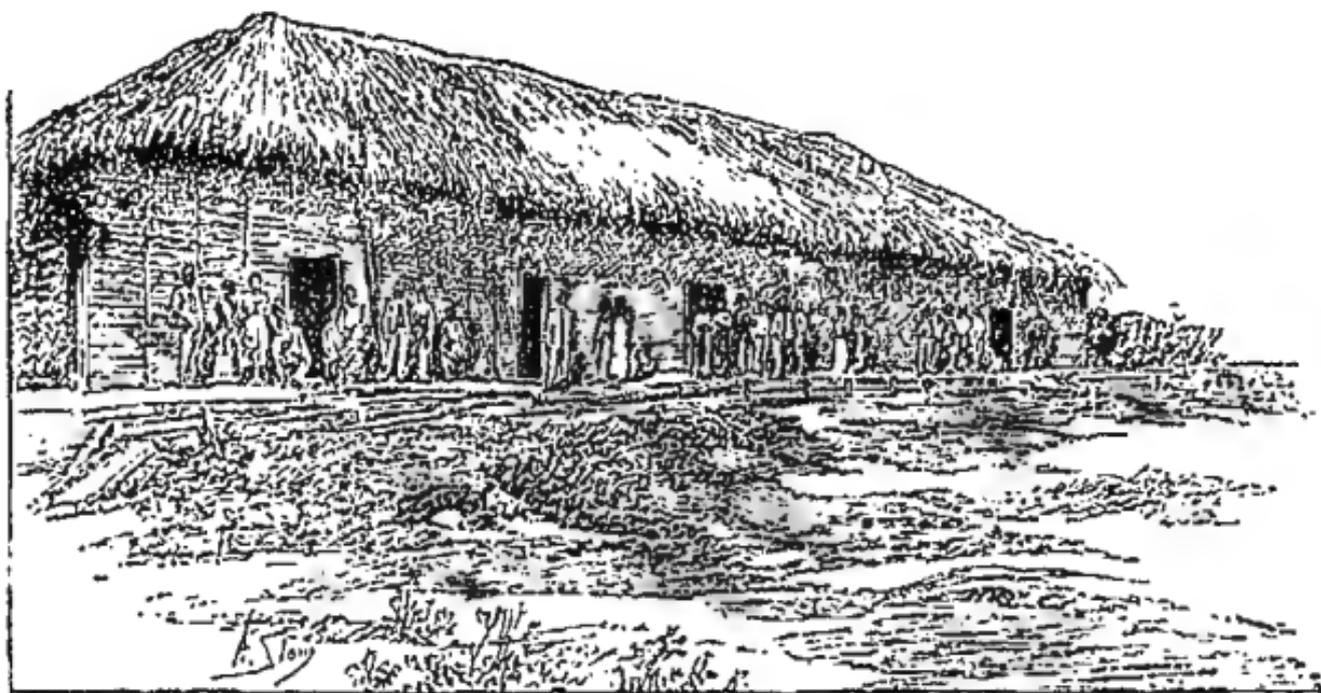
Tendo partido somente ao meio dia, de 5 de novembro, duas horas mais tarde paramos ao pe do salto São Simão, afim de fazer algumas fotografias. E como não haverá tempo para passar antes da noite a importante queda dagua, aboletamo-nos para dormir na casa de Antonio Pereira Mendes, enviado de Paulo Leite, um pouco antes do salto.

Na manhã seguinte transpomos o São Simão e o Labirinto.

O primeiro é, depois de Salto Augusto, a mais bela catarata do alto Tapajós, ambas as unicas que realmente fazem "salto". Sob certos caracteres, é tambem um limite zoologico: os botos e tartarugas, que se encontram até São Simão, não aparecem mais, no que me afirmam, para diante.

São Simão tranca o rio completamente, de este a oeste, descendo a agua por tres brechas praticadas lateralmente no massiço rochoso que ocasiona o salto.

Esta muralha, vista de baixo, dá a ideia perfeita de alicerces semi-destruidos de una cidade



Casa de Paulo da Silva Leite e seu pessoal.

cielopica. A brecha que parece mais alta, e que no mesmo é a mais estreita, é a *brecha central*, através da qual, sete a oito metros, se precipitam as aguas superiores, em torrentes de alva espuma que vão ruidosamente quebrar-se sobre o pé da solida muralha. A *brecha oriental*, rente á terra firme, parece mais deseer as paredes rapidas dum funil que despencar perpendicularmente das alturas escarpadas dum promontorio, como faz a queda central. A *brecha occidental*, bastante mais larga que as anteriores, nem é mais uma brecha, pois por ella passa metade do rio. E' constituida por uma serie de degraus de curta declividade, terminados por um salto brusco de dois a tres metros, e unia praia de areia, de rochas e de seixos, balida pelas aguas inquietas, e estendendo-se defronte do salto pela margem occidental.

Pela retaguarda da brecha central, perlongando-se sobre quasi quinhentos metros, a montante, existe uma estrada natural duns trinta metros de largura, que dá a illusão perfeita de haver sido pavimentada, tal a regularidade com que as aguas da nœia estiagem nivelaram e poliram a rocha, e o sol nella traçou ligeiras fendas em quadricula, com apparencia de artificiais.

E' que, frequentemente, algumas das massas rochosas que constituem a estrutura destes saltos e caeloeiras são de consistencia mais mole que aquella que á primeira vista o observador supõe. O resultado é que com o decorrer do tempo as pedras se desgastam e lentamente a configuração do terreno varia,

No São Simão, como na maior parte dos rápidos e quedas do alto Tapajós, encontram-se com frequência, entre formações mais solidas, rochas arenosas e tenras, que, em certos casos, fortemente compridas, podem ser utilizadas como pedras de amolar.

Na margem direita fica o atalho de portagem, numa região singularmente curiosa: campos de rochedos com numerosos monolitos de alguns metros de altura; especies de pedras tumulares de todas as dimensões e formas, em pé ou deitadas; obeliscos mais ou menos grosseiros ou contornados; de buchas de velhas ruínas de arquitetura excessivamente primitiva.

O atalho tem em todo o percurso estas ruínas de túmbas desconhecidas e monumentos de exotismo inexplicado, de cujos interstícios brotamervas crestadas e ralas.

Nesta época do ano o chão está negro. Queimaram o mato que invadia o atalho e escondia as serpentes, e a fumaça escureceu também os rochedos fantásticos, primitivamente amarelos ou pardos. Palmeiras desageitadas que não chegam a tres metros de altura, algumas raras grandes arvores de copa dessecada, mas exibindo às vezes um penacho de folhas verdes no apice, completam a paisagem do atalho, em que se perde de dois a tres dias, com as bagagens de uma igarité. (28). Como "descarregador", é um outro Aparí, embora menos estreito, e com um rio pelo

(28) Canoa de 2 a 5 mil quilos de porte. Raramente se constroem igarités de porte além de 5.000 quilos, pela dificuldade de navegarem nos trechos encastelados na baixa dos rios.

menos quatro ou cinco vezes mais largo na sua parte livre.

Em seguida ao São Simão, diversas pequenas ilhas, que aceleram a correnteza do rio, e por fim, a primeira aldeia apiacá do lado norte, a de João Corrêa.

Paulo Leite, especie de Grande Conselheiro e "paterfamilias" destes indios, faz-me as honras da maloca.

As malocas apiacás oferecem curioso contraste que, apesar de comum entre os indios, não deixa de ser sempre picante: a mistura dos hábitos duma civilização superior com os da mais primitiva barbaria.

Os homens vestem-se completamente como os civilizados do interior, mas as mulheres andam nuas, sem a mais ligeira roupa ou adorno. E mulheres e moças, em trajos de Eva, consideram-se tão decentes como qualquer herdeira da alta sociedade fazendo as honras de um salão.

Cobrem-se com um vestido simples qualquer, quando têm de ir á casa do patrão, porem atiram-no longe, como cousa incomoda, mal voltam ás suas moradas.

Os homens nunca se desfazem das tres peças de vestuario que sagram civilizado o indio selvagem: calça, camisa e chapéu. E' uma especie de superioridade que julgam adquirir com esse habito, mas que nem de leve procuram impor á companhia.

A poligamia é geral, mas cuidadosamente dissimulada, sentindo-se que os costumes são bons,

Salto São Simão, margem direita.



que ha relativa prohibade, espirito de iniciativa, de trabalho e de progresso.

Extraordinario é o efeito que a civilização exerce, através de tantos desertos, sobre o primitivo animal humano, de que em breve não subsistirá mais que uma lembrança!...

Deixando a casa de João Corrêa, encontramos uma grande piroga que a distancia nos parece conduzida por estatuas de cobre rubro. São as mulheres que voltam da roça com um carregamento de mandioca.

Não imaginando encontrar "brancos" no caminho, não tiveram a precaução de conduzir pano para um lenço sequer. Em numero de oito ou dez, limitam-se por consequencia a forçar os remos, trocando conosco rapidas palavras, e deslizando com rapidez agnas abaixo, deixando nos nossos ouvidos o barulho de uma embarcação energicamente impelida, e nos nossos olhos uma visão de cabelos negros voejando, de bustos e torsos vermelhos sacudidos por movimentos vigorosos mas graccis.

Depois vem a cachoeira do Labirinto, assim chamada porque no verão, quem não conhecer bem o caminho, arrisca-se a entrar por uma passagem que, ao fim de algumas remadas, dá no seco.

Para nós ha agua suficiente. Nenhum segredo existe no alto Tapajós para Paulo Leite e seus Apiacás.

Labirinto, como a maior parte destas quedas, apresenta arquiteturas singulares: baixos-

relevos, colunas, pilastras, arte grega, o ciclo-pico, o druidico, tudo bosquejado.

A irisação das espumas, as nuvens amareladas e flocosas sob o anil do céu, os breves chamados dos passaros de alto vôo perseguindo-se uns aos outros, o verde alegre das ilhas e das margens, a majestade severa dos altos rochedos, formam um quadro ideal para um idílio de deserto.

E' a beleza que parece haver compreendido José Gomes, o luchoua do Labirinto, mestiço de Mato Grosso, que me parece não ser simples caboclo, mas possuir, além do sangue branco, certa dose de sangue negro.

Tem uns cincoenta anos. Na mocidade foi praça do Exército — ou da Polícia — no seu Es-



Salto São Simão, margem esquerda.

tado. Quando deu baixa, a principio, fez-se sertanejo. Depois virou Apiacá, ascendendo a tuchaua, o que não o priva de conservar se mais ou menos civilisado.

Civilisado, porem honesto! Este suzerano quasi autonomo dum pequeno clau onde abundam as joveus, parece tão moralisado na sua vida privada quanto rigorosamente integro é nas suas relações comerciais. Fazendo-se chefe de selvagens, o antigo soldado apenas seguiu uma honesta e intelligente vocação.

O local onde José Gomes estabeleceu seu modesto porem gracioso patriarcado é uma pequena ilha de terra rica, terminada do lado de cima por um prolongamento arenoso e pedregoso. O todo, insufficiente para alimentar a quarta parte da familia. Por isso os roçados são feitos na terra firme, invisiveis daqui, occultos pela orla da mata.

A ilhota foi completamente derrubada, (com excepção de algumas arvores deixadas para fazer sombra), afim de melhor perceber-se a aproximação dos Tapanhunas, e melhor lutar contra elles nas penumbras traidoras que tanto preferem para vantagem dos seus ataques.

Gomes couhece bem esses bandidos. Eles lhe mataram, na cachoeira da Misericordia, quatro anos atraz, uma filhinha, que os pais debalde tentaram vingar. Dois anos após, em 1893 incendiaram uma aldeia de gente sua, em Bananal Grande, por cima da cachoeira de São Florencio.

Daquí em diante a região começa a não oferecer segurança.

O pessoal de José Gomes é semelhante ao de Corrêa, com alguma mistura porém de sangue negro, em quantidade bastante pequena para não alterar o tipo indio, mas suficiente para escurecer



Moças Apiaçás.

um pouco a pele avermelhada, adelgaçar o talhe, e embelezar os dentes.

Em qualquer dos quatro aldeamentos apiaçás, a indumentaria é a mesma.

Foi da maloca de Gomes que partiu, a 17 de setembro de 1895, com alguns silvícolas, o alferes Fortunato, que chefiou a Coletoria em seguida à morte de Garcia.

Deste lugar até a maloca de Benedito são dois grandes "estirões", isto é, duas grandes curvas do rio: o estirão do Labirinto e o da Fortaleza.

Considero o primeiro, corrente retilinea do morro da Fortaleza á cachoeira de jusante, uma situação magnifica para o estabelecimento duma cidade, uma campina de farta vegetação sobre a margem esquerda, com montanhas ao fundo, meio de apparencia tão fecunda quanto bela.

O morro da Fortaleza, do lado oposto, lembra Cuatacuara e São Benedito, apesar de não estar a pique sobre a margem do rio, porem a uma centena de metros para o interior, protegido, de rochedos e ilhotas. Da margem não se distinguem por entre o mato senão escarpas á meia altura da montanha, uma especie de cornija de pedras e de bastiões a pique, dando por assim dizer a ideia duma fortaleza.

Com um ceu, negro, que não demoraria em produzir intensa chuva pela noite toda, chegamos á casa do afavel Apiacá Benedito, capitão, tuchaua ou chefe na parte baixa de São Florencio.

Benedito é moderno. Cinco minutos após nossa entrada na casa, nenhuma mulher mais no seu trajo nacional! Se bem que desajeitadamente, todas apparecem com saias e blusas. Os civilizados não encontrarão nada que exigir. Que este ativo tuchaua consiga produzir bastante borracha, e



Grupo de mulheres Apicás.

breve estas senhoras dirão *shoking!* e serão elegantes como puritanas.

Um rapaz laborioso, serviçal e leal, o Benedito!

Apesar da suas rasgadas cortezias para com sua equipe feminina, não o considero, todavia, a julgar pelas aparências, capaz de se fazer apóstolo da emancipação feminina. Mas, como tudo é para esperar quando se vêem homens primitivos revelar tão admirável facilidade na assimilação dos hábitos dos civilizados, sentindo no seu meio acanhado a sugestão e a vantagem das idéias práticas e das maneiras polidas, não me admiro

se amanhã vier a encontrar um destes tuchauas na pele de... presidente dum Conselho de Ministros.

Em verdade, os aventureiros arameanos e kuschitas vão ser por uns tempos os senhores do mundo. Iscariotes é hoje muito mais perigoso que as vinditas de um ceu que parece haver reservado os seus sorrisos para os fariseus, sejam êles pela metade macacos. Jamais o triste mistér de homem de bem foi tão ingrato como no nosso tempo.

Mas... toma lá a tua calça e a tua camisa branca, meu bom tuchaua Benedito. Continúa. Tem cuidado, porem, que teu estomago não está ainda bastante forte para resistir a uma intoxicação de civilização. Antes que fiques bastante velho, chegaremos a uma epoca em que a Historia dirá: "Nesse tempo a humanidade era feliz".

Enquanto esperas, sorri e rema, e não penses em nada; a vida é breve.

Falta-te apenas a caixa forte de um banqueiro e um cavallo imponente, para te pareceres com um dos nossos grande heroís, Apiacá candido! Mas, tem a cautela de não te civilisares demais. Os malditos do Ocidente enlouquecido e velho andam por toda a parte, semeando um grão que breve germinará nestas capoeiras. Tens de abrir para êles as tuas terras virgens! Regenerados nas aguas rubras e resplandecentes da nova Juventude, êles virão pedir ás florestas apiacás a hospitalidade dos novos tempos.

E sob os troncos de raizes mais velhas que as primeiras idades do homem, nas profundezas de

um solo trabalhado e revirado, sepultar-se-ão para sempre, para que ai apodreçam sem deixar nem miasmas nem lembranças, os arquivos da antiga humanidade, a ma...

Enquanto espera, Benedito, vai nos acompanhar até Salto Augusto. E' bom piloto, flecha bem: as cachoeiras e os peixes nos serão favoráveis.

Depois do rapido da Dobração (Dobração porque é preciso dobrar a equipagem para passá-lo) esbarramos com as primeiras pedrarias de São Florencio. E' uma região em que a mata desaparece quasi completamente, para ceder lugar a extensões pedregosas, que por intervalos dão o ar de praças publicas mal calçadas, ou dum intenso banco monolítico cobrindo tudo, ou, com mais frequencia ainda, de blocos enormes ou medios, de todas as formas, atirados ao acaso, em montes, em altamentos, deixando espaços que mal deixam passar as arvores desajeitadas e os enfezados arbustos. Sempre vegetação pantanosa, entre rochas permanentemente humidas, quando não afogadas.

A cachoeira de São Florencio, rola sua correnteza poderosa e cabriolante por entre encantadora paisagem de ilhotas, de vegetação alegre, que dominam ao fundo, por detrás das lages das duas margens, e por entre montanhas arborizadas, que no momento brillham com intensidade, sob os raios do sol de meio dia.

Do lado esquerdo estão os morros de São Florencio, cuja massa abru'a, a pique sobre o Tapajós, forma, defronte da cachoeira, uma muralha de trinta a quarenta metros.



Benedito, capitão Apiacá.

Logo acima, na margem oposta está a maloca do Bananal Grande, que tem sua história.

Não passa duma barraca mal conservada numa roça em abandono, pois foi incendiada pelos Tapanhunas tres anos atrás, durante a ausencia dos moradores, mas teve sua importancia. Estendia-se da margem, até o igarapé da Cabeceira do São Florencio.

Os proprietarios tudo fizeram para que o bananal não fosse visto do rio, porem nada impediu que os Tapanhunas, terriveis depredadores to-

cassem fogo na maloca e devastassem por completo a plantação.

Apesar do grande consumo de bananas que fazem os Apiacás, (que consideram o bananal de São Florencio como propriedade comum, e aí vêm, alternativamente, carregar suas canoas de bananas e doutros frutos), ha ainda neste momento, ali, bananas para carregar duas ou tres igarités.

A aldeia que o pessoal do Bananal fundou no igarapé da Cachoeira em seguida á visita dos Tapanhunas, é ainda pouco importante. Fica a tres ou quatro horas de marcha daqui. Fazemos o percurso por terra, porque o igarapé, juncado de arvores caidas, não é mais navegavel.

Foi com o objetivo de encontrar borracha que os homens do Bananal se aventuraram até os confins do Cabeceira, região acreditada muito rica em seringais. Mas os Apiacás do porto do Gomes, fundadores do Bananal e a seguir da maloca do igarapé, gozam fama de ser os indios mais preguiçosos da região; dizem-me que é com produções de dez ou quinze quilos de borracha, apenas que liquidam as suas safras. A este trabalho e á exploração duma pequena plantação de mandioca limita-se a sua industria.

No fim do longo estirão da cachoeira de São Florencio envereda-se pelos rapidos da Misericordia, aquem da cachoeira do mesmo nome.

Dos rapidos até a cachoeira o rio é guarnecido dos dois lados, e principalmente do esquerdo, por grandes rochedos de cinco a dez metros de altura, cortados em angulos fortemente salientes. Uma estratificação horizontal bem visivel dá

a estas massas a aparência duma construção edificada por mão de homem, com tufos de vegetação alarracada no cimo.

A cachoeira da Misericórdia fica rente á margem esquerda, num angulo violento do rio, precipitado em queda entre escolhos do seu proprio leito e os rochedos da margem. Arrastados por uma corrente furiosa, os infelizes que não puderam domar o impulso da sua canoa só têm tempo de gritar: "Misericórdia!" ao se verem precipitados no funil que os espera com as pontas agudas e mortíferas das pedras.

A violencia das aguas abate-se em angulo reto sobre as pedras, que parecem abalar-se com



Cachoeira de São Florencio.

o choque, experimentando certa dificuldade em repelir a pesada torrente que, obrigada a uma outra direção, gira sobre si mesma em formidável rodamoinho, para depois, franqueando num salto brutal o ultimo declive, ir espatifar-se em ondas de espuma no leito já tranqüilo do rio.

As bagagens são passadas por terra. O "descarregador" mede apenas duzentos metros de comprimento, mas é um dos peores do Tapajós. É necessario subir e descer, passar dum rochedo difficil a um perigoso. Sendo mais curto que os descarregadores de São Florencio e São Simão, inspira, não obstante, maiores inquietudes.

Quanto ás embarcações, passam pelo varadouro, quando ha agua; caso contrario, perlongam a grande cachoeira, buscando caminho por entre as pedras, através de canais escassos, cuja configuração varia com o nivel das aguas.

Continuando, defronta-se, na margem esquerda, com uma pequena praia arenosa de sinistro renome, a praia dos Tapanhunas, que estes indios atravessaram tres anos passados, para vir incendiar a maloca do Baunãl Grande.

Dai até a cachoeira do Canal do Inferno é um estirão comprido, com magra vegetação ribeirinha, e, á direita, com lages interminaveis, quasi nuas, desenrolando-se até o sopé da cadeia de colinas vizinhas, que evoca aspectos da Arabia Persa, com vestigios de antigas e recentes inundações.

A cachoeira do Canal do Inferno precipita a força das suas aguas pela margem esquerda, entre

a terra firme e uma ilha montanhosa e pedregosa que se eleva no meio do rio.

Ordinariamente, ninguém se arrisca pela grande queda, sim pelo canal oriental, entre a ilha e as lagoas da margem direita. Nossa montaria, que não excede de sessenta arrobas, enfia-se por toda parte sem grandes dificuldades; todavia, em todas as cachoeiras somos forçados a descarregar completamente as nossas poucas bagagens.

Enquanto a embarcação passa, completamente vazia, com os homens nua, forcejando nos trechos mais ou menos duros, ao passo que dois deles, mantidos a bordo, manobram com as varas, os passageiros seguem pelas lagoas, descrevendo curvas para evitar os braços de águas estagnadas ou vivas, apressando-se ou demorando-se no deslizar por sobre as grandes placas de pedra fustigadas pelas águas e pelos anos.

Ha ocasiões em que se faz um longo desvio, e após experimentar durante um quarto de hora a sensação de estar perdido entre os arbustos e as pedras, vai-se desembocar pouco acima do ponto de partida, para esperar os homens que rebocam a montaria, içando-a nas corredeiras, gemendo forte, saltando, para se excitarem, gritos bizarros, até apparecerem, sempre alegres e sempre prontos para continuar no rude labor, o mais rude que jamais pesou sobre os hombros do homem.

Os bravos canoeiros já descobriam a pedra em que os "brancos" os esperam, e fazendo retinir o ar com seus brados de guerreiros arabes,

vêm juntar-se aos que os aguardam comodamente á sombra.

A caminhada, ás vezes, proporciona encontros inesperados. Agora foi uma cabeça de Mundurucú, com os ossos esmigalhados. A peça anatomica foi muito bem preparada, sem duvida pelos urubús, pois encontrei o esqueleto dum destes carneiros ao lado da cabeça do Campineiro.

Morreu o Mundurucú por ter comido o urubú, ou este é que foi envenenado pela carne do indio doente? Cruel enigma...

Acima do canal do Inferno vem a cachoeira do Banco de Santa Ursula.

No meio do rio, e ocupando a metade do leito, uma fila de rochedos perpendiculares á corrente, e quasi sempre descoberto: o banco de Santa Ursula.

Este nome me leva a evocações. Capaz de barrar o curso dum grande rio, como obstaculo não são nada para desdenhar estes rochedos. O que não compreendo é o motivo de lhe terem dado o nome de uma santa! Verdade que perto está o canal do Inferno. Protegei-nos, Santa Ursula!...

Quer se passe pela grande abertura á esquerda do banco, quer se escolha a brecha da margem direita, é sempre um salto de quasi tres metros, num angulo de 45 graus. E saltos assim ninguem pode dar. Santa Ursula limita-se a proteger torceduras e escorregamentos, porque bagagens e passageiros obrigatoriamente passam por terra, seja inverno ou verão.

Após Santa Ursula é a cachoeira de Santa Iria, que uma ilha divide em duas gargantas, onde a força das águas é desigual conforme a estação, mas sensivelmente a mesma, se se considerar o período todo do ano.

O canal de leste é o mais estreito; por êle é que tomamos, por ser considerado mais fácil.

O rio baixa pelo menos dois metros em Santa Iria. Nosso estreito canal oriental é, por felicidade, bastante protegido pela habitual vegetação dos rios empedrados. Os inumeros galhos, mergulhados na água veloz, são sacudidos como que por um espasmo nervoso; quanto mais numerosos eles, maiores as esperanças de salvação.

Não obstante, os velhos praticos das cachoeiras não acreditam nas águas más, senão quando por sua vez se afogam.

Por entre a ramaria que as águas tumultuosas do pequeno canal agitam, aparece uma canoa de fabricação mundurucú. Pertenceria ao Campineiro cuja cabeça repousa, na entrada do canal do Inferno, ao lado do esqueleto de urubú? Os Apia-cás que me acompanham estão mais ignorantes do que eu no misterio.

“Alguns Mundurucús se afogaram e um bravo urubú apoderou-se da cabeça de um dêles...” Eis a oração fúnebre dos desconhecidos.

Entre amigos os elogios são magníficos; menos eloquentes mas tão emocionantes como os de Bossuet...

“A morte do meu vizinho não é bastante para me affligir: ela aumenta a terra para proveito

meu". Assim falava um velho chefe indio amigo. "Cada nascimento é um possível inimigo a mais, ao passo que cada morte é mais um lugar vago", dizia-me um dia, confidencialmente, famoso homem de Estado. Que é então esta humanidade, cuja moral é tão idéntica nos seus polos extremos?

A cachoeira de São Rafael, em um vasto quadro de colinas, apresenta por todos os lados ilhas, ilhotas, rochedos, rápidos, em tal quantidade que difícil seria fazer dêles uma enumeração exata. O desnivelamento total é de uns tres metros.

Estamos na nona cachoeira a partir de Todos os Santos, comprehendida esta. Faltam outras nove para chegarmos a Salto Augusto.

## CAPITULO V

Cachoeira de São Gabriel. — Cachoeira da Dobração. — Cachoeira do Saival. — Cachoeira de São Lucas. — Cachoeira das Ondas. — Travessão do Banquinho. — Travessão Grande. — Cachoeira do Salsal. — Cachoeira das Furnas. — Cachoeira do Tocarizal. — Salto Augusto. — O que resta da expedição do capitão Garcia. — O território contestado entre o Pará e Mato Grosso. — A entrada de Salto Augusto. — Regresso de Salto Augusto.

A cachoeira de São Gabriel, logo acima de São Rafael, é um rapido muito forte que, no grande leito do rio, desce em ondas tumultuosas pelas quais as embarcações não se arriscam. Apresenta, na margem esquerda, entre a terra firme e uma ilha que na sua parte de baixo é apenas uma grande lago, estreito canal que gira bruscaemente em angulo réto diante duma muralha de rochedos que se eleva a alguns metros sobre a margem esquerda.

Adiante de São Gabriel, as margens, que desde as primeiras cachoeiras do alto Tapajós eram geralmente cobertas de vegetação rara e raquitica,

apresentam em varios trechos uma rica terra aravel, de onde surgeu florestas de alto porte, de um verde não mais palido e amarelado, mas de reflexos metalicos e eseuos.

A Dobração é apenas um rapido sem nada de perigoso.

No mesmo caso está a cachoeira do Saival. Chama-se saival, na lingua geografica do Amazonas, um braço de rio que corta os pedrais, com sua vegetação peculiar. Varadouro, outro termo da geografia local, indica um caminho de canôa, entre rochedos imersos ou não, com rôlos de madeira colocados no fundo para facilitar o deslissamento da embarcação.

São Lucas é uma das cachoeiras fortes do alto Tapajós. Já é perigosa, apesar de estarmos ainda nas aguas medias. O unico canal praticavel, mesmo agora, é o da esquerda. Parece que o outro, em pleno inverno, é formidavel.

A cachoeira das Ondas, chamada por Chandless, "da Lage de São Lucas", é dividida em duas por tres ilhas estreitas e compridas, que se succedem no sentido da corrente. Uma grande lage prolonga-se quasi sem interrupção pela margem direita até defrontar o igarapé de igual nome, importante afluente de cerca de trinta metros de largura, na bóca.

Logo acima deste e duma pequena campina, no mesmo lado, um pouco para o interior, aparece um rochedo a pique, esbranquiçado, de vinte a vinte e cinco metros.

Entramos pelos travessões do Banquinho, pequena cachoeira sem nada de perigoso, a que se se-

gue o travessão Grande, (o "rebojo" de Chandless).

Começa então a região do Salsal.

A cachoeira nunca chega a ser inquietante; não passa de uma serie de rapidos barulhentos, mais fortes ou mais tranquilos, segundo o nivel das aguas, porem sempre inofensivos para quem conhece a navegação.

Pela direita, o rio é flauqueado por uma cadeia continua, a cordilheira do Salsal, que, pelas regiões centrais, creio, se estende até adiante de Salto Augusto. Quasi na mesma altura, no São Manoel, desemboca um igarapé do Salsal duplamente conhecido dos Mundurucús por ser o caminho da salsa, (salsaparrilha), e de Salto Augusto.

A salsa, que deu o nome aos accidentes geograficos do distrito, parece ser bastante abundante. Todavia, não sendo bastante remuneradora a sua exploração, julgo não será ela que atrairá a colonisação nos limites do Pará e Mato Grosso.

A cachoeira das Furnas é tambem digna de consideração, embora não apresente grandes difficuldades, nem para a subida nem para a descida.

Na entrada de jusante, a ilha das Furnas proporciona, pela direita, um caminho mais curto. Infelizmente, seu paraná-mirim fica quasi a secco no estio, e no inverno forma cachoeiras tão arriscadas como a principal.

Na ilha das Furnas é que os Mundurucús massacraram, não faz dois anos, um grupo

de Tapanhunás que vieram colher castanhas. Ignoro se se lembraram de cortar as cabeças dos inimigos; não esqueceram, no entanto, de carregar a castanha encontrada.

Furnas tem pela margem esquerda montanhas, das quais uma é rochosa e desnuda, e pela direita, uma grande lagoa que por certo trecho é acompanhada por esguia illota de pedras, de vegetação pauperrima. A passagem é pela direita, onde o saival e suas continuações oferecem aos canoeiros uma ruma de fadigas contra poucos riscos.

De Furnas a Tocarizal fica uma das regiões em que padecceu Paulo Leite. Meu excelente amigo aí feve uma instalação, pouco abaixo dum igarapé igualmente na margem direita, onde começou suas honrosas e frutuozas relações com a borracha. Era em 1887. Como esse modesto curso d'agua não possui nome, nem civilizado (!) nem indigena, proponho que daqui por diante seja o "igarapé de Paulo Leite".

Hoje, quinta-feira 15 de novembro, dia de festa nacional do Brasil, parto da cachoeira do Tocarizal para Salto Augusto.

Tocarizal é precedida duma pequena enseada, em cuja parte superior fica ingreme praia de areia, nas aguas medias, dois metros acima do nivel do rio, que desce ainda revólto da queda que estronda pouco alem.

Esta cachoeira é do grupo das que são mais barulhentas que temíveis. Passa-se sem estorvos, sem neln se pensar bastante, mesmo, porque já se está absorvido pela idéia duma vizinhança desastrada

para a pobre Tocarizal, a do Salto Augusto. Nada consegue afastar nosso pensamento desse barra-fronteira formidavelmente preparado pela natureza.

De chôfre, dramatiza-se a paisagem: uma arvore derrubada e despojada da sua casca por extranhos viajantes, que não podem ser senão os Tapanhunas.

Nossos Apicás não se assustam; sabem o numero de fuzis que temos a bordo, e depositam confiança no seu patrão Paulo Leite, o verdadeiro chefe da sua boa pequenina tribu.

Sexta-feira 15 de novembro, ás 11 horas e 15 minutos da manhã. Eis-nos, enfim, em Salto Augusto:

Chandless foi o unico, ao que eu saiba, que deixou deste lugar uma descrição acciável. É mais exata que viva, mas digna de ser reproduzida *in extenso*. Ei-la:

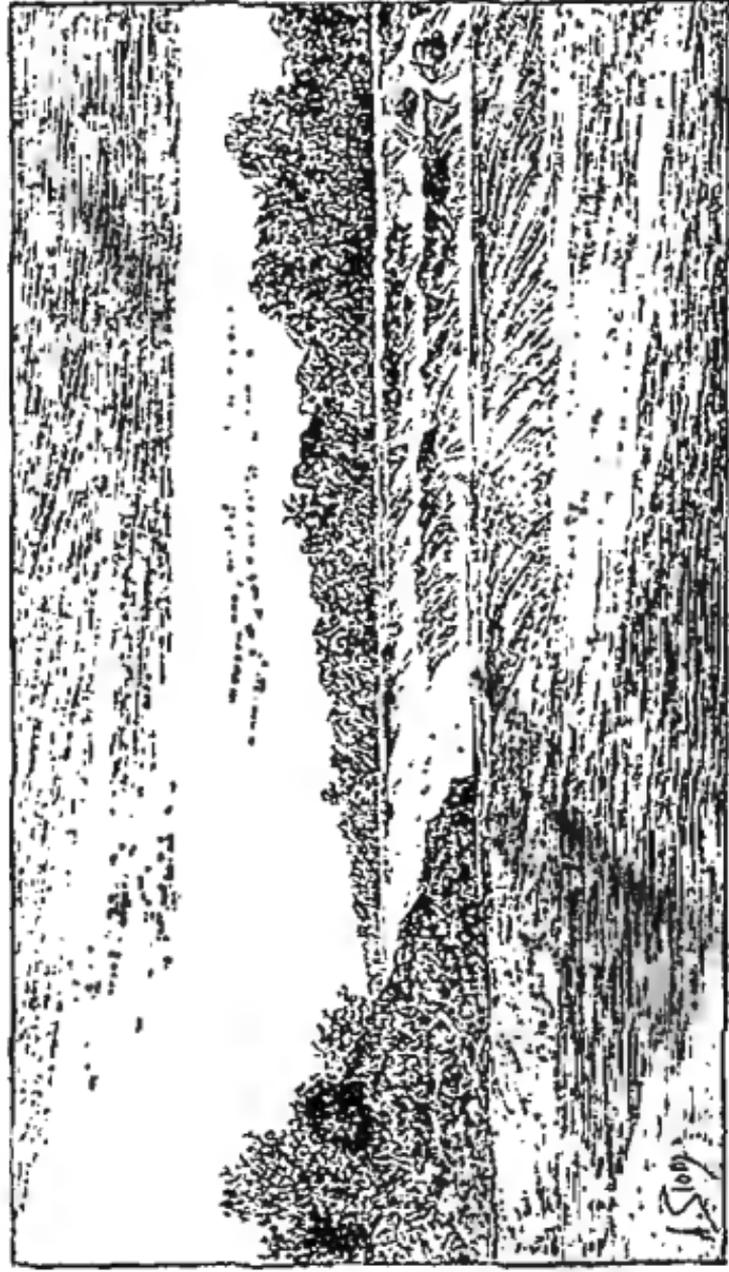
“Salto Augusto é o limite geralmente accito entre o Pará e Mato Grosso, se bem que esta fronteira ainda não haja sido fixada por lei.

“A cachoeira é dupla; o rio desce por dois canais, apresentando cada um tres quedas.

“A grande, da margem esquerda, é muito alta, porem a maior massa d'agua desce é pela queda da direita, com um barulho formidavel.

“O conjunto das duas, sobre um mesmo plano, mede uns dez metros de altura. Imediatamente após, e fazendo tambem parte do sistema, vem a terceira queda, meos elevada.

“Por todos os caracteres, este salto é um limite natural entre o Pará e Mato Grosso, conforme



Santo Augusto, margem direita, n Jusante, olhado da Lago.

acentua Ferreira Pena. A montante, os peixes são de escama; a jusante, de pele. Aqui as matas são mais ricas em produtos naturais, marcando a fronteira da salsaparrilha, que não é mais vista para o sul deste ponto”.

Do confluyente para baixo, Salto Augusto é o primeiro obstaculo em que ha a absoluta impossibilidade de passar as embarcações grandes ou pequenas, senão por terra. Içam as igarités até o alto da pequena montanha da margem direita, e arrasam-nas sobre rôlos de arvores colocados a um metro de intervalo, á força de braços, até pequena baía situada por cima da cachoeira.

Para descer, o processo é o mesmo. Um cão, uma caixa vazia, precipitados do alto do salto chegariam estraçalhados, se não desaparecessem nos rodamosinhos do percurso. (29).

O caminho de sirga de Salto Augusto foi aberto por dentro da capoeira dum certo Manoel Amazonas, que ha uns cincoenta anos teria sido enviado por Mato Grosso como diretor dos Apiaçás que então habitavam do lado de cima da cachoeira, e que justamente era necessario fazer descer para a fronteira que se pretendia conquistar. O livre movimento economico do Amazonas cortou a questão.

A manhã de 16 de novembro é deliciosa; aproveito-a para visitar de novo e mais detalhadamente este Salto Augusto, que permanecerá uma

---

(29) Os rodamosinhos são chamados “rebôjos” e, quando volumosos como os formados pelos saltos de Salto Augusto, Sete Quedas e outros deste volume, trazariam sem difficuldade qualquer embarcação até 50 toneladas de registro ou talvez maiores.

das mais belas lembranças da minha existência de explorador.

Bem ao pé da queda, a cincoenta metros, se tanto, sentimo-nos tão excitados pela emoção como pelo turbilhonar das aguas. O aspecto é novo. Murallas a pique ou em degraus, estratificadas horizontalmente, com angulos horizontais brutalmente tallados.

Contemplamo-lo da margem direita, que é a do caminho de portagem; e na esquerda, encontramos panorama ainda mais grandioso. A queda produz-se do lado do oeste, numa linha quebrada que, nas aguas medias, chega a desenhar uma ferradura, com o vertice a jusante, tendo os lados formados pelas ilhotas rochosas do meio do rio e as ciclopicas lages nuas da margem esquerda.

No inverno a agua cobre tudo e vai, precipitar-se na gigantesca e arquitetural bacia que jamais se enche.

A primeira queda tem logar nesta bacia, a segunda, num enorme rebôjo de aguas que saem do buraco que aparece perto da dupla queda. A terceira, joga suas caladupas do alto dum banco de barragem de metro e meio a dois metros, que ocupa todo o rio.

A grande queda de montante, o rebôjo e a pequena queda de jusante são, numa margem e noutra, guarnecidas por pequenas illhas rochosas que ocupam o meio do rio, absolutamente simetricas.

Neste momento as grandes quedas medem uns sete metros de alto, os rebôjos e pequenas quedas, mais ou menos metro e meio.

A configuração geral de Salto Augusto, que se apanha muito bem das lages da margem direita ou meio da esquerda, oferece o mais completo contraste com a grande cachoeira do Tapajós, inferior, segunda de todo o rio — Apuí.

Esta mostra-se triste, fechada, baixa, tal um fundo de poço. Salto Augusto, largamente aberta, alegre, como prodigiosa muralha d'agua que caisse do ceu por entre as cintilações, os rutilamentos e irisações do sol.

Ali, gigantescas castanheiras, destacando-se sobre a linha da mata que enfeixa as grandes rochas desnudas; aqui, pedras lisas, fragmentos de grês fino, que são insuperaveis pedras de amolar. Sobre os galhos das velhas arvores ou o musgo dos rochedos, orquideas. E do rio que logo adiante torce bruscamente para o desconhecido, o roncar permanente das aguas, provocando uma columna de vapor que se eleva para o firmamento, envolvendo por vezes o voo dos passaros que planam sobre esse abismo.

Para dar a esta grandiosa harmonia a nota de tristeza humana que lhe faltava, lá está, no porto de cima da margem direita, o igarité do infeliz Garcia.

Detalhe triste!... Mas é meu dever occupar-me do inventario desse desgraçado.

O igarité de Garcia, ou melhor, do governo de Mato Grosso, é uma forte embarcação de umas



Salto Augusto, margem esquerda, a montante.

quatrocentas arrobas (aproximadamente 6.000 quilos) de carga. Está encanalada num banco de pedras, podem para impedir que na enchente as aguas a arrastem, Paulo Leite tomou a precaução de fazê-la amarrar numa pequena enseada ao abrigo da correnteza.

Garcia conduzia consigo borracha e castanha. Desta, havia, parece, quarenta e cinco sacos, a maior parte dos quais já carregados pelos peregrinantes Mundurucús, para a confecção do horrivel mingau que chamam *dahú*, alimento favorito do povo campineiro. Quanto á borracha, restam ainda trezentos a quatrocentos quilos sob um rancho, no caminho do Salto. Não demorará figurem como produção de qualquer laborioso Carra-Preta do alto Tapajós ou do São Manoel. As roupas e objetos pessoais de Garcia fôram conduzidos pelos sobreviventes da expedição, e deixados na maloca de José Gomes, em malas colocadas num estrado, ao abrigo da humidade.

Ao lado de dolorosa lembrança dum homem honesto, lamentavelmente assassinado, e da necessidade de castigar exemplarmente uma horda de indios bandidos, é tudo quanto resta da odisséa do capitão Garcia Junior, enviado pelo governo de Mato Grosso para fundar uma Coletoria na confluencia do alto Tapajós com o São Manoel.

E a solução do litigio entre o Pará e Mato Grosso não avançou um passo.

Embora falar em territorios contestados, na epoca actual, cheire mais á polvora que á diplomacia, permito-me bordar, sobre o "Contestado"



Salto Augusto, margem esquerda.

entre Pará e Mato Grosso algumas considerações, de ordem exclusivamente científica.

Desconhecendo por completo os documentos históricos da questão, os quais não me compete examinar, coloco-me apenas como julgador do que denominaremos as conveniências geográficas.

Existindo uma região litigiosa entre dois Estados duma mesma federação, onde deve ser estabelecida a fronteira?

Parece-me que, se nessa região ha um ponto em que se encontram *dois meios climatologicos diferentes*, e que estes, embora povoados por elementos da mesma raça, o são por sub-grupos etnicos distintos; se, além disto, a partir deste ponto, todos os *interesses economicos* dependem, por exemplo, os do lado norte, dos mercados septentrionais, e os do lado sul, dos mercados meridionais, por esse lugar é que deve passar o que em linguagem moderna se pode denominar uma boa fronteira.

Ora, um ponto assim existe no alto Tapajós: Salto Augusto.

a) *Fronteira climatologica*. — Salto Augusto, situado a cerca de 150 metros de altitude sobre o nível do mar, fica no extremo limite do alliplano mato-grossense. Depois de percorrer de sul a norte este alliplano, o Tapajós, formado mesmo no centro de Mato Grosso, pela reunião do Juruena e do Arinos, vai precipitar-se, já a *mais de oitocentos quilometros das fontes dos seus formadores*, e num salto de dez metros, numa terra nova, numa outra região brasileira: a Amazonia Paraense.



*Salto Augusto, visto de conjunto.*

Chaudless constatou isto antes de mim, de forma que não insistirei em debater o que já está accito como verdade classica: Salto Augusto é um ponto do limite entre o planalto mato-grossense e a bacia amazonica. Ao sul, é o clima semi-temperado; ao norte, o clima amazonico. A transição estabelece-se, aliás, não só quanto ao clima, como quanto à flora e à fauna.

b) *Fronteira étnica.* -- No seio duma mesma federação, o que pode constituir uma fronteira étnica entre dois Estados? Evidentemente, uma linha situada na zona onde acaba a superioridade numerica dos originarios duma Estado e começa a dos oriundos do outro.

Ora, segundo as últimas avaliações officiaes, Mato Grosso, para 1.390.000 quilometros quadrados, possui 100.000 habitantes, e o Pará, para 1.070.000, 500.000 habitantes, o que mostra que o segundo é, proporcionalmente á sua superficie, oito vezes mais densamente povoado que o primeiro.

Nestas condições, difficil seria admitir *a priori* que seja Mato Grosso o povoador do territorio contestado.

E estas indicações, fornecidas pelo bom senso, são confirmadas pela observação dos factos.

O São Manoel civilizado, do confluyente á cachoeira das Sete Quedas, conta 36 casas de moradores, dos quais 5 mato-grossenses, 7 maraenhenses ou cearenses, e 21 paraenses. É uma estatística que dispensa comentarios.

Com respeito ao Tapajós propriamente dito, sobre duzentas casas aproximadamente que se

espalham pelas suas margens, não encontrei senão um unico mato-grossense, estabelecido ha trinta e cinco anos na regioa, e não tendo negocios senão com o Pará, Todos os 3.000 civilizados que povoam a totalidade da bacia do grande rio, de Salto Augusto a Itaituba, nos afluentes da esquerda como nos da direita, são paraenses, maranhenses ou cearenses, trabalhando pelo e para o Pará. Seria difficil encontrar ai uma duzia de mato-grossenses.

A colonisação, a penetração do Tapajós por Mato Grosso é portanto um mito. Está nas mãos dos paraenses, e dos seus auxiliares, os maranhenses e cearenses.

No alto Tapajós, menos povoado, pois apresenta apenas uma meia duzia de casas de civilizados, a confluencia do São Manoel a Salto Augusto, dois terços dos habitantes são paraenses, e seus aviadores são necessariamente paraenses, porque as communicações com o Estado central, alem de dificeis, por causa da falta de população, são tambem perigosas, devido aos indios bravos. As mercadorias vêm do Pará, a borracha desce para o Pará. Mesmo os mato-grossenses vêm-se obrigados a passar por Belem, se desejam rever sua Cuiabá distante.

c) *Fronteira economica.* — Para cima de Salto Augusto o deserto é completo. Sob o ponto de vista economico, pois a fronteira desta barragem representa para o Pará uma reivindicación perfeitamente moderada.

Pode-se mesmo insistir sobre este ponto: de Salto Augusto ao Mato Grosso povoado são ainda

quinze dias de subida pelo Tapajós e pelo Arinos, quinze dias de deserto inhospito e hostil, terra percorrida pelos Tapanlanas e Nhambicuaras. Foi ao sair desta zona para penetrar no Mato Grosso reputado seguro que o infeliz funcionario que retornava da Coletoria do São Manoel foi inesperadamente assassinado pelos índios que impunemente operam no proprio coração do Estado vizinho.

O que se constata acima de Salto Augusto, afinal, é o mesmo que na cachoeira das Sete Quedas. A um dia abaixo desta, ha civilização. Transposta a grande barreira, é o "sertão bravo".

Os Mundurucús civilizados duma maloca um pouco a jusante da cachoeira das Sete Quedas preparavam-se, quando eu voltei, para efetuar uma caçada de cabeças de Parintintins da margem occidental, a alguns dias acima da cachoeira limite. E das Sete Quedas ao salto Tavares são dez dias subindo, e deste ao salto das Sete Quedas, (que não se deve confundir com a cachoeira do mesmo nome), mais cinco dias.

Pois do salto das Sete Quedas ao primeiro habitante civilizado do alto São Manoel, em Mato Grosso, são ainda alguns dias!

Tirai uma linha passando por Salto Augusto e a cachoeira das Sete Quedas, e outra pelas ultimas habitações civilizadas de Mato Grosso do lado norte, nos formadores superiores do alto Tapajós e do São Manoel, e verificareis que dentro desta faixa de quinhentos quilometros não existe um só civilizado!

Em compensação, uma meia dúzia de tribus bravias: Tapanhumbas, Nhambicuaras, Parintintins, Bakairis bravos, Cajabis...

Grandes quedas, e acima delas, uma zona povoada apenas por selvagens terríveis. Isto representa mais que uma fronteira. Para cima de Salto Augusto e da cachoeira das Sete Quedas, e até o quasi o centro de Mato Grosso, é a "marcha" dos antigos Estados da Idade Media, a zona hostil e fechada, a "terra selvagem", a "terra dos indios bravos".

Segundo Chandless, e de accordo igualmente com Paulo Leite e seus mato-grossenses, que me elucidam certos detalhes, eis a distribuição das cachoeiras de Salto Augusto em diante:

*São Carlos*, a dois quilometros deste, e relativamente facil;

*São João da Barra*, a tres quilometros mais ou menos da anterior, grande e perigosa, tendo dois canais, separados por pequena ilha, cada um dêles com uma cachoeira de força e impetuosidade raras. Toda a carga dos viajantes passa pela ilha central, sendo que, nas grandes aguas, a propria embarcação tem de tomar o mesmo caminho.

O igarapé de São João da Barra, que desemboca frente á cachoeira, pela margem direita, é mais ou menos da importancia do Bararati ou do São Tomé. Varando-se por êle quatro dias, franqueando varios rapidos e correntezas bastante fortes, chega-se a uma grande cachoeira que ninguem atravessou até hoje. Até ai a borracha é abundante, nas margens como para o interior.

Os Apicacás possuíam, uns cincoenta anos atrás, algumas habitações nesta região, que depois ficou completamente deserta.

*Rebôjo;*

*Boqueirãozinho;*

*Boqueirão;*

*Figueira.*

Adiante de Figueira é a confluencia do Arinos com o Juruena, formadores do Tapajós. O primeiro é o principal, e o verdadeiro continuador deste. Arinos e Juruena, na sua junção, formam uma grande enseada, uma das mais largas, parece, do curso do Tapajós superior.

Para alcançar as cidades de Mato Grosso, segue-se pelo Arinos, deixando a levante o Juruena, ainda mal conhecido.

No Arinos, deparam-se as cachoeiras seguintes:

*Meia Carga;*

*Dois Irmãos*, comprida cachoeira, que faz lembrar Chacorão ou Capoeiras;

*Pedras;*

*Porteiro;*

*Dois Paus.*

Esta é a ultima, do Arinos. Pouco adiante fica a foz do rio Preto, num lugar chamado Porto Velho, de onde, em quatro horas e meia, se vai por terra a Diamantina, cidade mato-grossense.

De Salto Augusto a Porto Velho, no Arinos, uma boa montaria ou uma pequena igarité gasta entre quinze e vinte dias, com equipagem regular.

Acima do igarapé de São João da Barra, os afluentes do alto Tapajós e do Arinos são pouco importantes. Entre Meia Carga e Dois Irmãos fica, na margem oriental, a bôca do rio dos Tapanhunas, em cujos campos vivem os famosos e temidos índios do mesmo nome.

Na mesma altura, porem na margem ocidental, são os Nhambicuaras, de não melhor reputação.

Entre a cachoeira das Pedras e a do Porteiro, o Arinos recebe dois tributarios, ambos da margem direita: o *Sumidouro*, a jusante, e o *rio dos Patos*, a montante. Nas margens deste vivem os Bakairis mansos.

A despeito dos Tapanhunas e Nhambicuaras, o Arinos, via de comunicação directa e desde muito tempo frequentada entre o Tapajós e as cidades de Mato Grosso, está hoje perfeitamente conhecido. Os mato-grossenses aí exploram seringais, ao mesmo tempo que criam gado, nos campos. Deslisando em solo plano, longe das montanhas, o rio é, segundo falam, extremamente rico em seringais.

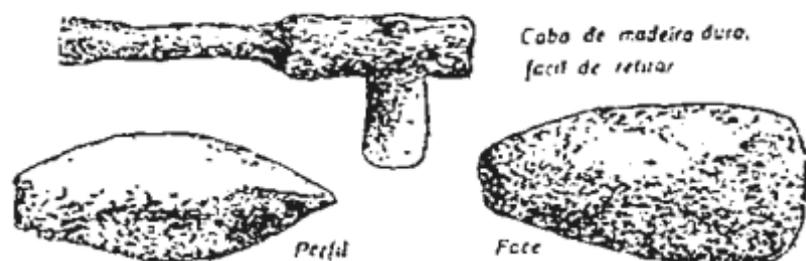
Esta vantagem parece existir tambem no Juruena, onde recentemente se instalaram alguns seringueiros de Mato Grosso. Mas o curso do rio continúa pouco conhecido, pelo terror que os índios bravos inspiram aos aventureiros.

Tribus bravas ou mansas são numerosas na região. Citam-me, alem dos Tapanhunas e Nhambicuaras, os *Parintintins*, os *Raipé-Chichi* ou *Aipo-Sissi*, os Bakairis mansos e Bakairis bravos, os *Cajabis*, os *Paraouaretés*, estabelecidos entre o Arinos e os formadores do São Manoel.

Os campos dos Tapanhunas prolongam-se para leste da direção do Paranatinga, e para o norte, no rumo do São Manoel, mas não é de crer que se estendam sem interrupção até os campos dos dois rios. De acordo com os Mundurucús, extensas massas de florestas virgens enchem a região entre as planuras dos Tapanhunas e do Paranatinga e a cachoeira das Sete Quedas.

Os Tapanhunas, sendo ao que consta, de lingua geral, foram perfeitamente compreendidos pelos Apicás, nos seus raríssimos encontros, desde a migração destes para o norte.

A tática de guerra dos primeiros não denota apreciavel valor militar ou moral: é somente o assassinio á traição. Esperam os viajantes que seguem pelo rio, em alguma praia, em uma ribanceira, em posição que force as vitimas a reagirem incontinenti, sem tempo para reflexão. Surgem inesperadamente do meio do mato, sem arcos nem flechas, rindo, falando alto, fazendo sinais amistosos de convite para que os outros, encostem. Atendidos, assim que têm os incautos ao alcance das suas flechas, alvejam-nos traiçoeiramente.



Machados tapanhunas.

Em quinze anos de exploração entre os selvagens cheguei á conclusão de que os índios bravos são pura e simplesmente bandidos hereditários e profissionais, a respeito dos quais toda filantropia é um artifício.

Os Nhambicuaras, vizinhos fronteiros dos Tapulunas, partilham com estes a reputação de ferozes, por vezes mesmo, antropofagos.

O que não impede que as duas tribus sejam inimigas.

Apresentaram-nos como Apicás bravos, por causa de semelhança dos dialetos, um e outro da família tupi, mas a hipótese é profundamente inverosímil, considerando-se que os Apicás são magníficos marinheiros de cachoeiras, ao passo que os Nhambicuaras desconhecem a canoa e viajam exclusivamente por terra.



Machado parintiutin, visto de face.

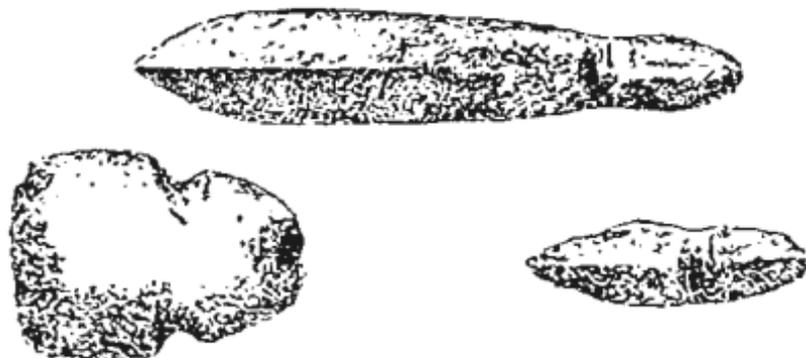
Os Parintintins, nação indígena que chega a dar-me a impressão dum mito, tais os seus pontos de contraste, vivem nas florestas além de Salto Augusto e de Sete Quedas, entre o alto Tapajós e o São Manoel. Os Murdurucús m'os assinalam a dois ou tres dias acima de Sete Quedas.

Nessas paragens, quando uma maloca ou uma casa civilisada aparece pillhada durante a ausencia dos donos, dizem logo: Fôram os Parintintins. Ha Parintintins por todos os lados.

Os Raipé-Chichí ou Aipo-Sissi, que vivem no sul, do lado de Mato Grosso, a erer nos meus informantes, fôram gratificados pela natureza, (gratificados ou castigados), por um sinal de masculinidade tão exagerado que chega ás raias do ridiculo.

Os Bakairís mansos estendem-se do Xingú ás duas margens do São Manoel, aquem da confluencia do Paranatinga.

São civilisados, dizem. Possuem, gado sabem ler.



Machados parintintins.

Os Bakairis bravos acham-se dispersos pelo interior, entre o Xingú e o Paranatinga, e entre este e o Juruena.

Os Cajaris bravos espalham-se entre o alto Tapajós, o São Manoel e o Xingú, ao norte dos Bakairis bravos, dos Tapanhunas aos Parintintins.

Enfim os Parauarétês, ao norte dos Cajabis, são vizinhos dos Parintintins, e como estes, visitados quasi todos os anos pelos bandos Mundurucús caçadores de cabeças humanas.

No sabado 16 de novembro, logo após o almoço, regressamos de Salto Augusto, indo acampar para a dormida na praia do Toranzol, onde encontramos, firme no seu posto, a copiosa legião de mosquitos e carapanãs que nos acolhera na vespera.

Amanheço enfadado. Será o enervamento duma noite mal passada, ou a inevitavel melancolia do regresso, ou o mal estar bem conhecido e verificado que se succede ao dia dominical? Não sei dizê-lo. O indiscutivel é que se tivesse de prosseguir pelo Juruena e o sertão dos índios bravos, até o Rio de Janeiro, sentiria melhor disposição.

Nossos dias de descida são rapidos. Hoje, 17, embarcamos ás cinco e meia da manhã, ainda escuro. Uma bruma espessa desce sobre nós, compacta e fria, que os raios do sol só dissipam pelas nove horas.

Repassamos as nossas cachoeiras.

Eis Furnas. Temos de descarregar, tambem na descida, mas somente no rapido de cima; no

outro, a embarcação é escorregada pelo saival, sustida por homens que aguentam a corda em terra, enquanto o patrão, com uma vara servindo de leme, e um canoeiro com uma vara de gancho, ambos embarcados, asseguram a direção.

Numa ilhota entre Furnas e Ondas, acontece-me uma das maiores surpresas da minha vida de caçador. Ouvindo o silvo dum tapir, Benedito resolve descer em terra, e faz fogo com o seu fuzil, que leve a precaução de carregar com uma das minhas balas explosivas, por saber quanto é duro para morrer este animal. Ferido apenas de leve, ao que acreditamos, o tapir foge, deixando um rastro de grossos pingos de sangue, para arrear-se definitivamente a uns cem metros mais longe. Procedemos à autopsia e verificamos que a bala foi explodir bem no coração do bicho, que no entanto teve forças para percorrer uma boa distancia, antes de succumbir a uma hemorragia interna!

Descemos Ondas pelo canal da esquerda, onde a corrente é menos violenta, mau grado os fortes remos, sendo mister manobrar com rapidez e firmeza.

O grande canal de São Lucas oferece ressaltos tão perigosos que uma igarité, mesmo descarregada, não os arrisca. Nossa canoa segue pelo saival e as bagagens passam por um atalho rico em baunilhas graúdas — unico lugar onde encontrei esta especie, enquanto que, no igarité da Bauilha, informam-me ha da baunilha verdadeira, de excelente qualidade.

Em São Rafael, arreamos a canoa com a ajuda da corda (30), depois passamos as bagagens por terra, para a illia fronteira aos acampamentos da praia.

Em Santa Iria entramos pelo mesmo canalzinho da subida, e á remo, apesar da violencia das agnas. Na cachoeira propriamente dita, porém, agora com dois metros de altura, torna-se indispensavel descarregar e passar a embarcação vazia, com muita atenção para que não vá arrematar-se contra as pedras da base do salto.

A altura actual da cachoeira do Banco de Santa Ursula é de tres metros. Perdemos tres horas para passar a canoa, fazendo duas arreações. Do saival de Santa Ursula ás montanhas de leste, as grandes lages e os pedrais começam a cobrir-se dagua. E' por aí, no inverno, o caminho das embarcações.

Na Misericordia, não desembarca senão minha valise; a canoa, passada pelo pequeno canal, chega ao mesmo tempo que nós, que tomamos pelos rochedos.

Mais ou menos na altura da Misericordia acha-se o lago do Paulo Leite, com cerca de tres quilometros de comprimento, e uma largura que varia de meia a uma largura do alto Tapajós (31), Acompanha o braço mais occidental do São Tomé — braço que vem a ser o verdadeiro São Tomé

(30) Corda é um cabo de manilha que varia entre  $1\frac{1}{2}$  e  $2\frac{1}{2}$  polegadas, conforme o tamanho da embarcação a que tenha de servir, na parte encachoeirada.

(31) O Tapajós das cachoeiras das Capoeiras para cima, até a confluencia dos Arinos e Jurucua, tem uma largura em media de 2 quilometros.

— ficando mais perto daquêle que do alto Tapajós.

Hoje, 18, dormimos na maloca de Bananal Grande, cujos habitantes estão presentemente para o interior, na maloca do Igasopi, na cabeceira do São Florencio.

Neste, arreamos a canoa pela corda; as aguas estão bastante altas para nos evitarem um transbordo incomodo; nossas bagagens podem, sem perigo desta vez, ser confiadas á corrente regularizada da margem direita.

Mas no São Simão, temos mais uma vez de carregar tudo por terra, apesar de as aguas haverem subido mais de um metro durante os quinze dias da nossa viagem para o alto.

E a 19 de novembro á tarde chegamos á primeira casa de Paulo Leite, pouco abaixo da foz do São Manoel, onde devemos preparar a expedição ao São Manoel.



## CAPITULO VI

Ultimos dias na casa de Paulo Leite. — Friagem e chuva. — Mauricio sempre pronto. — Rumo ás Sete Quedas. — Marchas forçadas. — Paisagens tristes. — São Manoel e alto Tapajós. — As grandes ilhas. - - Saturnino. — Denominações em proverbios. - Laurindo. - - Moreira. — Caminho do Cururu e caminho do alto Tapajós. — Campinas, campinhos e calingas. — Cachoeira de São José. — Cachoeira do Acari. — Cachoeira do Frechal. — Cachoeira do Vira-Volta. — Cachoeira do Trovão. — Cachoeira de São Feliciano. — Cachoeira do Jaú. — Cachoeira das Sete Quedas. — Da cachoeira das Sete Quedas ao salto das Sete Quedas.

Meus ultimos dias na casa de Paulo Leite, embora agradabilissimos, como os dias que se passa na casa dum grande amigo nas vespersas duma separação talvez definitiva, são, não obstante, muito frios. Frios como temperatura. Agora é o tempo do que elles chamam friagem. Sopra do sul, dos desertos de Mato Grosso, um vento mordente, que parece gelado. Os que soffrem do figado precisam ter cuidado; é a hora do perigo. (32).

---

(32) A temperatura nesses dias desce tanto que nos lagos e lagoas morrem os pequenos peixes que fogem de suas profundezas com receio de serem devorados pelos maiores que all habitam de preferencia.

De dia é o frio; de noite, a chuva. Uma chuva em rajadas, raspando a terra. Os barulhos da cachoeira, da chuva e do vento, misturam-se nas trevas compactas. De quando em quando tem-se a impressão de vozes que choram na imensidão. Arriscando um olhar pela porta entreaberta, a gente estremece ao açoite dessa chuva que tem jeito de vir de diante e não do alto. Ha a sensação de formas confusas, semelhantes a gigantescos fantasmas negros, surgindo subitamente de buracos cavados na soubra, para logo tornarem-se vitreos ou palidos.

A invencível tristeza da noite chuvosa e tempestuosa perturba-me o sono, estabelecendo, com os roucos e sinistros rugidos da catarata, não sei que harmonia de luto ou de "sabbat".

Às duas horas da tarde de 26 de novembro deixamos a morada hospitaleira de Paulo Leite, que nos acompanha até a casa de Mauricio, onde aportamos á uma da madrugada, sem havermos parado nem para jantar.

Às sete horas, dizemos os adeuses e partimos para a cachoeira das Sete Quedas, conduzidos por Mauricio até quasi meio caminho, a casa de Saturnino Carlos Pereira, lugar denominado "Veneza".

A viagem com Mauricio é ligeira, porque êle tem de regressar para a celebração duma festa da familia. Executamos jornadas quasi duplas, viajando boa parte das noites.

A 30 de novembro, pela hora e meia da madrugada, após breves horas dum sono vago, que os mosquitos e carapanãs tornam um tanto ou

quanto irrisório, avistamos a ponta superior da ilha do Cururú, e levantamo-nos aborrecidos, o rosto e as mãos vermelhos e inchados. O céu está horrível. O nevoeiro é intenso, espesso, pesado, frio. A cupola celeste, carregada de tempestade, está baixa, muito baixa, de uma cor que não é nem azul nem negra, mas dum anil sombrio e sujo, marehetado de grossas nuvens viscosas, tal monstruosos pedaços de gordura lívida.

E perdido nesse silêncio que é o resultado da melancolia dos animais e das cousas, enfraquecido e hesitante, sózinho mas valente nesse turbilhão de céos, o pensamento humano, esforçando-se por encontrar qualquer coisa nesse meio que não lembra nada.

Sob essas nuvens, que fazem como que um portico por cima do São Manoel, penetramos neste grande rio, que em largura como em massa dagua, nada fica a dever ao seu irmão gêmeo, o alto Tapajós.

Diferem, todavia, pelas suas peculiaridades. O São Manoel possui menos profundidade, muito mais ilhas, especialmente grandes, e numerosíssimas praias de areia, que na força do verão se prolongam, quasi ininterruptas, de cada lado do leito constringido do rio.

Sem embargo de ter uma vasão um pouco inferior á do alto Tapajós, o São Manoel poderia ser considerado mais importante, por causa da grande largura e das enormes ilhas. A lentidão da sua corrente, arrastando-se preguiçosa sobre as extensas praias, não permite porcm a ilusão por muito tempo.

Outro contraste acentuado entre os dois rios é a densidade relativamente elevada de moradores no São Manoel. Mais de quarenta habitações, das quais dou detalhe nos Quadros Estatísticos, escalonam-se sobre as margens deste, da foz à cachoeira das Sete Quedas.

Quanto ás montanhas, são um pouco menos numerosas que no alto Tapajós. As primeiras que a gente encontra localizam-se na margem esquerda, onde a serra da Maloca Velha e a do Alto Santo se elevam a 150 ou 200 metros sobre o rio.

Maloca Velha foi um aldeamento mundurucú, famoso antigamente; Alto Santo deve seu nome a uma lenda irreverente, que diz que certo santo aí estabeleceu seu domicilio, e dêle um belo dia, arremessou a propria cabeça para as profundezas do rio, de onde nunca os Mundurucús conseguiram repescá-la.

Pouco adiante da montanha, praia e ilhas que devem o nome á aventura do santo surge a maior das ilhas do São Manoel, a da Conceição, que com a Cururú, devem ser as maiores de toda a bacia tapajonica.

Mede aproximadamente quinze quilometros de comprimento, o que é pouco comum para uma ilha fluvial situada a mais de mil e quinhentos quilometros do mar, a vôo de passaro. Contem, como a Cururú, pequenos lagos, sendo flanqueada por outras, das quais duas na margem esquerda, pequenas, e oito na direita. Como naquella, a horracha é aí abundante.

Proseguindo, chegamos á casa de Saturnino Carlos Pereira, a cujos cuidados me confia Mau-

rição, que, em menos de uma hora tendo-se desincumbido completa e cabalmente da missão aceita por bondade me aperta as mãos, salta para uma pequena canoa e toma o caminho de Pesqueirinho. (33).

Até logo, Maurício, bom amigo, leal figura de velho batalhador do deserto!

É uma verdadeira sorte poder-se registrar que, transpostos os últimos burgos para penetrar no verdadeiro "interior", as pessoas encontradas são das mais simpáticas do mundo.

Saturnino não faz exceção. Está um pouco adoentado, tem febre, seu fígado porta-se mal. Longe porém de se servir deste pretexto — que seria razão plausível — para esquivar-se ao meu pedido, ou pelos menos retardá-lo, arruma os seus remédios no baú, e responde-me simplesmente: "Vamos embora!"

É moço, não deve contar muito mais de trinta anos, mas mora no São Manoel ha bastante tempo, conhecendo-o bem. Pelas informações que me fornece, em completo acôrdo com os meus levantamentos, o São Manoel está muito menos afastado do alto Tapajós do que o revelam ordinariamente as cartas. Um indio de Saturnino atravessou daqui ao alto Tapajós em dois dias. Do outro lado, o Cururú está quasi á mesma distancia: das malocas mundurucús do São Manoel vai-se em um dia e meio á maloca de Puxú, no Cururú.

---

(33) Pesqueirinho é o lugar á margem direita do Tapajós, abaixo do rio Cururú, onde tem sua residência e commercio Maurício Rodrigues da Silva.

Defronte da casa de Saturnino o rio apresenta uma das suas belas paisagens. O morro do Caroyal e a serra das Cobras alinham os seus cumes sobre a margem ocidental. Na dilatação do rio estende-se a grande ilha Tudo-Tem-Tempo, que tomou o nome a um proverbio normando. Parece que anos atraz ella foi objeto de disputa entre rabulas do Tapajós, um dos quais terminou uma das suas epistolas pelo dito proverbio, enviado com mão segura, tal qual flecha de Partha. E, intelligente ou bôbo, a denominação ficou. Refletindo, acho nisso uma idéia: Ponho em concurso um projeto de denominações em proverbios para alguns dos nossos principais edificios nacionais: o palacio Bourbon, a Morgue, Mazas, etc.

Exgotado um dia inteiro de canôa, sem que o rio varie na sua uniforme direção norte-sul, alcançamos a casa de Laurindo José Francisco da Silva, honesto pernambucano, sub-delegado do Pará no baixo São Manoel.

Coisinha adiante, ficam duas grandes praias, a Comprida e a Vermelha, que no verão avançam por mais de dez quilometros, unindo entre si quatro ilhas de vegetação pobre.

E por fim, as malocas mundurucús!

A primeira é dum pacato e laborioso caboclo paraense, dos mais civilizados, aliás, José Francisco Moreira, a quem o conhecimento do idioma mundurucú e sua influencia sobre as pequenas malocas desta nação, que se succedem da casa dêle para cima, lhe valeram o epíteto de tuchaua, por parte de alguns vizinhos civilizados, invejosos dos seus modestos sucessos de linguista amec-

ricano e aviador de Caras-Pretas. Moreira oferece-me alguns machados e flechas indígenas, que, apesar da modestia do obolo, enriquecerão a secção dos Parintintins no Museu do Pará.

Acima do porto de Moreira, deixando á direita a pequena ilha Nova Olinda, onde o engenheiro suíço Gustavo Toepper pretendeu um dia haver descoberto caulino, aparece a Ilha do Pereira, uma das grandes ilhas do São Manoel, com uma extensão não inferior a dez quilómetros, e onde Moreira começa a estabelecer prados artificiais para a criação de gado, enquanto Saturnino, de seu lado, faz o mesmo na margem de leste, defronte da ilha Tudo-Tem-Tempo.

Fronteiro á extremidade sudoeste desemboca o igarapé do Salsal, que se acredita descer da cordilheira de igual nome, que margina o Tapajós á pequena distancia a jusante de Salto Augusto.

Pouco adiante, na margem direita, por detrás de ilha de Maruim, ha uma derrubada, ponto por onde os Mundurucús do Cururú atravessam para ganhar o alto Tapajós, que fica a dois ou tres dias de marcha, isto é, a 25-40 quilómetros. Os Mundurucús do Puxú é que estão na roça do Maruim. Até este trecho o Cururú corre quasi paralelamente ao São Manoel, do qual não se afasta mais de dois dias de marcha.

Imediatamente após o Maruim, entre elevações que se sucedem quasi sem interrupção pelas duas margens — os morros do Caroçal — ficam as ilhas do mesmo nome, ocupando a maior par-

te do alveo do rio, e das quaes as principais são seis.

Em seguida, o rio apparece momentaneamente desimpedido, vindo depois a ilha do Castello, que deve o nome a um rochedo que tanto pode ser comparado a um castello como a um bastião ou proa de navio, e que se eleva na margem direita, em face da ilha a que deu o nome.

Quasi ao alcançar-se a cascada de São José, descobrem-se vestigios de importante habitação que ai possuiu, anos passados, um paraense de nome Joaquim Demetrio Barbosa, e de onde partiram os Mundurucús á procura da salsaparilha no igarapé do Salsal e no São Tomé, que dizem fica a menor distancia que a existente entre a cachoeira das Sete Quedas e Salto Augusto.

Continuando a rota, encontra-se a capoeira do coronel Bernardino Rodrigues de Oliveira e, logo depois, as Campinas e as cachoeiras.

Proximo da ponte de cima da ilha do Castello, o São Manoel recebe, pela margem direita, um dos maiores afluentes do seu curso inferior, o igarapé Grande do Piauí, quasi da importancia do Cururú, o que prova que estes campos não se estendem, para o sul, alem da cachoeira do Cururú, e o que mostra, tambem, que as campinas do São Manoel são separadas dos campos gerais do norte por matas mais ou menos vastas, apresentando, todavia, alguns estrangulamentos quasi completos, pois estes trechos arborisados deixam passar o fogo dos campos do Cururú, fogo que algumas vezes veio alcançar a margem direita do São Ma-

noel, diante da cachoeira do Toró, na cachoeira de São José.

E' da capoeira de Bernardino Rodrigues de Oliveira que a gente pela primeira vez avista as campinas ou campinhos do São Manoel.

Umás como outros não são em absoluto planícies ou pequenos campos, como estas errôneas designações podem fazer crer. Bordando o rio, como a certa distancia para o interior, não ha senão catingas, zonas de vegetação arborecente mas raquitica, produto de um solo magro e pedregoso.

Alem destas ha, muitas vezes, verdadeiros campos, mas sem que isto seja a regra geral. Catingas não podem ser confundidas nem com campinhos, (campos pequenos), nem com campinas, (planícies). São apenas o prefacio, a transição do verdadeiro campo para a floresta.

Outra cousa que faz confusão é a mudança proposta nos ultimos anos por algumas pessoas, bem intencionadas sem duvida, porem mal inspiradas, que, sob o pretexto de já existir um salto das Sete Quedas, mudaram o nome da *cachoeira* das Sete Quedas para *salto* das Campinas, esquecendo que Sete Quedas é uma cachoeira e não um salto, e que não são campinas que existem nas suas cercanias, mas colinas cobertas de catingas.

As cachoeiras do São Manoel, em numero de oito, assim se denominam:

- 1 — São José
- 2 — Acari
- 3 — Frechal

- 4 — Vira-Volta
- 5 — Trevão
- 6 — São Feliciano
- 7 — Jaú
- 8 — Sete Quedas.

A São José, compreendendo os travessões do Canal Torto e Canal do Apuí, apresenta fortes correntes, que se precipitam em todos os sentidos, entre as ilhas e ilhotas que ocupam nesse local o leito dilatado do rio.

As campinas — para empregar a expressão usual, se bem que inexata — alongam-se pelas duas margens, das quais a esquerda é montanhosa e a direita termina em um planalto, defronte da ilha do Toró.

Subindo, depara-se logo a seguir com uma ilha que não deve medir menos de uns nove quilometros de comprimento, a ilha do Marengo. No canal de leste, uma unica cachoeira, a da Catingosa; mas no de oeste, tres: Acari, Frechal e Vira-Volta.

A primeira, na ponta noroeste da ilha de Marengo, é toda de fortes correntezas. Na ilha defronte dela é que mora meu primeiro guia, o senhor Antonio Bentes Paranatinga.

Pouco avante da cachoeira do Acari ergue-se na ilha do Marengo, a casa dum homem conhecido por José Cuiabá, que se acha em festa. Está toda enfeitada com cordões de bandeiras de papel; de espaço a espaço sobem ao ceu alegres foguetes; ouço o ruido do tambor; ha dansas; a cachaça circula generosamente.

Estas comemorações populares sempre me deixaram a dôr de cabeça como melhor lembrança. Por isto, cumprimento Cuiabá e me exilo numa ilha, onde os cantos, as dansas, o tambor e os foguetes me serão menos incomodos. Saturnino, obrigado a ficar na casa até o dia seguinte, para tratar de negócios olha-me com ar de inveja.

A 8 de dezembro, nossa pequenina ilha está completamente transformada; é um lindo parque. Foi capinada, limpa. Chegamos ao extremo de queimar as folhas e ramos sêcos. Prazeres de caçadores, ignorados dos cidadãos! A canoa jaz amarrada no porto, sob um abrigo de folhagens, muito arquitetura).

Confortavelmente instalado na minha casa, muito pouco distraído pelos estampidos dos foguetes e os rumores da festa de Cuiabá, ponho as minhas notas em dia.

Faço uma estatística. No São Manoel, até o porto de Cuiabá, inclusive, ha 37 habitantes, dos quais 24 paraenses, 6 cuiabanos, 5 cearenses, 1 maranhense e 1 riograndense do sul. (34).

Os 6 cuiabanos são: João da Silva Tavares, Manoel Pedro, Gabriel d'Almeida, Gonçalo Norato, Marciano e Cuiabá.

Os 5 cearenses: Francisco José das Chagas, João Bernardo, Josué Gonçalo Teodureto, Mannel Francisco Xavier, Manuel Francisco Barata.

O maranhense chama-se Paulino José dos Santos, e o riograndense do Sul, José Fernandes da Silva Barulho.

---

(34) Habitantes adultos e masculinos. Complementando os seus com mulheres e crianças, deve subir a um total de cccc (100) pessoas.

O dia inteiro é para a escrituração. Salvo duas bategas d'agua, o sol nos é fiel. A jornada termina bem. Chega a noite, e com ela, o sono.

A' meia noite, um brado: "A canoa está afundando!"



O Maués Cactano.

E' Cactano, o Maués, que me foi emprestado por Cardoso, seguido de Vicente, que desperta repetindo o alarma.

Incidente banal e previsível. A embarcação fazia agua — todas elas fazem — e fazia agua regularmente, quando não são bem calafetadas. Era indispensavel exgotá-la varias vezes por dia. Cactano dormiu, uma fenda alargou-se, e quando êle percebeu estava com agua na altura do nariz.

Caetano e Vicente estão lá, fazendo banheiros em qualquer coisa de escuro, que é a canoa afundando no meio da noite.

Objetos são bruscamente arremessados para terra: um teodolito na sua caixa, um medidor de tempo, apanhado no vôo, um barometro que se está afundando.

A canoa afunda tanto quanto possível. Não se vê mais que o seu teto de palhas. Bom! Não faz mal! Meus papeis estão em terra!...

Faz mais de meia hora que uma vez naufraguei. Nem faço mais contas! Já me habituei. Da natureza, aliás, só tenho conhecido pequenas traições. Outras perversidades ha, bem mais para lastimar.

Saturnino manda os seus homens "para ver si precisamos de alguma coisa", e eles desalagam a canoa. Sua prôa apresentava, numa taboa completamente apodrecida, um buraco para cujo calafeto dou uma das minhas camisas de flanela. E esta, docemente comprimida pela ponta duma faca, alarga o buraco de tal forma que por êle poderá passar a cabeça duma pessoa.

O trabalho continúa, com o auxilio pessoal de Saturnino.

E na terça-feira 10 prossegue a nossa peregrinação.

Primeiro vem a cachoeira do Frechal, que, embora longa, não opõe perigos apreciáveis, porque seus travessões não passam de simples corredeiras.

Depois, é a Vira-Volta, rapido de certa impetuosidade.

E logo acima, uma outra dessas grandes ilhas que a gente sempre se espanta de encontrar no São Manoel, tal a sua extensão: a ilha da Curupira.

Adiante dela surge uma outra, um tanto menor, mas ainda passavelmente importante, a da Vidraça, na altura da qual se é obrigado a lutar contra as violentas correntes da cachoeira do Trovão.

Agora, mais uma grande ilha, a do Vicente, onde meu guia Vicente Teixeira de Castro teve, alguns anos atrás, um estabelecimento importante, hoje em ruínas, e que a vizinhança mais ou menos selvagem acabará por fazer desaparecer, em virtude do princípio: "Quem abandona, perde os seus direitos".

Como a ilha não tem nome, e como ninguém veio estabelecer-se nela depois do seu primeiro habitante, resolvo que seja, daqui para o futuro, a "ilha do Vicente".

Pela prôa surge-nos então uma nova cachoeira, a de São Feliciano, dos dois lados da ilha do mesmo nome, e pouco antes da ilha da Cabeça Vermelha.

Passados os ultimos rapidos, alcança-se a cachoeira do Jaú, igualmente pouco para temer, e por fim, a cachoeira das Sete Quedas.

E' esta um significativo acidente geografico, não só por causa do seu desnivelamento total, que deve atingir perto de dez metros nas aguas medias, como em razão da multiplicidade de quedas laterais, repartidas em cinco grupos por pequenas

ilhas, numa das quais se acha, mesmo, minúscula cachoeira montanhosa.

Fato curioso: pelo menos tres destes cinco canais paralelos que correm entre as ilhotas são cortados, cada um, por sete quedas, que oferecem identico desuivelamento total, mas que apresentam força e perigo tanto mais assustadores quanto mais se caminha dos canais de este para os de oeste.

O canal maior, o que fica rente á margem occidental, é perigoso precisamente em razão da massa e da força das suas aguas tumultuosas, precipitando-se no rio subitamente dilatado, sem nada que as detenha, ilha, rochedo ou vegetação.

Nesta cachoeira das Sete Quedas, no baixo São Manoel, é que, logo em seguida, a proclamação da Republica, segundo me dizem, a comissão enviada por Dom Pedro II, naufragou.

O paulista Boaventura, que está na casa de Mauricio, e um rapaz por nome João Mendes Martins, atualmente na Tartaruga, são remanescentes dessa aventura. Atirada nos enormes fervedouros do grande canal, a embarcação afundou. Salvaram-se a nado os que puderam. Tres ou quatro, entre os quais João Mendes Martins e o paulista, que ganharam, ao cabo de ingentes esforços, a ilha da Montanha. Dai atravessaram, inteiramente nús, para a margem do rio, acompanhando-o durante alguns dias. Quanto tempo viveram na mata, não souberam informar, porque apanharam febre, que lhes perturbou a memoria. Por fim, deram com uma barraca de seringueiro, abandonada. Arrancaram a serapilheira que

fazia as vezes de porta e dividiram-na para fazer uma roupa sumaria para cada um. Assim é que foram bater á porta dum outro seringueiro, de onde, um pouco melhor vestidos, continuaram a descida.

Nossa canoa passa as Sete Quedas pelo braço conhecido por Paraná do Jaú, considerado o mais facil dos cinco. Passageiros e bagagens vão por terra, de ilhota em ilhota. A embarcação vazia trepa pelos sete desnivelamentos ora puxada a corda, ora empurrada á força de braços.

Na entrada das Sete Quedas o São Manoel alarga-se e aparece pacato, sem correnteza. Na margem esquerda, um cacual, silvestre ao que me contam, com uns seiscentos pés, e em continuação, a maloca mundurucú de Nicolau.

Aí o rio, vindo do levante, gira para a esquerda, e é quasi o desconhecido.

Não obstante, os Mundurucús palmilham as florestas desertas do interior. Em tres ou quatro dias, dizem, vão da cachoeira das Sete Quedas a Salto Augusto.

Conforme relato dos dois sobreviventes da expedição de 1889, enviada pelo Imperio, de Mato Grosso ao Pará, pelo São Manoel, estas são algumas das particularidades do São Manoel, na secção pouco conhecida, que vai da cachoeira das Sete Quedas ao salto de mesmo nome:

Sete dias acima da cachoeira ha um local denominado Fechos, onde o rio estreita consideravelmente. O percurso é de correntezas quotidianas, quasi ininterrompidas, embora não mais ariscadas que as de Capoeiras ou Chacorão.

Imediatamente depois forma-se uma enseada bastante larga e começam grandes cachoeiras, umas atrás das outras. Nesta parte do percurso, o São Manoel apresenta as margens escarpadas. Rochedos, bancos de pedras, ilhas, atravancam o seu leito, que não possui então mais que canais estreitos. São necessários tres dias para vencer este deserto de pedras e chegar ao salto Tavares.

Este é infranqueavel pelas embarcações. Quem quer passar de baixo para cima ou de cima para baixo deve abandonar sua canoa e arranjar outra, no porto de cima ou de baixo. A portagem através desses amontoados de pedras é das mais perigosas e fatigantes. Se se quizer um caminho mais macio será preciso fazer um desvio enorme, por fóra de todos os rochedos da região. Salto Tavares é, parece, da força de Salto Augusto.

Depois de Tavares o rio torna se mais facil, e com cinco dias alcança-se o salto das Sete Quedas.

Este deve ter uma altura da de Salto Augusto ou salto Tavares, tendo portanto uns vinte metros. Mas suas quedas estão sobre o mesmo plano e não em reintrancias. Não ha, na realidade, senão uma queda, porem dividida em sete seções por meio de rochedos em columnas ou muralhas. São sete bôcas colocadas umas ao lado das outras, sobre a mesma linha do horizonte.

O salto das Sete Quedas é completamente inabordavel. Não ha embarcação, grande ou pequena, que possa ser içada de jusante para montante, ou arreada em direção oposta. Como em salto Tavares, mistér será arrastá-la por gran-

des trechos pedregosos. O mais simples, mais curto e mais seguro, é construir um outro meio de transporte.

Transposto o Sete Quedas, é necessario subir o São Manoel ainda alguns dias para chegar á sua confluencia com o Paranatinga, seu principal formador, embora não dê o nome ao rio.

No salto das Sete Quedas é que morreu o chefe da comissão de Mato Grosso, que, ha sete anos, o capitão Fogo teve a incumbencia de socorrer. Este encontrou os sobreviventes nas proximidades do salto Tavares, e dando por finda a sua missão, dai retornou.

Entre o salto e a cachoeira das Sete Quedas estende-se um deserto, vazio mesmo de índios bravos.

Os primeiros habitantes de Mato Grosso apparecem do salto para cima, e os primeiros do Pará, um pouco abaixo da cachoeira.

A região intermedia, ou seja a de Fecho e salto Tavares é o que no presente momento se pode denominar a *rex nullius* entre Pará e Mato Grosso.

## CAPITULO VII

Os Mundurucús. — Trabalhos do sabio Barbosa Rodrigues e de Gonçalves Tocantins. — Cosmogonia. — A lenda do Cão. — Antiga fama dos Mundurucús. — Estatística dos Mundurucús. — A maloca mundurucú; a antiga Decodemo. — Sentimentos de sociabilidade. — A familia. — Tatuagens e adornos. — O casamento, os funerais, e outro mundo. — Moda de vida. — Guerras. — O *pariná* ou cabeça defumada. — A festa do *pariná-te-ran*.

Antes de regressar dos desertos das Setes Quedas a Belém, pois que chegamos, na direção sul, á ultima das malocas mundurucús, a de Nicolau, pouco alem da cachoeira, vamos fazer uma vez por todas, e o mais completamente que nos fôr possível, o inventario geral da nação mundurucú: tradições, historia, costumes, estado atual. As questões diplomaticas, de geografia pura ou de geografia natural, por serem de grande interesse, não devem entretanto impedir-nos de dar, como o desenvolvimento que merece, a biografia duma grande nação indigena que pouco se extingue.

Que me seja permitido, primeiramente, inscrever na cabeça deste capítulo, o nome de dois homens, um dos quais é um dos príncipes da ciência brasileira, Barbosa Rodrigues, e o outro, modesto e digno sabio, meu bom amigo Gonçalves Tocantins.

Ambos publicaram bons trabalhos sobre os Mundurucús. Não quero arrogar-me a pretensão de *inventar* esta tribo. De sorte que apresento o meu estudo como uma especie de revisão dos trabalhos dos meus predecessores, revisão um pouco aumentada, esclarecida com informações novas ao trabalho commum.

*Cosmogonia.* — Certo dia, conta a lenda mundurucú, os homens surgiram sobre a terra. E esses primeiros homens que os animais viram entre as savanas e florestas, foram os que fundaram a maloca de Acupari.

Um dia appareceu nesta Carú-Sacacê, o Grande Senhor. Não havia então na terra senão animais meudos, porem logo veio a caça graúda, por obra de Carú-Sacacê, que tambem não se esqueceu de ensinar aos homens do Acupari todos os processos de caçar.

Carú-Sacacê não possuía nem pai nem mãe, mas tinha um filho, Carú-Tarú, e um servo, Rairú.

Certa feita, Carú, o pai, tendo voltado da caça conforme partira, disse ao filho: "Vai dar uma volta pela casa dos vizinhos; parece que elles mataram caça a mais não poder".

Infelizmente, por mais eloquencia que empregasse, o jovem Carú nada arranjou; os ho-

mens de Acupari, Mundurucús de alma já empedernida, não lhe deram mais que as peles e penas dos animais que haviam morto.

Ora, o que fizera o pai Carú fôra apenas para experimentar o coração do povo, pois bem sabia êle como se arranjar. E ficou celerico com o que acaabava de verificar.

Tentou, porem, nova experiencia, mandando mais uma vez o filho, com ordem de falar do alto e ameaçar. E os fariseus dos Mundurucús riram na cara dêle.

Ainda uma terceira vez o rapaz partiu em embaixada, suplice. E' porem mais facil enternecer Shylock que um Mundurucú. O pobre e malaventurado joven foi ignominiosamente repellido pelos historicos mas já ferozes Caras Pretas.

O pai Carú compreendeu que sua preciencia divina não lhe havia enganado, e preso de indescritivel furor, plantou em volta da maloca de Acupari, pacientemente e uma a uma, todas as penas que seus maus suditos lhe haviam mandado por troça, exclamando: "Vocês hão de ver!..."

E com um gesto sêco e tres palavras magicas transformou em porcos bravos todos os habitantes do Acupari, não só os homens, como as mulheres e crianças.

Ato continuo, olhando para o lado das penas que dispuzera em torno do aldeamento, levantou a mão abrangendo o horizonte, e a esse apêlo brotaram do nada grandes montanhas, e o local da antiga maloca se transformou em intensa caverna.

Ainda hoje, dizem piedosamente os Mundurucús, ouve-se de longe em longe, da entrada, gemidos humanos misturados com gemidos de porcos, no interior da temida caverna, onde ninguém quer-se arriscar.

Sem duvida Carú-Tarú desapareceu nessa confusão, porque a partir desse momento a historia não o menciona mais. Quanto a Carú-Sacuebê, escollado pelo fiel Rairú, continuou sua marcha pelo prado, até que, fatigado, parou a um ou dois dias de Acuparí. Bateu com o pé em terra, como Pompeu, e uma larga brecha se abriu. E dela o velho tirou um casal de todas as raças: um de Mundurucús, outro de Indios, (os Mundurucús não são da mesma raça que os outros selvagens, consideraram-se superiores), um casal de brancos e outro de negros.

O lugar onde Carú creou a humanidade pela segunda vez tinha um nome predestinado: Decodemo (\*), de *deos*, o macaco chamado coactá, e *demo*, bastante, abundancia.

Os Indios, os brancos e os negros dispersaram-se pelos quatro ventos do ceu" como reza a nossa Biblia. Espalharam-se pelas solidões em que lhes estava reservada a tarefa misteriosa de povoar.

A quarta raça humana — o primitivo casal mundurucú — ficou em Decodemo. Seus descendentes não tardaram a ser tão numerosos que, mal se punham a marchar para a guerra, a

---

(\*) Decodemo é a aldeia que o doutor G. Tocantins grafou por engano, Necodemos, do nome do personagem da Historia Sagrada.

terra toda, sacudida até nas suas entranhas, estremeceia.

Apesar de tudo, o velho Carú-Sacaebé não negligenciou a educação da sua raça predileta. Ensinou aos Mundurucús quasi tudo quanto é indispensavel para tornar um homem completo e perfeito: plantar mandioca, cultivar o milho, as batatas, o algodão e varias outras plantas. Mostrou como se prepara a farinha de mandioca. E posto não o refira a historia, ensinou sem duvida tambem ao Povo Escolhido, como preparar uma cabeça defumada, arte guerreira que é a gloria principal dos Mundurucús.

Aí, lembrando-se de que o filho se havia extraviado duraute essas arrumações, fabricou um outro. Da maneira mais simples possivel: apanhou a sua faca, esculpiu um pedaço de madeira com a forma humana e soprou-lhe em cima. A figura cresceu, engrossou, e quando alcançou o talhe de um homem, o velho parou de soprar. Carú-Tarú estava substituido.

O pai deu-lhe o nome de Hanhu-Acanate, e percebendo em pouco, com a sua sagacidade, que o pobre pequeno tinha necessidade de mãe, escolheu-lhe uma, na tribu, por nome Chieridá, com a qual o velho passou a viver livremente, tal como se ela fosse a verdadeira mãe de Hanhú-Acanate, produto exclusivo das mãos do artista.

Então, num gesto de infinita bondade, o grande Carú-Sacaebé ensinou aos seus Mundurucús o modo de fazerem as tatuagens com as quais ainda hoje a tribu se enfeita — e que não são outras senão as do proprio Carú-Sacaebé.

Hanhú-Acanate cresceu, tornou-se sedutor. Chieridá velava de perto a inocência extremamente preciosa, parece, do adolescente.

Mas as mulheres mundurucús não hesitavam diante de obstáculos. Um dia o jovem Hanhú, menos feliz que o celebre José deixou algo mais que o seu manto nas mãos de qualquer madame Putilphar decodemeza.

Carú-Sacaebê perdeu a paciência. Metamorfoseou o filho em tapir, e as mulheres culpadas em peixes. Rairú foi carregado pelas nuvens e nunca mais reapareceu.

Quanto a éle, Carú, primeiro rascunhou os estranhos caracteres simbolicos que se podem ainda ver nas encostas dos morros do Arenerê, depois, os dos rochedos de Cantagalo, a uma altura que a mão do homem não alcança, e por fim, tendo deixado sobre a terra mundurucú a sua assinatura, desapareceu para nunca mais voltar.

Embora aparentemente zangado com o seu povo, o deus creador e protetor não deixou de ser considerado pelos valentes Caras Pretas como o seu genio tutelar, o seu deus mítico ou fabuloso.

Em seguida a este personagem, é o cão o mais considerado na hierarquia mundurucú dos seres misteriosos.

Eis a sua lenda, no seu sabor nativo:

Carú-Sacaebê tendo partido para a sua patria celeste, estabeleceram-se os Mundurucú Dedodemo, cujas florestas e campos não tiveram mais segredos para êles. E como todos os primitivos, naturalmente, tornaram-se "grandes caçadores diante do Eterno".

Um dia em que todos os valentes haviam partido para uma grande caçada, deixando nos seus domicílios apenas as mulheres e as crianças, um desconhecido apareceu. Soube-se depois que era Carú-Pitubê.

Carú-Pitubê dirigiu-se para a *ekçá*, a maloca dos guerreiros, instalou-se comodamente numa rede, e começou a tirar da sua flauta canções verdadeiramente extraordinárias. Uma donzela da maloca, seduzida ou entusiasmada pela melodia do quasi magico instrumento, acorreu. Era Iracheru.

Iracheru ofereceu ao estrangeiro *dahú*, a bebida nacional. Carú-Pitubê saboreava o *dahú* olhando para a jovem.

O sol caiu. A maloca estava silenciosa. Carú-Pitubê fazia demorar mais tempo um ultimo *dahú* porque a jovem permanecia diante d'ele, com ar submisso.

A noite envolveu tudo. Decedemo era um deserto: as mulheres e as crianças haviam tomado o caminho dos roçados vizinhos. Os dois estavam sós.

Na manhã seguinte, o misterioso visitante disse a Iracheru: "Nascerá de ti o assombro dos guerreiros da tua tribo. Não mata aquele que nascer".

E isto dito, desapareceu.

Mezes mais tarde, o espanto, a indignação e o terror invadiram Decedemo: Iracheru vinha de dar á luz um casal de cães!

Os irmãos de Iracheru e sua propria mãe foram os primeiros a pronunciar contra a infeliz a

sentença de morte. Mas Iracheru, ao ver aproximar-se o carrasco para sacrificá-la e os seus tenros filhinhos, fugiu, rápida como a cema, apertando com os braços tremulos os frutos dos seus amores misteriosos.

Longo tempo errou pelas florestas. Até que, morta de fadiga, se sentou á margem dum limpido regato .

Pouco a pouco a jovem mãe viu crescerem e ficarem fortes os filhos que seu peito exgotado aleitava com o maior sacrificio, e que de noite ela aquecia com o calor da febre que lhe devorava o corpo.

E chegou o dia em que os dois cães puderam correr os bosques e as savanas, trazendo das suas caçadas numerosas perdizes, que deram a Iracheru a abundancia. De noite, eram elles guardas formidaveis, velando pela segurança de sua mãe. Os proprios tigres os evitavam, medrosos.

Um dia, Iracheru voltou a Decodemo e contou estas maravilhas. Sabia que se os guerreiros não abrandassem seus propositos de vindita, apenas ela pereceria, pois os filhos, ligeiros e astutos, não encontrariam dificuldade em fugir á perseguição dos carrascos. E sabia tambem que, se fosse perdoada, a tribu mundurucús se tornaria a rainha das florestas e dos prados, vitoriosa de todas as outras tribus, dominadora sem rival.

A segunda hipotese foi que se verificou. Os filhos de Iracheru foram acolhidos com aclamações unanimes da tribu, que os reconheceu como seus proprios filhos.

Em verdade, os Mundurucús tratam o cão como um filho. Se necessario, não hesitam em amamentá-lo ao seio, deitando-o na rede em que repousa um recém-nascido, como se o filho de uma cadela e o pequenino Mundurucú fossem irmãos.

Esta fraternidade o cão a beneficia durante a vida e mesmo depois da morte. Enterram-no piedosamente e quasi com tanta solenidade como uma criança ou uma mulher.

Com referencia á historia, os Mundurucús mal se afastam do dominio da lenda. Aliás, é preciso ter presente que só em 1748 o Tapajós foi conhecido por inteiro, por João de Souza de Azevedo, que foi de Mato Grosso ao Pará descendo o curso do pitoresco rio.

Aires de Casal, na sua *Corografia Brasileira*, dá, em 1817, o nome de Mundurucania á região comprehendida entre o Tapajós, o Madeira, o Amazonas e o Jurucua, em razão da preponderancia numerica ou guerreira, nessa região, dos Mudurucús,

Estes, cujo *habitat* está hoje entre o Tapajós e o Xingú, viriam portanto de leste, o que fez crer a alguns etnografos que se devia colocar o berço desta nação entre as populações andinas.

“Os Mundurucús, diz ainda Aires de Casal, costumam pintar o corpo de preto, com genipapo. São numerosos, de grande estatura, guerreiros temidos por todas as outras nações, que os chamam *Pat-quivê*, que significa *cortadores de cabeça*, por causa do seu habito de degolar todos os inimigos que agarram. Sabem embalsamar essas cabeças,

e as conservam por muitos anos com o aspecto que tinham no momento em que foram cortadas.

“Com estes horríveis trofeus ornamentam suas tóscas e miseráveis cabanas. Aquele que reunir dez, está apto a ser eleito chefe da horda.

“Os Mundurucús conhecem as propriedades de diferentes plantas, que utilizam para curar as suas doenças, mesmo as mais graves.

“Quasi todos os agrupamentos são hoje nossos aliados; alguns são cristãos. A deshumanidade daqueles que ainda vivem errantes, malando sem piedade, não respeitando nem a idade nem o sexo das suas vítimas, obrigou muitos índios das tribus vizinhas a se refugiarem nas aldeias dos cristãos, onde vivem em paz, ao abrigo desses bandos de celerados”.

Gonçalves Tocantins cerca-se de precauções ao apresentar seu recenseamento dos Mundurucús, como se tivesse consciência ou preciência de que os seus números sejam aceitos como exagerados.

“É difícil ou mesmo impossível, diz êle, estabelecer um recenseamento exato destes índios, por estarem as suas malocas escondidas no fundo de breñas inacessíveis. Além disto, durante o verão, grande numero de famílias abandonam as malocas e vão construir ligeiras cabanas mais para o interior, onde, isolados, encontram caça com mais abundancia. É certo, no entanto, que esta tribo é uma das mais poderosas e mais numerosas do vale do Amazonas. Alcides d'Orbigny perguntava se não devia considerá-la mais como nação que como simples tribo. De longa data ela forma uma republica fortemente orga-

nizada. As malocas centrais, situadas muito longe da ação das nossas autoridades, gozam liberdade sem limite, como se formassem um Estado independente.

"Na impossibilidade de proceder por mim mesmo a um recenseamento rigoroso, confio-me no depoimento dum habitante de Itaituba, que considero muito entendido na materia. Quero falar do tenente Joaquim Caetano Corrêa, importante commerciante, que, por nomeação do conselheiro Sebastião do Rego Barros, presidente do Pará, desde 1853 exerce o cargo de diretor dos índios do rio Tapajós.

Na previsão dum possível erro, Gonçalves Tocantins salva desta maneira a sua responsabilidade científica.

"Posto este personagem, dos mais qualificados, não tenha ido nunca ás aldeias centrais, estreitas são as suas relações com os Mundurucús das margens do rio. Eis a estatística, tal qual me foi fornecida pelo tenente Joaquim Caetano Corrêa".

Tal estatística, dada a seguir, difere muito das minhas avaliações pessoais. Duvido que os Mundurucús hajam algum dia alcançado o numero de 18.910.

E o caso é que o então diretor dos índios não pode ser acoimado de suspeito. Mas não subiu todo o Tapajós, nem o alto Tapajós e o São Manoel; as avaliações não são dele, porem de pessoas até certo ponto pouco qualificadas para um trabalho que requer tanta pratica como espirito critico.

Pode ser, tambem, que em consequencia das doenças, guerras, fusão com os brancos, etc., os Mundurucús tenham sido consideravelmente reduzidos em numero. De outra forma não se explica que, fazendo uma avaliação aproximada numa area muito maior que a visada pelo tenente Joaquim Corrêa, eu não chegue senão a um total de 1.389 individuos, em lugar de 18.910.

Pode-se ver, nos quadros que terminam este volume, o detalhe da minha avaliação.

## RECENSEAMENTO DOS MUNDURUCÓS

Quadro organizado pelo dr. Gonçalves Tocantins de acôrdo com os informes do tenente Joaquim Caetano Corrêa.

<i>Nome das malocas</i>	<i>População</i>
Danapone. . . . .	1.500
Carucupi . . . . .	2.300
Dairi . . . . .	2.600
Capipique. . . . .	2.000
Necodemo. . . . .	2.100
Aiká (Samuund) . . . . .	1.500
Acupari . . . . .	800
Arencré . . . . .	700
Arebaduri . . . . .	400
Tein Curupi . . . . .	500
Ipsaannti . . . . .	600
Cererepçá . . . . .	500
Cabroá. . . . .	500

Imburariri. . . . .	350
Macapá . . . . .	360
Uciberi. . . . .	250
Cabetutum . . . . .	350
Chacorão . . . . .	700
Airi. . . . .	300
Bacabal (Missão) . . . . .	500
Buburé. . . . .	100
	18.910

Mal terminada a sua enumeração, o excelente dr. Tocantins experimenta novos escrupulos, pois escreve:

“Talvez este calculo seja um pouco exagerado, ou pelo menos, que a população das malocas acima haja sofrido sensíveis modificações. A aldeia do Chacorão, por exemplo, achá-se actualmente abandonada, a do Buburé, quasi extinta. Mas se a população mundurucú puramente selvagem não vai hoje a dezoito mil almas, estou convencido de que os antigos aldeamentos desta tribo, situados nas margens do alto e do baixo Tapajós, excediam este numero, não incluídos nêle os silvicoias do interior. Hoje, os Munduracús ribeirinhos, confundidos pouco a pouco com a população civilisada, nem sequer comprehendem a lingua dos seus avós”.

A famosa Decodemo, tipo da maloca mundurucú primitiva, situada no interior e não à margem do grande rio, é assim descrita pelo dr. Tocantins, que a visitou em 1875:

“Decodemo fica sobre uma colina, existente no meio duma grande planície, não longe da mala.

“No centro da maloca achia-se o *ekjá* ou quartel dos guerreiros.

“O *ekjá* consiste numa grande casa de uns cem metros de comprimento, coberta de palha, e aberta para o levante em toda a sua extensão. Assim colocada, goza duma ventilação perfeita, o que a preserva dos mosquitos de todas as especies que, no interior da mala como na margem dos rios, constituem a vizinhança mais enervante do homem. Os raios do sol nascente penetram livremente no *ekjá* e sua luz alegre ao mesmo tempo aquece o ar sempre impregnado dos humidos e frios vapores da noite.

“Nele habitam apenas os homens validos, os guerreiros e seus filhos machos com mais de oito anos. Cada guerreiro ata sua rêde no lugar que lhe convem, nos esteios do *ekjá*.

“No terreiro, igualmente do lado do nascente estão tres linhas de estacas unidas por travessas, em que as rêdes são amarradas durante as belas noites de verão.

“Pendurado ao teto do *ekjá*, por cima da sua rêde, e ao alcance da mão, o guerreiro tem tudo o que possui: arcos, flechas, tacapec e flautas.

“Todos dormem em redes de algodão, lão pequenas que é preciso ficar imóvel para não cair delas. Tais redes são fabricadas pelas mulheres, que por sua vez, é que plantam e fiam o algodão.

“Durante a noite, pequenas fogueiras brilham entre as redes dos guerreiros.

“Rodeando o ekjá erguem-se as casas das mulheres, em que moram também as crianças dos dois sexos, os velhos decrepitos e os enfermos.

“Em Decodemo estas casas são em numero de cinco, regularmente grandes, construídas com cuidado, mais altas, fechadas por todos os lados, tendo por unica abertura uma porta baixa ou duas. Estas casas não apresentam nenhuma divisão interior. Tudo é commum, mas cada mãe de família, com com seus filhos, seus velhos invalidos e seus docentes toma conta dum canto da habitação e aí pendura as suas redes, tendo perto seus utensilios, balaios, paneiros, etc. No centro da casa ha dois ou tres pequenos fórnos de fabricar farinha de mandioca - - fórnos que não passam de pedras brutas mais ou menos planas, empilhadas umas sobre as outras, e no centro das quais se dispoz um fogão.

“Os guerreiros entram quando querem nas casas das mulheres, mas estas não penetram nunca no ekjá. Nas casas das mulheres é que são guardados os objetos mais preciosos, como os ornamentos de penas, colares de dentes humanos, cabeças defunadas de inimigos, etc.

“Cada vez que tive ocasião de entrar numa dessas casas encontrei as mulheres trabalhando: umas tecendo redes, outras fazendo farinha, outras assando caça, outras cozinhando, outras preparando mingau de banana.

“Uma india, alegre e risonha, com o rosto untado de urucú por cima das suas pinturas indeleveis, ofereceu-me um comprido verme repugnante que se contraia e se alongava convulsivamente

entre os seus dedos, querendo á viva força depô-lo na minha mão, dizendo: *Cobi-cobi!* "come, come!"

O dr. Tocantins, que não estudou senão um pequeno numero de tribus indigenas, mostra-se impressionado pelo espirito de sociabilidade ou mesmo de nacionalidade, que une fortemente entre si os individuos e as aldeias desta tribu, admirando como poudo conservar-se nestes desertos, longe do contacto e da influencia da civilisação, a autonomia da "Republica" Mundurucú.

Pela parte que me toca, vivi, a partir de 1881, entre umas trinta tribus indigenas, das fronteiras de Mato Grosso aos campos do Rio Branco, do massiço de Tumuc-Humac ás cachoeiras do Capés, por toda a parte, entre os Tupis como entre os Caraiabas e os Aprouagas, com os indios das planicies, com os das florestas, com os navegadores dos grandes cursos dagua, e experimentei sempre a mesma seusação: em qualquer parte a tribu indigena é a imagem reduzida mas fiel da patria civilisada. De selvagem á nós não ha a diferença que se pode imaginar.

"Os Mundurucús, continua o dr. Gonçalves Tocantins, são agricultores e caçadores. Sua mesquinha agricultura não lhes proporciona, porem, abundantes recursos. A caça, de seu lado, mesmo nestes planaltos de rica fauna, não pode alimentar regularmente um grande centro de população. E á medida que rarcia, os caçadores se vêem na contingencia de ir procurá-la cada dia mais longe.

“Este gosto e necessidade da caça, ao invés de reunir, de aglomerar os indivíduos, tende, pois, a isolá-los ainda mais, porque só sob a condição de serem poucos é que a caça os pode sustentar.

“Eis o que induz as famílias mundurucús a se dispersarem durante o verão. Durante a minha viagem encontrei algumas destas famílias espalhadas pelas matas do Caderiri ou pelas bordas do rio, vivendo da caça, refugiando-se à noite em miseráveis barracas.

“Pois apesar de tudo, a tribo conserva-se estreitamente unida, ainda que repartida em vinte aldeias (\*). Não ha, é certo, um centro de governo civil ou religioso a que todos esses agrupamentos prestem obediência, mas os laços morais que os unem são tão fortes que resistiram a todas as causas de dissolução, durante o longo período que a tribo já percorreu.

“As famílias são muito ligadas, os pais como as mães, extremamente afetuosos para com os filhos, capazes de afrontar os piores perigos para protegê-los. Algumas crianças que encontrei docentes eram tratadas com a maior solicitude.

“Quando um Mundurucú fala doutro indivíduo qualquer da sua tribo, diz sempre “um dos nosso parentes”, para indicar que êle é bem uma pessoa sua e não um estranho.

“Aproximam-se êles do ponto em que a ideia de família se engrandece em ideia de patria. Possuem seu uniforme nacional. Mas este não

---

(\*) As aldeias mundurucús são em numero total de 50, cada vez menos importantes.

consiste em calças ou blusas de diversas côres, porem em desenhos e pinturas sobre o corpo.

“Quando dois Mundurucús se encontram longe das suas aldeias, no seio da mata ou cortando o rio, reconhecem-se reciprocamente pelas tatuagens pinturas que ostentam — brazão nacional da tribo.



Capitão mundurucú Gabriel,  
com suas tatuagens.

“A pintura dos Mundurucús não é cousa de pouca monta, mas desenhos feitos com extrema habilidade, pela mão de artistas consumados.

“No rosto e no peito, numerosos losangos bem regulares. Na parte posterior do corpo, linhas paralelas tiradas de alto a baixo, do pescoço aos calcanhares. Na mulher, são as partes carnudas

e abdominais que são ornadas com desenhos, muito variados nos seus detalhes, mas uniformes para todas elas.

"Homens como mulheres sentem-se muito vaidosos com esses singulares adornos.

"A operação de tatuagem é extremamente dolorosa, e começa quando a criança atinge a idade de oito anos. Como é natural, ela não se presta voluntariamente ao suplicio, e tem de ser agarrada á força, lançada ao chão e privada de todo movimento.

Então o pintor, munido dum dente aguçado de cotia, risca os desenhos sobre o corpo da criança, que sangra, chora ou geme. Sobre as linhas pontuadas de perolas vermelhas de sangue deita então o suco do genipapo. O genipapo é indelevel, sua côr azul-preta jamais se apagará.

"Geralmente as feridas inflamam, e sobrevem a febre. Por isto, praticam a operação no inverno, quando a ação do calor é menos intensa.

"O trabalho é lento: deixam as primeiras feridas cicatrizar, depois continuam. E' uma pintura tão complicada que só quando a vítima chega aos vinte anos é que o suplicio termina. O corpo do Mundurucú é literalmente coberto por estes desenhos.

"E' impossível, acrescenta o dr. Tocantins, que algum povo os faça mais completos" — eis o que é perfeitamente exato — "nem mais perfectos". Este ultimo ponto é talvez sujeito a discussão. Acho que um aluno das nossas escolas primarias desenha melhor aos dez ou doze anos que o mais genial dos artistas mundurucús.

“Estas tatuagens, fala ainda o dr. Gonçalves Tocantins, são o emblema da união íntima creada entre todos os Mundurucús por Carú-Sacaebê”.

Isto é bem possível.

Com respeito aos enfeites e vestuário — se me for permitido falar de vestuário a respeito de pessoas que amam tanto sarapiular a epiderme — eis o que escreveu em 1882, na *Revista da Exposição Antropologica*, do Rio de Janeiro, o illustre sabio Barbosa Rodrigues.

Antes, quero esclarecer que todos os Mundurucús que vi em Salto Augusto e na cachoeira das Sete Quedas se achavam vestidos. E’ portanto, sem duvida, a antiga “indumentaria” dos Mundurucús recentemente desembareados das Campinas que o grande naturalista descreve. Não creio que frei Pelino de Castro Valva deixasse, vinte anos atraz, apenas, os homens e mulheres da sua Missão passearem em Bacabal protegidos unicamente pelas suas pinturas. O que não impede dizer que nada é mais facil que encontrar um indio ou una india *in naturalibus*. Eles não consideram a nudez uma vergonha; com a maior facilidade desembaraçam-se de qualquer revestimento momentaneo, e pronto!

“A tribu Mundurucú, narra Barbosa Rodrigues, é a mais numerosa e aguerrida, e a que melhor prepara os enfeites de penas. E’ tambem notavel pelas tatuagens barbaras que emprega, e a que melhor se paramenta nos dias de festa. Ambos os sexos procedem igualmente, sem que as mulheres abusem.

“Do angulo superior das orelhas puxam um traço que vai terminar no angulo extremo dos olhos, com um outro que passa sob o nariz, o todo, com uma vaga apparencia de oculos. Do angulo inferior, duma orelha a outra, passando sob os labios e queixo, pintam uma larga faixa, da qual partem, sob o maxilar inferior, linhas em angulos. Com a forma de colares, traçam linhas paralelas que passam sobre as clavículas, e do ventre até as virilhas, outras, perpendicularmente.

“Em cada orelha fazem tres buracos, nos quais enfiam adornos nos dias de festa. Usam os cabelos raspados em volta da cabeça, como os monges beneditinos, deixando crescer apenas os do alto do craneo. A parte raspada é pintada como uma cõr que chamam *será*.

“Para as festas dos frutos e dos animais, pintam-se todos com *será*, colocam na cabeça o *aquirí*, adorno de penas entremeadas de palbas, com os cabelos do alto caindo trançados em enfeites igualmente de palha, e carregam a tiracolo o *ichú*, adorno de penas em que inserem animais vivos.

“Por ocasião das comemorações guerreiras, preparam-se com os mais custosos e luxuosos adereços de plumas.

“Os adornos variam segundo a categoria social a que pertence o individuo.

“A tribu está convencionalmente organizada em tres divisões ou familias, distintas apenas pela cõr dos ornamentos e pelo respeito que guardam entre si: a familia *Apapacate*, ou vermelha, a *Aririchá*, ou branca, a *Iasumpaguata*, ou negra.

"Na primeira, predomina nos enfeites a côr vermelha; na segunda, a amarela, na terceira, a azul. Côr das diferentes araras que êles criam para este fim.

"As cabeças, cobrem com o *aquíriaá*, chapéu de penas com tirinhas pendentes pelos lados. Pelos buracos superiores das orelhas passam uma pequena flecha com um laço e uma borla. A cintura, atracam o *tempéá*, quadruplo leque de penas de rabos de araras. Na "écharpe" a tiracolo carregam o *cururape*, fabricado com plumas finas. No antebraço penduram o *human*, especie de dragona. Nos punhos amarram o *ipéá*, especie de bracelete, na curva das pernas, o *caniubiman*, comparavel a ligas, bem como as cavilhas do *caniubierie*, especie de anel de penas.

"Nestas festas, arman-se do *iraré*, (arco), ou do *putá*, analogo a um cetro, e tambem do *pariná-á*, cabeça inimiga mumificada, espetada á extremidade da lança que a sustenta, o *pariná-renape*.

Estudando as outras cerimoniaes mundurucús, continúa o mesmo autor:

"Entre os Mundurucús, o casamento consiste numa simples combinação entre o futuro casal e suas familias. Não o reveste nenhum carater religioso.

"Acontece ás vezes que um Mundurucú escolhe para noiva uma jovem ainda de pouca idade, de acôrdo com a familia desta. Nesse caso, desde então êle passa a fornecer caça e outros meios de subsistencia á futura esposa, até que esta atinja a puberdade e se realice o casamento.

“Estabelecido o compromisso, a jovem é considerada como se casada já fosse, e ninguém se atreverá a disputá-la ao futuro marido.

“O casamento, uma vez celebrado, constitui um poderoso laço de união entre os dois esposos. A poligamia não é praticada na tribo; mas as cenas de ciúme brutal não são raras.

“Nas aldeias, as mulheres são tratadas não só com certo desdém, mas sobrecarregadas de trabalhos. Um menosprezo constitucional pesa sobre as infelizes: não podem entrar no *ecká!*

“Andam completamente nuas, porém evitam com cuidado as posições indecentes, de forma que ninguém pode notar os períodos peculiares ao seu sexo”.

Todas essas observações são exatas. O homem é um animal bastante uniforme, mas — é preciso primeiro pedir perdão às grandes modistas — a mulher também é. Quando se leve ocasião de passear quinze anos duma triste juventude, (que não foi em absoluto desprovida de investigações científicas), pelos desertos através dos quais nosso irmão o homem selvagem e nossa irmã a mulher selvagem, inteiramente nós, procuram sua vida precária, e não obstante já artística e social, é-se forçado a refletir.

E basta ter visto de perto os nossos capitães de aventuras europeus, e ter conhecido as inteligências e corações dessas individualidades todo poderosas, para obter de tal confronto um resultado que melhor será calar.

Enquanto se espera o levantar de um novo sol, falemos da morte.

Para os Mundurucús, ela não é motivo de medo. Estes bravos selvagens sabem perder os parentes com uma filosofia que os faz tomar por civilisados.

E' que possuem fé.

"Quando um Mundurucú morre, conta Tocantins, seja homem ou mulher, velho, moço ou criança, sua alma vai para uma outra vida, para uma especie de paraíso.

"Este paraíso é um prado sem limites, no meio do qual se ergue uma casa tão grande que todos os Mundurucús podem aí alojar-se.

"Quanto aos espiritos, viajam pelo espaço, e então produzem a tempestade. Algumas vezes descem á terra sob a forma dum passaro noturno denominado *matinta-perêra*, cujo grito agudo e desmesurado retine ao longe, por intervalos, no silencio das noites amazônicas.

"Além da vida, além do tumulo, não ha mais sofrimento. Nenhum inferno está reservado aos Mundurucús. E a outra vida é infinitamente melhor que a terrena. Nenhum mau espirito pode aí perseguir os Mundurucús, e essa outra vida não tem fim nunca.

"Quando um Mundurucú morre, seus parentes cavam sua sepultura debaixo da sua propria réde. O buraco tem a forma dum poço e o cadaver aí é depositado de cocoras. Armas, adornos de penas e alguns pequenos objetos acompanham o defunto".

Referindo-se ao modo de vida destes selvagens, assim se expressa o mesmo meticoloso observador.

“Dominando um vasto território coberto de florestas virgens e de prados, sendo bons caçadores e possuindo ótimos cães, os Mundurucús tiram da caça a base principal da sua alimentação.

“Possuem igualmente uma pequena agricultura, ainda bem rudimentar, mas que sempre lhes dá grande socorro.

“O território produz também diversos frutos silvestres, alguns de excelente qualidade.

“Em síntese, a flora, a fauna e as produções agrícolas da região são as mesmas que no resto da Amazonia.

“Os Mundurucús são muito sobrios. Durante os dias chuvosos do inverno, sua alimentação reduz-se a batatas, inhame e dahú.

“Este é o prato favorito, preparado com castanhas, que depois de cozinhadas são descascadas, lavadas, maceradas, e colocadas numa marnita que, recoberta de folhas, é exposta á fumaça durante uns oito dias. Por este processo, as castanhas sofrem uma fermentação e exalam um cheiro muito forte, ocasião em que são piladas, e a massa reposta na marnita, para ser novamente defumada. Assim preparado, o dahú conserva-se por muito tempo.

“Os índios preparam também uma outra espécie de dahú em que, depois de convenientemente fervidas e maceradas, as castanhas são adicionadas de caça ou de peixe.

“Aliás, em materia de alimentação, a dos Mundurucús é sensivelmente igual á dos outros nativos”.

Abordando o capítulo das guerras, assim diz textualmente o dr. Tocantins:

“As guerras destes barbaros não têm outro fito que fazer cativas mulheres e crianças dos dois sexos. Mas as vítimas são tratadas na tribo tal qual os próprios Mundurucús. Fazem-lhes as mesmas tatuagens; as mulheres encontram imediatamente um marido, a criança, um pai adotivo, em regra o Mundurucú que o aprisionou.

“Durante os preparativos para essas *razzias*, a irmã, a mãe ou qualquer outra parenta do guerreiro, não deixa de lhe recomendar: “Traz um menino para ser meu filho”.

As principais vítimas são os Parintintins, porque além do interesse em fazer prisioneiros, ha o odio mortal de longa data existente entre as duas tribus.

“Mal sabem que uma tropa de Parintintins appareceu num lugar, correm sobre ela.

“Em relação a outras tribus, não ha este odio inveterado.

“Corre entre os Mundurucús o boato, provavelmente falso, de que quando um deles tem a infelicidade de ser feito prisioneiro pelos Parintintins, estes o devoram vivo, com belas dentadas. “como uma onça devorando um bicho”.

“Inexata ou não, esta tradição contribuiu para desenvolver entre os Mundurucús a idéia de tirarem perpetua vingança dos seus vizinhos das selvas. E' o que confirma o que dissemos no principio, sobre o carater inerente das lutas entre estes inimigos.

“Quando chega o verão, a *razzia* se organiza. Um certo numero de Mundurucús se combinam, preparam seus arcos e flechas, suas flautas de chamamento e suas provisões, e põem-se em marcha.

“Tanto quanto possível, cada guerreiro é acompanhado da mulher ou irmã. A função desta vivandeira, que em certos casos não conta mais de quinze ou desesseis anos, consiste em atar a rede do guerreiro, preparar-lhe o dahú, carregar-lhe a bagagem, ajudá-lo a preparar as cabeças dos inimigos e a conduzir os cativos. Enfin, ocupar-se de todo o necessario para que o guerreiro esteja sempre pronto para o combate.

“Estas expedições duram semanas e até mezes; os homens seguem tranquilamente, caçando, reunindo-se á noite, para acampar.

“Encontrando rastros na mata ou qualquer vestigio indicando a passagem dum ser humano, estudam-nos com fero e prudencia pouco ordinarios. Se percebem uma maloca ou aldeia, executam o seu reconhecimento no maior silencio possível; marcham com grande ligeireza, sem que seja ouvido o barulho das folhas sêcas calcadas pelos seus pés. E' como se caminhassem sobre expesso tapete.

“Sitiado um logar, esperam quedas o alvorecer. Então, comprida lança cuja ponta está impregnada de breu inflamado, tocam fogo á casa e esperam de emboscada, na porta.

“Despertando em sobresalto, as victimas ouvem inesperadamente o grito terrivel: “Mundurucús!”

“Os homens que, desorientados, pretendem romper o cerco, são logo trespassados pelas terríveis laquaras. As mulheres resistem quasi sempre; lutam e são feitas prisioneiras á viva força. As crianças, sentindo que a morte as espreita, entregam-se.

“Dado o golpe, os Mandurucús empreendem a retirada, com a maior diligencia, preparando ás pressas as cabeças dos cadáveres inimigos.

“Quando se sabem perseguidos ou receiam sê-lo, viajam dia e noite. Á noite, alumiam-se com tochas feitas com certa madeira resinosa a que denominam *ouichiqué-laque*, e que os índios do baixo Tapajós chamam “pau candeia”. Este, quando sêco, inflama-se facilmente, despedindo chamas e faiscas quando o índio corre sustentando o facho na mão.

“Normalmente estas expedições são tão longas que as provisões se acabam; então a tropa alimenta-se de castanhas, á falta de farinha e de batatas. As privações são duras; muitos voltam magros.

“Afirmam que todos os anos os Mundurucús realizam destas *razzias* e que sempre regressam com cativos”.

O projecto dr. Tocantins, pode-se ver pelas suas descrições, experimenta pelos Mundurucús a simpatia dum artista por um motivo curioso. Barbosa Rodrigues não está longe de experimentar os mesmos sentimentos.

Tratando do *pariná*, a cabeça defumada, ou do *parina-te-ran*, a festa da cabeça defumada, seu

temperamento de artista se empolga, e o ilustre sabio deixa ver que se compraz em nos iniciar nos usos e costumes destes pitorescos Mundurucús.

Antes de apresentar minhas modestas conclusões pessoais sobre os Mundurucús e seu futuro, reproduzo os capitulos em que esse cientista descreve o processo de preparo do *pariná* e a festa do mesmo:

“O *pariná* é o mais raro dos trofeus de que se orgulha a tribo mundurucú, e tambem aquele que se obtem mais difficilmente.

“O do que damos desenhio é copia duma fotografia do sr. Insley Pacheco, reduzida a meio tamanho.

“Representa a cabeça dum rapaz de uns vinte anos, reduzida á dimensão da dum macaco vulgar. Os cabelos, que parecem longos, no natural não descem mais baixo que as espaldas; os curtos são os que caem sobre a frente, mostrando o tamanho verdadeiro quando o individuo vivia. Pela comparação dos cabelos do vivo e os do morto, vê-se em que epoca a cabeça foi reduzida.

“Conheço perfeitamente o processo empregado para a mumificação e redução, pois vi uma cabeça em preparo por um membro da tribo.

“Tambem os Peruanos mumificavam as cabeças, que ficavam semelhantes ás mumificadas pelos Mundurucús; ignoro se o processo era o mesmo.

“Eis como se preparam estes horriveis trofeus, que conferem aos seus conquistadores as honras de guerreiro notavel:

“Assim que termina um ataque, logo no fim da batalha, cada combatente que teve ocasião de decapar uma cabeça inimiga começa o trabalho de conservação do seu trofeu, o que concluirá na sua maloca.

“Principia por arrancar os dentes, que servem para o *parina-te-ran*, com o qual o tuchaua o recompensará, cinco anos mais tarde; depois, ex-



Cabeça humana defumada pelos Mundurucús.

trai os olhos e todo o interior da cabeça, como um exímio taxidermista e a destaca do crâneo, que descobre inteiramente, ficando aderente apenas pela face. Então, com grande habilidade, destaca os músculos com a pele, rejeitando os ossos.

“Torcendo também o interior da pele do crâneo para fora sem a distender, com uma faca de bambú corta quasi toda a musculatura. Lim-

pa e enxuga tudo bem, e dá, interior e exteriormente, uma unção de óleo de capara, findo o que, com estopa, penas, raizes e folhas aromaticas comprimidas enche a pele, procurando dar-lhe formas naturais, que não desfiguram o individuo.

“Empalhado, suspenso a um fumeiro, o trofeu é posto a secar. O óleo é absorvido e, quando a dissecação está bem começada, diminuem a “bucha” da cabeça untando-a novamente de óleo; assim secando, gradualmente, reduz-se o volume da peça até onde não mais é possível a pele contrair-se.

“Aí é perfurar os lábios, e uni-los por meio de fios de algodão de cujas extremidades pende um ornamento também de algodão, tingido com urucú.

“Pelo alto do crâneo passa uma comprida corda por meio da qual a cabeça é pendurada. Com exceção dos dias de grande festa, o pouso dela é no funeiro, que, com o óleo, a preserva dos insetos, dando-lhe também, em pouco, uma indelevel côr negra.

“A cabeça aqui reproduzida mede, duma orelha á outra, passando sob o nariz, 5 centímetros; do occipicio aos lábios, 9 e meio centímetros; e de comprimento, 6 centímetros.

Com respeito á festa mais importante destes selvagens, diz o mesmo historiador:

“A tribu dos Mundurucús, a mais guerreira do Amazonas (35) é também a que com mais soleni-

---

(35) Poderia dizer-se: da Amazonia brasileira.

dade festeja as suas vitórias e exalta os seus bravos.

“Estes recebem duas espécies de recompensa: a primeira é o direito de se collocarem na vanguarda no campo de batalha; a segunda, uma distincção concedida pelo chefe quando por motivo de ferimento, o guerreiro não pode utilizar a primeira.

“A insignia da recompensa da primeira espécie é o *pariná-á*, que indica que o portador é um guerreiro vencedor. A da segunda, uma mantilha de algodão tecida pelo luchaua, e ornada com os dentes maxilares duma cabeça inimiga.

“Esta ultima serve igualmente para honrear as familias: a *mantilha de algodão* ou *mantilha de inimigos* é conferida do mesmo modo á viuva do valente morto em combate.

“Quer seja o ferido ou a viuva o detentor da mantilha, a regra é a mesma: quem a possui deixa de trabalhar e é sustentado pela tribu, como um imposto pago pelos que gozam da paz assegurada pelos que perecerem no terreno da luta.

“Este privilegio de ser sustentado pela tribu, tambem o possui o portador do *Pariná-á*, mas para este o prazo é de cinco anos, isto é, o tempo que medeia entre a batalha em que foi conquistada a cabeça inimiga e a festa comemorativa do *pariná-te-ran* cinco anos após. Terminada a festa, a cabeça não tem mais o valor de insignia e o privilegio extingue-se. O que não succede a quem recebeu uma “mantilha de inimigos”, que tem valor a vida inteira.

“Estas festas oferecem singular carater de grandeza.

“Em seguida a uma campanha, quando chegam todos os guerreiros e as mulheres que os acompanham, o tuchaua ordena uma grande caçada, ao fim da qual, no dia marcado, a aldeia se reúne para assisti-lo confeccionar as mantilhas em que êle mesmo insere dentes inimigos, preliminarmente limpos e perfurados pelos seus subalternos.

“O preparo das mantilhas é acompanhado de cantos onde a vingança é pintada em cores sedutoras; fazendo apêlo ao patriotismo, o bardo mostra que para cada morto na tribo, é indispensavel um morto nas linhas inimigas.

“Eis um desses versos em forma de estribilho:

*“Beque bequiqui olêgê*

*“Ochê urupanum rane egê*

*“Ochê urubê am aum egê*

*“Beque mum ochê capicape nansum*

“(Lembremo-nos, meus amigos, que este serviço que nós fazemos agora nos foi legado pelos nossos pais). (\*)

“Durante a cerimonia, toda a tribo está presente, nua, sentada. Quando acaba, dirige-se para o *eckrá*, (quartel general), toma suas armas e vestimentas de festa, e forma em alas. O tuchaua, com as mantilhas, coloca-se numa das extremida-

---

(\*) Isto deve ser mundurucú hieratico, porque apresenta pouca semelhança com o mundurucú vulgar.

des, e para êle se dirigem, nús, com os cabelos caídos ao comprido, os que vão ser recompensados.

“Nesse momento, ressoam as modulações estridentes das trombetas de guerra, o *ofuá*. A’ medida que o tuchaua, por suas próprias mãos, coloca as mantilhas, os galardoados dirigem-se para o *cocká*.

“Assim que todos os feridos passaram, apresentam-se as tres viúvas designadas pelo tuchaua, una de cada divisão social, para receberem tambem suas recompensas. Usam, em logar dum colar de dentes inimigos, o *cururape* do marido, e em cada mão, um *putá* dum antepassado e dum morto em combate (*achirô*).

“Quando a cerimonia termina, soam os *caruqui*, grandes instrumentos de som assustador, e todas as mulheres, precedidas pelos recompensados e seguidas pelos homens, acompanham em côro, com batidos de pés cujo barulho se escuta ao longe.

“Nos intervalos servem comida e *maniquera*. Começada ás seis horas da tarde, a festa dura até o amanhecer seguinte, quando, no quartel general, o chefe corta o cabelo dos feridos, que nesse momento se revestem dos seus enfeites. Mas não voltam para as filas senão no outro dia, quando a festa continúa, para prolongar-se durante tempo tanto maior quanto o numero de feridos a premiar.

## CAPITULO VIII

Honras fúnebres aos guerreiros tombados frente ao inimigo. - Festas em honra da caça, da pesca e da agricultura. — Pena de morte contra os felliceiros. — Rochedos desenhados do Areneré e do Cantagato. — Os Mundurucús do presente. — O "habitat" atual dos Mundurucús.

"Quando acontece, fala agora o dr. Gonçalves Tocantins, que numa guerra morre um Mundurucú, seus companheiros cortam-lhe a cabeça, para mumificá-la pelo processo conhecido. E, de volta à aldeia, colocam-na em lugar reservado, com as armas, os enfeites e a grossa flauta do defunto.

"Essa reliquia passa a ser objeto de veneração publica. Se passa um Mundurucú das aldeias vizinhas, vai prestar honras fúnebres á cabeça cortada, chorando e lamentando a triste sorte de defunto.

"Na aldeia natal deste, preparam-se homenagens solenes para um dia fixado com grande antecedencia, e todos os vizinhos são cerimoniosamente convidados.

“Chegado o dia, a cabeça é colocada numa especie de cesto, que sobre os hombros carregam a viuva, a mãe e as irmãs da vitima. As outras mulheres sentam-se no chão, em circulo em torno das mulheres da familia enlutada. Tochas de madeira resinosa brilham ao lado do deposito funerario.

“Os guerreiros, enfeitados, armados com arco e flechas, dansam em derredor, tocando suas flautas e trombetas. No *eckçá*, outros grupos de homens se formam, enquanto outros ainda vão, cantando e dansando, rodear a casa em que é guardada a preciosa reliquia.

“Ao mesmo tempo, cantam, com voz lamentosa:

“Tu és morto, nós te vingaremos; para isto é que estamos no mundo: para vingar os nossos que sucumbem nos combates. Nossos inimigos não são nem mais valentes nem mais homens do que nós”.

“Estas honras funebres duram mais de um dia, e são celebradas nos quatro primeiros anos que se seguem á morte do guerreiro. A festa do quarto ano é encerrada com o enterro da cabeça.

“Nessa ocasião, os homens como as mulheres, dirigem á reliquia as seguintes palavras:

“Meu irmão, meu filho, vimos aqui para fazer o teu enterro. Tu morreste e para isto é que nasceste. Morreste na guerra, porque eras valente; para isto é que nossos pais e nossas mães nos criaram. Não devemos ter medo dos inimigos. Quem morre na guerra morre com honra; não é como o que morre de doença. Nós viemos de to-

das as malocas para chorar e dansar até o fim do teu enterro”.

“Aí toca a vez das mulheres virem fazer circulo ao cesto funerario, discursando como si fosse o proprio morto que falasse: “Minha mãe, mulher, vós, vós morrereis na vossa rede; eu morri na guerra, porque era valente”.

“Enquanto dura a festa, os pagés tocam um instrumento especial, semelhante a uma trombeta, o *caruquê*. Para tal, o pagé esconde-se numa pequena cabana, onde é expressamente prohibido entrarem as mulheres.

“Aliás, estas, criadas na superstição, evitam com cuidado expor-se a verem esse instrumento misterioso e sagrado. Estão intimamente convencidas de que se, mesmo por inadvertencia, chegarem a vê-lo, inda que por um instante, cometerão um sacrilegio que as tornará infelizes por toda a vida.

(A mesma cousa se dá com as mulheres Uaupés, em relação ao macaraúã e às paxiubas).

“Por fim, no interior da casa onde mora a familia do herói defunto, cavam um buraco vertical e nêle enterram a cabeça em cuja honra foram celebradas as festas.

Tratando das festas em honra da caça, da pesca e da agricultura, a mesma autoridade assim se expressa:

“Cada aldeia mundurucú celebra tambem, no inicio de cada inverno, uma festa publica, alternadamente um ano em honra da caça, outro, da pesca.

“Começa a aldeia por eleger um diretor da festa, escolhido naturalmente entre os guerreiros mais prestigiosos, ao mesmo tempo melhores cantores.

“A seguir, fazem abundante provisão de caças, de farinha de mandioca, de batatas e outros produtos alimentícios.

“Depois, as mulheres pintam-se com genipapo, urucú e outras cores de grande efeito. E homens e mulheres, providos dos seus adornos de penas e dos seus colares de dentes de inimigos, reúnem-se por grupos e começam a tocar musica, a dansar e a cantar.

“Juntam crancos de tapir, de corça e de outros animais ou peixes, e nêles oferecem uns aos outros seus melhores regalos, o dahú, a tarubá, a maniquera etc.

“A meia noite o pagé retira-se para uma peça reservada, onde não pode penetrar nenhum olhar profano, e no seio de profundas trevas invoca, com voz forte, a “mãe” (ou espirito) do tapir, em primeiro lugar, se a festa é consagrada á caça.

“Ao cabo de poucos momentos, os assistentes que se encontram nas cercanias do misterioso refugio principiam a ouvir o grito agudo do tapir. E’ o pagé que o imita, para fazer crer que o genio invocado acudiu ao seu apêlo e ali está obediente ás ordens que lhe quizer dar o pagé.

“E entre este e a “mãe” do tapir começa um animado dialogo em voz alta. O primeiro pede que o ano em curso seja propicio aos caçadores

da aldeia, e que o genio misterioso não deixe os seus filhos irem esconder-se ao longe e sim, pelo contrario, se mostrem em grande numero.

“A resposta é sempre favoravel. Continuando, o pagé invoca, sucessivamente, a “mãe” de todos os outros animais que os Mundurucús desejam encontrar nas suas caçadas.

“A festa em honra dos peixes é em tudo semelhante a esta.

“Além das duas, os Mundurucús celebram ainda, cada ano, na entrada do verão, uma outra festa, em louvor á agricultura.

“Homens e mulheres dispõem-se em linha, tocando uma especie de trombeta denominada *ken*, dansando, cantando e invocando as “mães” da mandioca, do milho, etc., da maneira seguinte:

“Mãe” da mandioca, favorece-nos. Não nos deixes sofrer privações. Todos os anos nós te dirigimos as nossas preces, nunca nos esquecemos”.

“Os pagés tiram o canto e os outros respondem em côro.

Frei Pelino de Castro Valva e o dr. Tocantins accusam um e outro os Mundurucús de matarem os feiticeiros ou pretendidos tais.

Permito-me discutir estas asserções, embora fortemente inclinado a não confundir os pretendidos feiticeiros indios com os personagens a que damos este nome, entre nós. Houve assimilação *um tanto apressada, desejo de estabelecer paralelos e simetria*, o que, numa outra ordem de factos, lembra os trabalhos dos missionarios da America do Norte que, no seculo passado, moldavam

suas gramaticas iroquezas ou huronicas no molde da gramatica latina.

Ninguem sondou ainda profundamente os misterios da alma indigena. Pelo que me toca, tive a impressão de serem os Indios mais celicos que supersticiosos. Pareceu-me sempre que desfiavam as suas historias, em que entrava o maravilhoso, com o tom especial que deviam empregar outrora os recitadores de versos e canções.

Eis todavia, a titulo de documentos — de documentos que condemnam minha teoria — duas descrições de pessoas cuja opinião na materia deve ser levada em consideração, os já citados frei Pelino, fundador da Missão de Bacabal, e dr. Gonçalves Tocantins.

Diz o primeiro:

“Uma das superstições mais enraizada entre os Mundurucús é a da feitiçaria. Que não disse eu, que não fiz para lhes arrancar esta crença do intimo? E quantos mortos ela não ocasionou, antes do estabelecimento da Missão? Quando já me achava persuadido de haver levado os Mundurucús a detestarem um vicio tão abominavel, bastava um dia de ausencia do missionario para ver reproduzidos os erros antigos.

“Quando desci para o Pará no ano passado, (1875), aconteceu adoecerem e morrerem diversos Indios da Missão. Foi o bastante para gritarem que havia sortilegio, e que era necessario matar os feitiçeiros.

“Eles nos querem matar todos, é preciso matá-los.” exclamavam.

“E com o gesto mostravam quatro jovens da Missão, para serem imolados como bruxos.

“Apanharam um, chamado Ismael; os demais avisados a tempo, fugiram e nunca mais voltaram.

“Ismael foi morto: recebeu dois tiros de fusil e fortes pancadas na cabeça.

“José da Gama foi quem deu ordem para a execução. Ismael encontrava-se na mata, defronte da Missão, do lado oposto do rio. José da Gama enviara os seus executores de manhã, e como ao meio dia ainda não houvessem regressado, reclamou: “Esses homens não são capazes de matar um feiticeiro! Vou eu mesmo!” Quando chegou lá, porém, o coitado já estava assassinado. Então, satisfeito, José da Gama veio embora com os seus carrascos, abandonando aos urubús o cadaver da sua vítima”.

“Este capitão José da Gama, esclarece o dr. Tocantins, foi cacique duma antiga aldeia que existiu na margem do Tapajós. Veio com todos os seus para a Missão de Bacabal. Seu nome indígena é Mari-Baxi, e êle é que ficava governando a Missão quando frei Pelino tinha de se ausentar por algum tempo. E' um Indio energico e resolutivo, que já antes da fundação da Missão havia assassinado diversos dos seus companheiros acusados de ser feiticeiros, entre estes, seu proprio irmão, que êle lançou no meio das cachoeiras, com uma pedra no pescoço.

“Si Mari-Baxi comete ainda hoje atos desta natureza numa Missão que se acha sob a vigilância do governo, pode-se fazer ideia do que são ca-

pazes os tuchauas das aldeias centrais. Este caso passou-se em 1875, quando eu estava fóra de Bacabal, visitando as aldeias das Campinas; no retorno passei dois dias na Missão, cuja chefia, pela ausencia do respectivo missionario, que tinha ido ao Pará, fóra confiada pelo proprio frei Pelino a Mari-Baxi!

“Este recebeu-me com muitas atenções e demonstrações de amizade, nada me dizendo em absoluto sobre o crime que acabava de praticar. Ele como seus cúmplices, guardou a respeito segredo inviolavel. O proprio frei Pelino, que chegou alguns dias depois da minha passagem, só muito tempo mais tarde teve conhecimento do fato.

“Quasi pela mesma epoca deu-se numa das aldeias das Campinas o caso seguinte:

“Algumas Indias foram tomar banho num riacho proximo, e de volta, cada uma trazia uma cabaça cheia d'agua para sua casa. No momento em que menos esperavam, quatro Mundurucús surgiram e, apoderando-se de uma delas, moça de uns dezoito anos, atravessaram-na com suas compridas lanças de tacuara. As companheiras da vilina, aterradas, estacaram. E ouviram os malvados dizer: “Sigam o seu caminho; ela era uma bruxa!”

“O cadaver da infeliz ficou no local o resto do dia, até que foi jogado sobre uma fogueira e queimado.

“Outro caso:

Na margem do Tapajós, residencia dum sertanejo, existe uma Mundurucú dos seus vinte anos,

coberta com as tatuagens da sua tribo, e ainda não batisada, embora conhecida pelo nome cristão de Sebastiana, a qual, muito expansiva e falando um pouco o português, conta que certa vez apareceram febres de mau caráter na aldeia de Caracupi no Cururú, onde sua família habitava, matando varios homens.

"A mãe de Sebastiana, penalizada, encarregou-se de tratar de alguns dos enfermos. E uma tarde, ao voltar dos seus trabalhos na roça, recebeu em segredo o aviso de uma amiga: "Reflete bem, os teus doentes morrem; estão espalhando que és feiticeira!"

"Sem perder tempo, a velha India, de combinação com o marido, tomou uma decisão enérgica: na mesma noite abandonou a aldeia, conduzindo consigo duas filhas e um filhinho de tenra idade.

"Durante a noite toda e dia seguinte ela ouviu os latidos dos cães mandados em sua perseguição, precedendo os carrascos. Varios dias a desditosa familia caminhou pela selva, até que alcançou o Tapajós, donde nunca mais saiu, nem para Caracupi, nem para nenhuma outra maloca.

"Esta mesma India conta uma outra aventura não menos triste, ocorrida na mesma ocasião dessas febres:

"Poucos dias antes da fuga com sua mãe, encontrava-se ela na maloca de Acupari, com algumas companheiras; e certa noite, após o jantar, deitou-se, sem nada observar de anormal. Quasi ao alvorecer, porem, foi despertada em sobresal-

lo por um grito de agonia, ao lado. Viu então dois Mundurucús que passavam ao lado da sua rede, arrastando o cadaver de uma das suas amigas, cujo peito estava atravessado pela lamina aguda da facuara. Depois de ferida, a infeliz foi estrangulada pelos miseraveis na sua propria rede. O cadaver nú e ensanguentado foi achado ao amanhecer pelos outros Mundurucús, no pateo da maloca, onde ficou até a noite.

"Incidentes desta ordem não são raros. Execuções por motivo de feitiçarias são mesmo frequentes. Dizem os Mundurucús que no tempo em que Carú-Sacachê estava entre êles não se viam nem bruxos nem sortilegios.

"Felizmente, todo o codigo criminal dos Mundurucús reduz-se a isto.

"Não ha exemplo que um Mundurucú haja sido morto por outro, por motivo diferente. Se entre dois da mesma aldeia, nasce um odio violento, o comum é um dêles desafiar a sua rede e ir para o ekça de qualquer aldeia proxima, onde ficará morando até se aborrecer.

Por mim, não vejo os Mundurucús com os olhos do meu amigo dr. Tocantins. E de tudo que precede, penso que se pode concluir apenas o seguinte: *Os Mundurucús não praticam nem a justiça, nem o duello, nem a guerra, mas tão somente o assassinio.*

Nas Campinas dos Mundurucús entre o antigo Acupari e a primitiva maloca de Decodemio, existem, parece, sobre os morros de Areneré, numerosos desenhos gravados nas rochas, por antigos ar-

listas mundurucús, desenhos rudimentares e infantis, bem entendido, como todos os dos Indios do ocidente das Americas. O dr. Tocantins diz não ter lido occasião de vê-los.

A lenda mundurucú refere que Carú-Sacacabê, depois de destruir a maloca de Aepari, para castigar a ingratição dos seus habitantes, foi fundar Decodemo, que se tornou assim o berço do genero humano. Nesse momento é que Carú-Sacacabê traçou esses caracteres entre as duas aldeias, para deixar um monumento que perpetuasse a lembrança do fato memoravel.

Mais tarde, quando Decodemo se tornou forte e poderosa, Carú-Sacacabê deixou a terra para não mais voltar, traçando os desenhos de Cantagalo, ao descer o Tapajós pela ultima vez.

Circunstancias independentes da minha vontade, impediram-me, tanto na viagem de ida como na de volta, de visitar os desenhos de Cantagalo. O dr. Tocantins assim os descreve: (\*)

“Sobre a margem esquerda do Tapajós, no lugar conhecido pelo nome de Cantagalo, vê-se, sobre a superficie de um morro de quasi cem metros de altura a pique sobre o rio, quinze figuras.

“Estão ai desde tempo imemorial; os mais antigos viajantes destes desertos e os mais velhos Mundurucús, os viram tais como são atualmente, mas ninguem lhes conhece a significação.

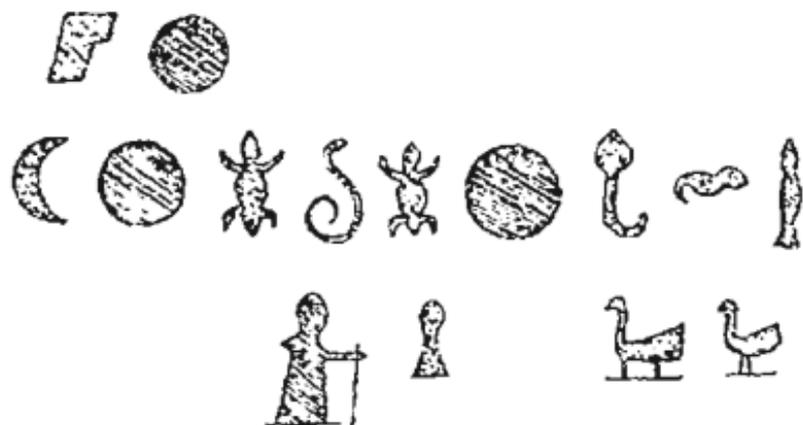
“São de côr ocre, e a cerca de oito metros acima do nivel das mais altas aguas do Tapajós.

---

(\*) *Estudos sobre a tribo Mundurucú*, pelo engenheiro Antonio Manuel Gonçalves Tocantins.

“Hoje seria impossível a um homem traça-las a esta altura, mesmo com o auxilio de uma escada, porque na base do morro o rio forma uma pequena enseada onde a correnteza é violenta, sobretudo na epoca em que as aguas estão na maxima altura.

“Não farei nenhuma conjectura sobre a origem ou significação desses caracteres. Seja-me permitido apenas lembrar que Humboldt tambem



Figuras desenhadas nos rochedos de Cantagalo.

encontrou nas bordas do Orenoco, nas mesmas circunstancias, a uma altura inacessivel a mão do homem, caracteres do mesmo genero.

“O illustre sabio é de opinião, se bem me recordo, que o nivel das aguas do Orenoco, nas epocas passadas, ia muito mais alto que hoje.

“Penso que a mesma explicação pode ser applicada aos desenhos de Cantagalo”.

A explicação de Humboldt ficou como a mais admissível de todas as apresentadas a respeito dos "rochedos desenhados" da America do Sul. Julgo oportuno, somente, acrescentar uma reflexão: Por mais infantis que sejam, estes desenhos, e em particular a ideia e o trabalho de ornar rochedos elevados ou pedras chatas das cachoeiras, fornecem provas incontestáveis de uma superioridade intelectual e de uma maior aptidão á civilização por parte dos misteriosos artistas que deixaram esses hieroglifos, que até esta data não seduziram, embora talvez valham a pena, a sagacidade de nenhum novo Champollion.

Digo superioridade intelectual e maior aptidão á civilização, apenas em relação aos Indios de hoje, que, ou se acham em plena decadencia, após terem estado nas vespas de chegar a uma civilização autoctone, ou não pertencem á mesma raça produtora dos artistas dos hieroglifos.

Tudo o que acabamos de dizer dos Mundurucús, segundo os nossos predecessores e de accordo com as nossas observações pessoais, refere-se muito mais ao que era antes a verdade, do que ao que será verdadeiro amanhã: os Mundurucús estão em completa decadencia, tanto sobre o ponto de vista social, como moral ou economico.

Não são mais "os terriveis Mundurucús". Para a população civilisada do Tapajós constituem apenas os "Campineiros", os "Cara-Pretas", os "Cabeças-Peladas". No seu declinio a horda não é mais para ninguém; nem mesmo para as pequenas tribus vizinhas, motivo de susto. Daí a

cair no desprezo não vai mais que um passo, que os *últimos Mundurucús* não tardarão a dar.

Melhor conhecidos, numa degradação que acentua seu verdadeiro carater, os valentes *Mundurucús* a que se emprestavam costumes e festas do genero dos que Chateaubriand conferiu aos *Natchez*, não passam hoje de vulgarissimos bandidos do deserto, viajando em levas numerosas de cem e até duzentos, quasi um quinto da tribu, para cair de improviso, durante a noite, sobre povoados sem defesa, onde incendeiam e matam com o fim de carregar cabeças humanas, roubar mulheres, moças e meninas, de que farão concubinas e escravas, bem assim meninos para aprenderem seu officio de bandidos.

Acham-se estabelecidos sobre uma das grandes vias de penetração do centro do continente. Seus prados e florestas prestar-se-iam perfeitamente á colonisação européia, e com mais forte razão, á colonisação local.

Pode-se apostar que falta pouco para que o último guerreiro *mundurucú* prepare a sua última cabeça humana.

Vivem hoje esse estranho periodo da evolução em que o selvagem, posto que conservando inteiramente as idéias e em grande parte os costumes dum periodo historico de que não saiu, se eusaia para um novo estado, a civilisação. Então, ou ha paridade de raças, e a variedade inferior se adapta á superior, e sobrevive inteira, mas transformada; ou esta paridade não existe, e a despeito dos duvidosos resultados de mestiçamentos mais ou menos felizes, a variedade in-

ferior sossobra e não tarda a desaparecer para sempre.

Eles desaparecerão todos, os Mundurucús, porque se cruzam muito parcamente com a população civilizada. E o que ainda hoje é sertão mundurucú, breve não será mais que a tapera duma sinistra tribo extinta.

As terras percorridas por estes silvicolas compreendem grandes areas a oeste e a leste do Tapajós.

A "Mundurucania" actual estende-se de cada queda do Tapajós até as proximidades do Xingú e do Madeira. Mas a maior parte da tribo está acantonada na região dos campos do Cururú-Calderiri. Os mil e poucos Mundurucús de hoje acham-se divididos (ver o quadro no fim do volume) em diversos grupos, que julguei poder classificar assim: Tapajós, afluentes do Tapajós, afluentes do alto Tapajós, São Manoel, Sucunduri.

A maior parte, uns mil individuos sobre um total maximo de mil e quatrocentos, vive na região dos afluentes da direita do Tapajós, nos campos de Cururú-Caderiri. E estes mil e quatrocentos selvagens têm um territorio de percurso que vai de entre o Serundari e o Madeira ás margens do Xingú, dos formadores do Tapajós e do São Manoel ás ultimas cachociras, a jusante, na direcção do territorio Maués.

E sobre um espaço de seicentos quilometros do norte ao sul, e de novecentos, de leste a oeste na sua maior largura, ou sejam cerca de trezentos mil quilometros quadrados, mais da metade da França, mil e quatrocentos Mundurucús não po-

dem viver em paz com os raros hospedes do imenso dominio onde, ainda hontem, elles reinavam pelo terror!

Entretiveram, das fronteiras de Goiaz ás do Amazonas, através de todo o territorio do Pará, o estado de desconfiança e de guerra entre numerosas tribus que possivelmente, sem isso, como tantas outras, teriam vindo aos civilisados. Puzeram-se ao lado dos brancos porque os viram em ação e não podiam duvidar da superioridade das forças destes; mas na escola dos civilisados não aprenderam senão tretas politicas e de guerra.

No entanto, apesar dos seus raptos de crianças e mulheres e o seu prestigio de decepadores e defunradores de cabeças innocentes, soam agora, no silencio das suas florestas e dos seus prados novamente desertos, as ultimas horas da sua existencia. Aproxima-se a raça civilisada que se movimenta do lado do levante, e mesmo do levante mais longinquo. Os brasileiros e seus amigos da Europa virão semear a paz e a concordia nas plagas em que os Cara-Pretas apenas semearam lembranças grotescas ou odiosas, de pretendidos sortilegios, de assassinios de debéis mulheres, de homens abatidos durante o sono ou no curso dum repasto de amizade.

Então os ultimos sobreviventes femininos desta raça tão singularmente "guerreira" se misturarão ao sangue branco, afim de que todas as raças sejam representadas no dia proximo da ascensão da paz e da felicidade no ceu menos sombrio e menos triste da nossa tão atormentada patria terrestre.

O sonho otimista da paz e da fraternidade universais!...

Primeiro cumpre falar; acabar-se-á crendo nele, e por fim, realizando-o.

Mas sem duvida nessa ocasião, por mais proxima que esteja, os derradeiros Mundurucús defunidores de cabeças degoladas estarão todos a caçar e a gozar vida feliz nos campos celestes do seu illustre Carú-Sacaebê, o brilhante desenhador do Areneré e do Cantagalo. E suas vitimas atuais, Parintintins e outros, terão tambem alcançado suas moradias no mundo dos mortos.

Não obstante, lamentavel seria que uns e outros desaparecessem sem nos haver informado onde e como vivem nas suas solitudes, em que até aqui o homem civilizado tão raramente penetrou.

Que conseguiremos saber dos carajás, os mais valentes silvicolas contra que se atiram os Mundurucú, nação provavelmente Caraiba, na qual dizem ser as mulheres que se batem com mais ardor?

E que aprenderemos dos Yurunas e dos Araras e Tecuanas-Penas, cujos territorios avancam da região mundurucú ás portas do Pará?...

Pouco faltará para que nada mais reste dessas maltas errantes.

Mas suas terras, então viúvas, aí estarão, sempre belas, ricas, esperando a boa vontade dos homens.



## CAPITULO IX

Regresso das Sete Quedas. — Escala nas casas de Moreira e Saturnino. — Uma carta de Eliseu Reclus. — Meus amigos do Tapajós. — O bom companheiro Vicente. — Tempestade no rio. — A enseada de Goiana. — Lauritania e seu futuro. — O Planalto Brasileiro e a Planície Amazonica. — Conclusões. — Os dois Contestados paraenses no Tapajós. — A penetração do interior e a Estrada das Cachoeiras. — O futuro do Pará.

A 12 de dezembro de 1895, ás duas horas da tarde, regressamos da cachoeira das Sete Quedas.

A expedição está concluída. Agora pode chover á vontade. E chove.

Nos dias precedentes tivemos alguma friagem, muito pouca, porque não é ainda a época. Em junho, julho e agosto é que este vento incomodo se faz sentir no alto Tapajós e no São Manoel, geralmente soprado do sul, aspero, sêco e um tanto frio, convidando os moradores a acenderem o fogo nas suas casas, para se aquecerem.

A friagem não se manifesta todos os anos, mas é muito frequente. Começa por nuvens esbranquiçadas, impelidas por um vento de trovoadas, que

dura oito, quinze dias seguidos. Após, a temperatura volta ao normal. Dizem-me que nos campos do Cururú a friagem é excessiva.

Puxando bastante as remadas, chegamos de noite à casa de Moreira pai. O excelente homem, sabendo o grande interesse que tenho pelas questões concernentes à geografia local, refere-me tudo quanto sabe, falando mais lentamente e repetindo, quando me vê registrar notas.

Das malocas mundurucús da região de Moreira às do alto Cururú, são tres dias de marcha. Aproximadamente, na metade do percurso, atravessa-se o Anipiri.

Alem do Cururú, os campos continuam-se até o Caderiri não longe das margens do rio das Tropas. Não se sabe se elles prosseguem para leste deste rio. Todos os campos são interrompidos por ilhas de mato mais ou menos vastas, mas nunca maiores de cinco ou seis quilometros no sentido da maior dimensão.

Pouco acima da maloca do Cariman o Cururú oferece um salto de quinze a vinte metros de altura, alem do qual seu percurso é ainda bastante consideravel, sempre sensivelmente paralelo ao São Manoel. Suas nascentes ficarão a uma certa distancia acima do paralelo da cachoeira das Sete Quedas.

A 15 encostamos no porto de Saturnino, para esperar por este, que ficou atrás, doente. Retomo posse da minha velha igarité, na qual mando dar uma limpeza em regra. Depois de bem esfregada com sabão e lavada com grandes cuias d'agua, e couro está vazia — não carrego mais senão

meus papéis e algumas coleções — promete tornar-se muito confortavel.

Na noite de 16, Saturnino chega, com a sua afabilidade costumeira, que o torna uma das figuras mais simpaticas do rio.

Eis-nos novamente navegando, paralelos á ilha da Conceição. Duas igarités á vista. E' o amigo Mauricio e o senhor Bernardino Rodrigues de Oliveira Sobrinho, que vão tratar duns negocios de borracha.

O segundo traz uma carta para mim, endereçada a Miritituba, (36), perto de Itaituba, Rio Tapajós, Estados Unidos do Brasil. De quem será? Ha quatro mezes e pouco não recebo correspondencia de ninguem, nem da França nem de nenhuma parte!... Oh! A letra é bem minha conhecida: é Eliseu Reclus que me envia uma palavra ao fundo destes desertos. Obrigado, meu caro amigo. Você é daqueles — bastante raros — que sabem não esquecer!... Exemplo para ser imitado...

Deixamos passar a hora do jantar, e a noite cobre-nos. Remamos sempre: queremos dormir na coletoria, e aleançamo-las ás 10 da noite.

Estamos "queimando" as etapas. A friagem voltou a maltratar-nos e sinto-me febril. Alem disso, reina uma bruma compacta e gelada, que boia aos nossos estomagos nos labios e faz-nos bater os dentes.

---

(36) Estabelecimento industrial e comercial, de Bernardino Rodrigues de Oliveira fica á margem direita do Tapajós, defronte de Itaituba.

Durante nossa ausencia pessoas espirituosas espalharam a morte de Vicente no alto do rio, com tal riqueza de pormenores que ninguem duvidou. Encontraremos a mulher, os filhos e o irmão do "defunto" desolados. E a surpresa de ver em carne e osso o desaparecido será tão grande para os seus, como é a de Vicente, ao saber que "esteve morto".

Mauricio está viajando, mas seus filhos me conduzirão até o Cardoso.

Como é gentil a maioria dos habitantes do Tapajós! Cardoso guia-me até proximo á casa de Mauricio, este, daí até Paulo Leite; Paulo Leite conduz-me a Salto Augusto e traz-me de retorno a Mauricio, que se presta a levar-me até Sete Quedas e deixar-me, de volta, na casa de Moreira; este faz-me transportar até Cardoso, em cuja companhia prossigo até o porto do Tartaruga, que me levará ás mãos de Tiago, que me dá acompanhantes até a casa de Pinto, com quem chego ao estabelecimento de Raimundo Pereira Brasil, e ao vapor!

Seria injusto não reconhecer senão por platonicos agradecimentos tantas boas vontades, tão desinteressadas quanto espontaneas. Um proverbio aceito pela sabedoria das nações diz que os pequenos presentes entretêm a amizade. E' pois com sincero prazer que declaro que o espirito hospitaleiro, generoso e afavel deste povo do interior do Brasil, a sua obsequiosidade, as suas qualidades de coração, enfim são dotes que é do dever dos viajantes assinalar com destaque.

Os povos jovens, que não alimentam a pretensão de ser espertos e de ser fortes, não trabalham com tanta eficacia para o seu futuro, como os que sabem permanecer despreocupadamente simpaticos, inda que sem renuncia ao espirito pratico, ao indispensavel "savoir-faire".

Raimundo é quem com alguns homens do seu pai me transporta ao Chacorão.

A chuva cai sempre.

Na noite de 19 estamos na casa de Cardoso, que, com sua conhecida gentileza, arranja uma equipagem para nos conduzir á casa de Tartaruga, na manhã seguinte.

Jantamos com o Vicente. Faz setenta e quatro dias que êle saiu de casa. Tinham-no por morto. Felizmente, não teve maior consequencia sua indisposição quando paramos no barracão de Paulo Leite.

Não posso demorar-me, por maior que seja o meu desejo de completar um pouco o meu vocabulario mundurucú com os Mundurucús civilizados que vivem com o meu piloto.

Mais uma boa lembrança que levarei comigo!... Este grande Vicente, alto e sêco como Dom Quichote, grande conversador, muito prestativo, nunca enfadado, sabendo desenrascar-se durante uma viagem e viver na abundancia onde qualquer outro morreria de fome, Vicente pertence sem duvida á familia internacional do bom samaritano. Nós nos reveremos, Vicente, se os azares da minha vida errante me trouxerem outra vez para os lados das terras dos Mundurucús!

Arranchamos para dormir na barraca de Tertuliano, e em seguida ao almoço, a 21, chegamos á casa de Tartaruga, Manoel Antonio Batista Tartaruga, donde rumamos para a de Tiago Ferreira Leal, e daí, para a de Pedro da Silva Pinto.

A jornada inicia-se com nuvens feias no ceu. Ao meio dia, ruidos abafados de tempestades distantes estremecem o ceu plúmbeo. Em pouco, tres assustadores trovões ribombam em torno de nós, e a chuva desce, forçando-nos a parar na casa de cima de Pedro Pinto, ás sete da noite.

Pedro irá conosco até o vapor. Habil, acha meio de escapar a uma trovoadá que se abate quando navegamos de frente da ilha de Bananal, ameaçando tragar as nossas igarités.

É' belo o espetáculo de uma trovoadá, ainda que ponha em risco nossas bagagens, e mesmo as nossas vidas!

O ceu está cada vez mais baixo. Dá a impressão de que poderemos tocar as grossas massas de nuvens que desfilam e que se sucedem em catadupas, com o simples estender da mão.

Extranhas fosforescencias pintam tons de enxofre. A tensão eléctrica rarefaz e resfria o ar: quasi não se pode respirar; o frio é intenso. Rugidos de trovão, que se ouvem sem distinguir na lividez ambiente o raio que os precedeu, rasgam os nossos tímpanos, produzindo saltos nos corações.

De espaço a espaço, formam-se como que buracos, como que chaminés, no circulo movel das nuvens.

Antes, não havia ar, e sentia-se o frio da febre; agora é vento fresco, turbilhonando as nuvens espalhando-as em todos os sentidos. Sob os roncões redobrados do trovão, agitado pelas rajadas de vento, o rio movimentava-se também, e repuxa-se e cabriola.

Então vem a chuva, caindo de toda parte, fustigando, em rajadas cruéis como mordidelas, tanto horizontais, seguindo as ondulações das vagas, tanto oblíquas, castigando os olhos, o rosto, o corpo todo do viajante, desprovido de qualquer possibilidade de defesa.

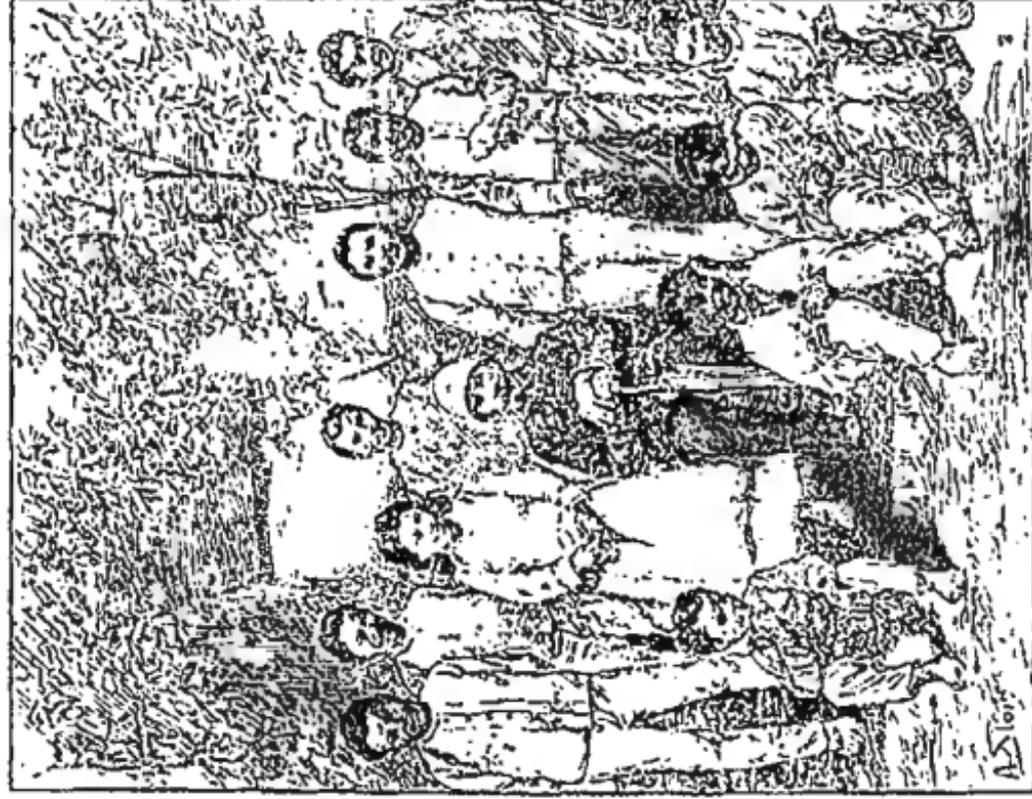
Uma tormenta assim equivale a um naufrágio. Pinto, todavia, livra-se, apenas com a avaria de alguma bagagem. Na nossa igarité, os saltos foram tais os de um cavalo rebelde. As taboas da embarcação rangiam sinistramente com tantas pancadas, pregando-nos não pequeno susto.

Domingo 29 de dezembro, às 5 da tarde, encostamos no porto de Lauritania. Na ausência do seu associado é o próprio Raimundo Pereira Brasil que aí se acha no momento (37). Faz dezoito dias que descemos das Sete Quedas, e cento e vinte e oito que daqui saímos para o início da nossa viagem.

A enseada que se estende entre a ilha de Lauritania, a de Goiana e a terra firme da margem direita, está, na minha opinião, fadada a grande futuro. É, de um lado, o término da na-

---

(37) Lauritania é propriedade de Joaquim José Pereira da Cunha. Raimundo Pereira Brasil que aí se achava, amigo de Cunha, é proprietário da Beta Vista, estabelecimento comercial de Brasil, onde é ponto terminal da linha de Navegação a Vapor do Rio.



Grupo na casa de Cardoso.

vegação a vapor; do outro, o fim das cachoeiras. Depois de percorrer o Tapajós até as fronteiras com Mato Grosso, a gente pergunta com surpresa porque este trecho não foi ainda utilizado, de vez que ocupa a posição mais vantajosa entre Santarém e Salto Augusto.

Pouco a pouco, todavia, a região se povôa. Uma dezena de casas escalam-se ao longo da enseada — um pequeno numero de habitantes do Tapajós havendo já compreendido ou adivinhado que, sendo a secção das cachoeiras que representa a quasi totalidade da produção e população do rio, o interesse está em se aproximar o mais possível da primeira cachoeira, Maranhãozinho.

Alem da razão economica, outras clamam a favor da região Goiana-Lauritania, como séde da futura chave do interior do Tapajós paraense: o lugar é sadio, com uma grande variedade de recursos, contrastando com Itaituba, insalubre, collocada num territorio uniformemente pobre, e que retrograda de continuo, em lugar de progredir.

Goiana-Lauritania, que participa já do clima muito mais são ou mesmo excelente, das cachoeiras, oferece, da enseada para diante, magnifica variedade de montanhas, de colinas, de furos, paraná, lagos e esplendidas terras, reservas de preciosas fontes para diferentes ramos da agricultura e da industria.

De um lado, posição strategica comercial; do outro, riqueza intrinseca. Entre Itaituba e Goiana-Lauritania não ha que hesitar. O futuro per-

tence ao povoado de baixo da cachoeira; não me admirarei se toda Itaituba para aí estiver transportada dentro de vinte anos.

Essa região acha-se colocada no limite de duas zonas: O *Planalto Brasileiro* e a *Planície Amazonica*. A mais de 3.000 quilometros de Belem, Tabatinga, na fronteira com o Perú, fica apenas a 80 metros acima do nível do mar; Salto Augusto, a apenas 1.500 quilometros, está a 150. E' que o Tapajós corre no Planalto Brasileiro e não na Planície Amazonica.

Na planície, são os lagos, os igapós, os terrenos periodicamente inundados, a vegetação dos pantanos; no planalto, as montanhas, as colinas de aspectos variados, com terra bastante boa ou sofrível.

Goiana-Lauritania localisa-se na fronteira da Amazonia e do Planalto Brasileiro. Para a frente são as terras fendidas por cachoeiras e saltos. Ha trinta e sete grupos de Maranhãozinho a Salto Augusto, inclusive, grupos dos quais alguns como Chacorão ou Capoeiras, se subdividem por seu turno em varios outros: nove para o Chacorão, nove para Capoeiras, etc.

Quando o Tapajós conquistar a importancia que lhe reserva sua posição geral, seu clima e suas riquezas naturais, a capital da "Tapajonia" será em Goiana-Lauritania.

Após um ligeiro e bem merecido repouso, a 2 de janeiro de 1896, ás 11 horas da noite, embarco no porto de Raimundo Brasil, em Bela Vista, com destino á capital paraense.

E á 7 de janeiro, pelo meio dia, chego a Belém.

Examinando mais uma vez a questão das regiões litigiosas subsistentes nas fronteiras do Pará, é interessante bordar ainda certas considerações:

A mais conhecida destas regiões é a que se acha em litigio com a Guiana franceza, e que os dois nomes de Cunani e Amapá marcam de celebridade, parte tragica, parte grotesca.

Alem deste, ha mais dois outros territorios, discutidos com o Estado do Amazonas, um ao norte, entre o Trombetas e Jamundá, outro na zona do Tapajós e alto Tapajós. Por fim, ha o "Contestado" com Mato Grosso, de que já nos ocupamos atrás.

Com respeito ao contestado entre Pará e Amazonas, no Tapajós — posto não tenha sido absoluto encarregado de tratar desta questão — permito-me, acidentalmente, exprimir minha opinião, sem pretender que ela venha a ser esposada pelo governo do Pará.

Se estou bem informado, o Pará pediu, na região tapajonica, para fronteira com o Amazonas, uma linha reta tirada da serra de Parintins á confluencia do São Manoel. E de seu lado, o Amazonas pediu o meridiano de Parintins, até o encontro do Tapajós, e daí por diante, este.

Apoiando-me no fato de que os afluentes da esquerda do grande rio, por sinal pouco importantes, são povoados exclusivamente por paraenses, pois os amazonenses nunca para ai se muda-

ram, acho que logico seria escolher como divisa uma linha que, partindo da serra de Parintins, fosse a partilha das aguas entre o Tapajós e os afluentes superiores do Amazonas. Pará e Amazonas ganhariam em ter para fronteira comum com Mato Grosso uma linha determinada pela posição verdadeiramente mais importante da maior queda do Tapajós: Salto Augusto.

Aliás, se consultado, eu proporia simplesmente, pela importancia de Salto Augusto, o paralelo deste, até o Araguaia e Madeira. Salvo, já se vê, as ligeiras modificações que a este traçado aconselhassem certos accidentes geograficos importantes que, embora fóra da linha exata do paralelo, deveriam ser preferidos, tal, por exemplo, a cachoeira das Sete Quedas.

Quanto a uma estrada para a penetração da zona encachoeirada, repito o anteriormente expresso: considero empresa escabrosa, pela dificuldade de contornar as cachoeiras que vão de Maranhãozinho a Bujuré.

Sobre o futuro do Pará, minha impressão é de sadio otimismo. O Estado possui situação financeira prospera, a progressão do seu desenvolvimento é bastante rapido. Pode estender suas aspirações muito além das atuais.

Estar ligado por linhas de navegação ao resto do mundo, fazer penetrar o telegrafo até o centro da Amazonia, são ambições já satisfeitas. Comunicar-se com o sul e o sudoeste do país, através de territorios hoje desertos; prever para estes prados e estes alliplanos temperados do extremo sudoeste do Estado, uma era proxima de colonisação

pela imigração; preparar, pelo estudo e a colonização, as vias de um caminho de ferro do Pará aos Andes, trabalho das primeiras décadas do proximo seculo... eis os destinos com os quais pouco a pouco o Pará se familiarisará.

Desembocadouro fluvial e terrestre do vale e dos planaltos do Amazonas, destinado, por causa dos seus prados e das suas terras altas a ser sempre dominio da raça ariana, o Pará, já tão apaixonadamente votado ás questões da ciencia, das letras e das artes, pode, com todo o direito, sentir a impaciencia de ver se desenrolarem os quadros sucessivos dos seus magnificos destinos.

Que seja facultado entretanto, a um modesto viajante, que percorreu um pouco as vastas regiões da Amazonia do norte e do sul, insistir na necessidade de ser particularmente estudada a Amazonia maritima: o Estado do Pará. Além de escoadouro natural, êle será o entreposto dos emigrantes para a metade da Amazonia mais proxima dos mercados e centros de população da Europa e da America do Norte.

O Pará, mais povoado, mais rico, tem o dever de tomar as grandes e audaciosas iniciativas que progressivamente farão desta região a rainha das regiões equatoriais, um meio de produção rico e variado, um centro deslumbrante e atraente de civilização.

E' indiscutível que se o Pará aplicar com decisão e perseverança a divisa "Conhecer e fazer conhecer", esta terra, para a qual o futuro começa a desenharse, conhecerá eras de esplendor e opulencia.

Quanto a mim, finalisarei este capítulo “fazendo conhecer”, pelo processo mais sêco, mas apesar disso, o melhor — o emprego dos algarismos e das estatísticas — seguido de vocabularios das linguas indigenas, diversos quadros de observações que me foram dados estudar um pouco durante esta viagem.

Apresentarei, successivamente:

Quadro da população

Altitudes barometricas

Longitudes e Latitudes

Meteorologia (Chuvas e Tempestades)

Dialetos: Maués, Apiacá e Mundurucú.

## CAPITULO X

### QUADROS ESTATISTICOS

Estadística da população. — Altitudes barométricas. — Longitudes e latitudes. — Meteorologia (chuvas e tempestades). — Dialéto Maués, Apiacá e Mundurucú.

### AVALIAÇÃO APROXIMADA

DA

POPULAÇÃO CIVILISADA DAS MARGENS DO TAPAJÓS

ABAIXO DE ITAITUBA

---

DESIGNAÇÃO	NUMERO DE CASAS	NUMERO DE HABITANTES
Ponta da Saracura . . . . .	2 . . . . .	10
Paraná-mirim do Curral . . . . .	7 . . . . .	35
Paini . . . . .	2 . . . . .	10
João do Mato . . . . .	1 . . . . .	5
Princto . . . . .	3 . . . . .	15
Barreirinha . . . . .	4 . . . . .	20
Ponta Alegre . . . . .	1 . . . . .	5
Fazendinha . . . . .	1 . . . . .	5

DESIGNAÇÃO	NUMERO DE CASAS	NUMERO DE HABITANTES
Goiana . . . . .	4	30
Em frente de Goiana (margem direita) . . . . .	2	10
Béa Vista (Raimundo Brasil) . . . . .	2	10
Bernardino Sobrinho . . . . .	1	10
Marcolino . . . . .	1	5
Raimundo Brasil (margem esquerda) . . . . .	1	3
Joaquim Cunha . . . . .	1	10
João Augusto . . . . .	1	5
Delphino . . . . .	1	5
Gervasio . . . . .	1	5
Boaventura . . . . .	3	12
Trovão . . . . .	1	5
Apuí . . . . .	1	4
Manoelzinho . . . . .	1	4
Paulo Pires . . . . .	1	5
Barboza . . . . .	1	5
Leonardo . . . . .	1	5
Gente do Braulino . . . . .	1	5
Buburé (A. L. Brasil) . . . . .	1	5
Mendonça Abitibó . . . . .	1	5
Antonio Bahia . . . . .	1	5
Funteiro . . . . .	1	4
Camilo Moreira . . . . .	1	6
João Gomes . . . . .	1	10
Casa . . . . .	1	5
Vicente Florencio . . . . .	1	5
Saraiva . . . . .	1	5

DESIGNAÇÃO	NUMERO DE CASAS	NUMERO DE HABITANTES
Maciel (Gualdino)	2	20
Augusto da Costa	2	40
Alfredo Lopes	1	5
Cosme	1	5
Braulino	1	10
Lelio Lobato	1	4
Aprigio	1	4
Tampa	1	4
Antonio Piauí	1	4
Luciano	1	4
Tampa (Bonfim)	3	20
Tucunaré	1	15
Cazuza Rocha	1	15
Januario Rocha	1	30
Casa	1	4
Manoel Pesqueiro	2	10
Manoel Gomes	1	5
Herdeiros de Fortunato Gon- calves	1	5
Cascavel	1	5
Pinheiro	1	5
Casa (Chapéu de sol)	1	5
José Pereira Brasil	2	15
Fechos	1	5
Ubiriba	1	5
Atanasio	1	5
Acará	1	4
Antonio Alves	1	6
Lourenço	1	4

DESIGNAÇÃO	NUMERO DE CASAS	NUMERO DE HABITANTES
Raimundo Braga . . . . .	1	4
Manoel Paulo . . . . .	1	4
Vicente . . . . .	1	4
J. M. Castelo Branco . . . . .	1	4
Cobre e Pimenta . . . . .	1	12
Casa (Ponta do Bordeaux) . . . . .	1	4
Casa da Ponta do Jutai . . . . .	1	4
Manoel dos Santos . . . . .	1	5
José Firmino Carinho . . . . .	1	5
Machado . . . . .	1	5
André Lino . . . . .	1	5
Antonio Marinho . . . . .	1	5
Firmino Duarte Guedes Pura- qué . . . . .	1	8
Manoel Serão . . . . .	1	4
Chico dos Santos . . . . .	1	5
Chico e dois seringueiros . . . . .	3	10
Pedro da Silva Pinto . . . . .	6	30
João Mulato . . . . .	1	4
Verissimo . . . . .	1	4
Manoel Grande . . . . .	1	4
Chicó . . . . .	1	4
José Barbosa . . . . .	2	6
Vicente . . . . .	1	4
Manoel Campos (Bom Jardim) . . . . .	1	6
Nunes . . . . .	1	4
Nunes (Cuatacuara) . . . . .	1	6
Virginio . . . . .	1	5
Tiago . . . . .	1	8

DESIGNAÇÃO	NUMERO DE CASAS	NUMERO DE HABITANTES
Nunes (Cantagalo)	2	6
Cantagalo (Seringueiro)	1	3
Germana	1	5
Seringueiro	1	3
Chico Maluco	1	6
Leopoldo Campos	1	8
Quintiliano	1	4
José Ramos	1	4
Felisberto	1	4
José Fernando Carvalho Cufá	1	4
José Leão	1	3
Belisario de Castilho	1	6
Guerra	4	20
M. A. Batista (Tartaruga)	6	30
Felicissimo	1	4
Camargo	1	4
José Mendes Martins	1	4
Cabetutú (Ilha do)	2	6
Sai Cinza Nova	2	10
Sai Cinza Velha	3	12
Manoel dos Santos	1	4
Faustino Mariano	1	5
Mariano da Silva Batista	1	4
João Capistrano	1	4
Ilhas do Curral	2	6
Ponta das Piranhas	1	4
Vito	1	3
Evaristo	1	3
Tertuliano	1	2

DESIGNAÇÃO	NUMERO DE CASAS	NUMERO DE HABITANTES
Sarmento . . . . .	1	2
João Caetano . . . . .	1	3
Ponta do Guarani . . . . .	1	3
Ribeiro Irmãos . . . . .	1	8
Chico Ribeiro . . . . .	1	8
Augusto Ribeiro . . . . .	2	10
André Lino . . . . .	1	4
Joaquim Corrêa (São Domingos) . . . . .	1	8
Francisco Antonio da Silva . . . . .	1	4
Vicente Teixeira Castro . . . . .	1	5
José Cearense . . . . .	1	3
Carmelino Ribeiro . . . . .	1	5
Eduardo . . . . .	1	3
J. L. Cardoso . . . . .	4	15
Joaquim Mamede . . . . .	1	4
Manoel Fabricio de Souza . . . . .	1	5
Manoel Carapina . . . . .	1	4
Clementino Simão de Guerra . . . . .	1	3
Ilha São Gaspar . . . . .	1	3
Mauricio Rodrigues da Silva . . . . .	1	15
Antonio José Afonso . . . . .	1	3
Maria Felicia Garcia (Ilha Samaúma) . . . . .	1	5
Gustavo . . . . .	1	3
Francisco José Vieira (Ilha Tucano) . . . . .	1	4
Inacio Barrozo (R. G.) . . . . .	1	10
Caetano da Silva (Ilha do Curucú) . . . . .	1	4

DESIGNAÇÃO	NUMERO DE CASAS	NUMERO DE HABITANTES
José Antonio da Silva ( <i>idem</i> )	1 . . . . .	4
Marcos Mota ( <i>idem</i> ) . . . . .	1 . . . . .	6
Manoel Benedito da Cunha ( <i>idem</i> ) . . . . .	1 . . . . .	4
Maria Margarida de Oliveira (l. Trindade) . . . . .	1 . . . . .	6
José Miranda (l. do Curucú)	1 . . . . .	6
João Pereira (margem direita)	1 . . . . .	4
TOTAL . . . . .	<u>204</u>	<u>384</u>

## AVALIAÇÃO APROXIMADA

DA

POPULAÇÃO CIVILISADA DAS MARGENS DO  
ALTO TAPAJÓS

ATÉ SALTO AUGUSTO

DESIGNAÇÃO	NUMERO DE CASAS	NUMERO DE HABITANTES
Emídio Batista . . . . .	1 . . . . .	4
Manoel Ventura . . . . .	1 . . . . .	4
Gonçalo . . . . .	1 . . . . .	4
Casimiro . . . . .	1 . . . . .	3
Candido Pinto . . . . .	1 . . . . .	3
Paulo Leite . . . . .	3 . . . . .	25
Paulo Leite (Seringueiros de São Thomé) . . . . .	0 . . . . .	25
Antonio Pereira Mendes . . . . .	1 . . . . .	3
TOTAL . . . . .	<u>10</u>	<u>74</u>

**AValiação Aproximada**  
 DA  
**POPULAÇÃO CIVILISADA DAS MARGENS DO**  
**SÃO MANOEL**  
 ATÉ A CACHOEIRA DAS SETE Quedas

---

DESIGNAÇÃO	NUMERO DE CASAS	NUMERO DE HABITANTES
João Pereira . . . . .	1	4
João da Silva Tavares . . . . .	1	6
Manoel Pedro . . . . .	1	3
Gabriel d'Almeida . . . . .	1	3
João Eduardo Martins . . . . .	1	4
Francisco José das Chagas . . . . .	1	4
João Bernardo . . . . .	1	3
Gonçalves Norato . . . . .	1	3
Boaventura Pereira da Costa . . . . .	1	4
Manoel de Arruda . . . . .	1	3
Francisco de Paula . . . . .	1	3
Afonso Carlos Pereira . . . . .	1	5
José Lourenço Cardoso . . . . .	1	3
Crispim Rodrigues da Silva . . . . .	1	3
João Meireles . . . . .	1	4
Josué . . . . .	1	3
Casimiro Vicente Pereira . . . . .	1	6
João Lopes . . . . .	1	3
Saturnino Carlos Pereira . . . . .	1	10
Marciano . . . . .	1	3
Manoel Cardoso . . . . .	1	3
Emiliano . . . . .	1	4
Laurindo José Francisco da Silva . . . . .	1	15

DESIGNAÇÃO	NUMERO DE CASAS	NUMERO DE HABITANTES
João Cardoso dos Santos . . . . .	1	3
Guilhermino . . . . .	1	3
José Francisco Moreira . . . . .	1	5
Marcelino Moreira . . . . .	1	3
Manoel Francisco Xavier . . . . .	1	3
Benedito José dos Santos . . . . .	1	4
Manoel Francisco Barata . . . . .	1	4
Paulino José dos Santos . . . . .	1	5
Gervasio José dos Santos . . . . .	1	5
Antonico Bentes . . . . .	1	15
TOTAL . . . . .	33	152

## AVALIAÇÃO APROXIMADA

DA

### POPULAÇÃO CIVILISADA DO INTERIOR DO BAIXO TAPAJÓS

ACIMA DE ITAITUBA

DESIGNAÇÃO	NUMERO DE CASAS	NUMERO DE HABITANTES
Igarapé do Capituan . . . . .		50
Igarapé do Mambuaizinho . . . . .		500
Jamanchim — Tiocantins — Aruri . . . . .		800
Igarapé Urubutúzinho . . . . .		10
Igarapé Urubutú Grande . . . . .		70
Rio Crepori . . . . .		200
Rio das Tropas . . . . .		50
TOTAL . . . . .		1.680

AVALIAÇÃO APROXIMADA  
DA  
POPULAÇÃO DE INDIOS MUNDURUCÓS

---

1.º TAPAJÓS

DESIGNAÇÃO	NUMERO DE CASAS	NUMERO DE HABITANTES
Mateus . . . . .	1	10
Maloca Velha . . . . .	1	5
Claudino (Cuafacuara) . . . . .	1	10
Inacio (idem) . . . . .	1	10
Salvador (idem) . . . . .	1	50
Erapichi (Periquito) . . . . .	1	10
Francelino Nogueira Guedes (Chacorão) . . . . .	1	5
Comprido . . . . .	1	15
Porto Velho . . . . .	1	4
Pedro (Capociras) . . . . .	1	6
José (idem) . . . . .	1	8
Gabriel (idem) . . . . .	1	8
Diego (idem) . . . . .	1	8
Constancio e Pancrácio (idem)	1	8
Cassiano (idem) . . . . .	1	4
Gregorio (idem) . . . . .	1	4
Raulino (idem) . . . . .	1	4
Caetano (idem) . . . . .	1	4
TOTAL . . . . .	18	173

## 2.º AFLUENTES DO TAPAJÓS

DESIGNAÇÃO	NUMERO DE CASAS	NUMERO DE HABITANTES
Igarapé do Igapó Assú . . . . .	1 . . . . .	30
Igarapé do Cantagalo (Mari- baxi) . . . . .	1 . . . . .	20
Igarapé do Mateus . . . . .	1 . . . . .	15
Rio das Tropas . . . . .	3 . . . . .	30
Igarapé Pixuna . . . . .	1 . . . . .	10
Igarapé do Cururú . . . . .	7 . . . . .	700
Cururú-Caderiri . . . . .	5 . . . . .	300
TOTAL . . . . .	<u>19</u>	<u>1.105</u>

## 3.º ALTO TAPAJÓS

Mateus . . . . .	1 . . . . .	10
Antonico . . . . .	1 . . . . .	15
Filipe . . . . .	1 . . . . .	8
Miguel Moreira . . . . .	1 . . . . .	4
Pedro Moreira . . . . .	1 . . . . .	3
Curapichí . . . . .	1 . . . . .	12
TOTAL . . . . .	<u>6</u>	<u>52</u>

## 4.º AFLUENTES DO ALTO TAPAJÓS

Igarapé Bararati . . . . .	2 . . . . .	20
----------------------------	-------------	----

## 5.º SÃO MANUEL

DESIGNAÇÃO	NUMERO DE CASAS	NUMERO DE HABITANTES
1.ª Maloca . . . . .	1 . . . . .	12
2.ª Maloca . . . . .	1 . . . . .	12
3.ª Maloca . . . . .	1 . . . . .	15
4.ª Maloca (Nicolau) . . . . .	1 . . . . .	10
TOTAL . . . . .	<u>4</u>	<u>49</u>

## 6.º SUCUNDURI

Uma Maloca . . . . .	1 . . . . .	30
TOTAL GERAL . . . . .	<u>50</u>	<u>1.429</u>

## AVALIAÇÃO APROXIMADA

DA

## POPULAÇÃO DE INDIOS APIACAS

DESIGNAÇÃO	NUMERO DE CASAS	NUMERO DE HABITANTES
João Corrêa . . . . .	1 . . . . .	25
José Gomes . . . . .	1 . . . . .	25
Benedito . . . . .	1 . . . . .	20
Banana! Grande . . . . .	1 . . . . .	10
Igarapé da Cabeceira do São Florenço . . . . .	1 . . . . .	20
TOTAL . . . . .	<u>5</u>	<u>100</u>

## ESTATISTICA GERAL

DA

## POPULAÇÃO DO TAPAJÓS

ACIMA DE ITAITUBA

---

Civilizados das margens do Tapajós . . . . .	1.080
Civilizados das margens do alto Tapajós . . . . .	73
Civilizados das margens do São Manoel . . . . .	152
Civilizados do interior . . . . .	1.680
	<hr/>
TOTAL DE CIVILIZADOS . . . . .	2.985
Índios Mundurucús . . . . .	1.450
Índios Apiacás . . . . .	100
	<hr/>
TOTAL DE ÍNDIOS . . . . .	1.560
	<hr/>
TOTAL GERAL . . . . .	4.545

ALTITUDES BAROMETRICAS  
BAROMETRO ALT'METRICO "NAUDET"

Local da observação	Temperatura à sombra	Altura encontrada	Data	Hora da observação
Alto do Apui . . .	29°	280 met.	28 agosto	
Embocadura do Cururú . . .	27° ½	374 "	29 novemb.	
Confluencia do São Manoel . . .	25° ½	374 "	30 "	5 h. tarde
Confluencia do São Manoel . . .	28°	378 "	27 "	5 h. tarde
Paulo Leite . . .	31°	382 "	20 "	
Baixo São Simão.	35°	388 "	19 "	
Alto São Simão.	30°	394 "	19 "	
Benedito . . .	26° (Tempestade)	412 "	8 "	3 h. tarde
Benedito . . .	23°	396 "	9 "	5h. manhã
São Florencio. . .	29°	396 "	9 "	
Misericordia . . .	30°	400 "	10 "	
Misericordia . . .	33° ½	406 "	18 "	4 h. tarde
Santa Iria. . .	30°	410 "	18 "	
São Rafael . . .	29°	415 "	18 "	
Sao Gabriel . . .	26° ½	420 "	18 "	
São Lucas. . .	32° ½	428 "	17 "	
Ondas . . .	33°	435 "	17 "	
Salsal . . .	30°	442 "	17 "	
Salto Augusto (em baixo) . . .	32°	458 "	15 "	1 h. tarde
Salto Augusto (em baixo) . . .	35°	460 "	— "	Meio dia
Salto Augusto (em cima). . .	35°	475 "	— "	2 h. tarde

METEOROLOGIA  
CHUVAS E TEMPESTADES

---

LUGAR	DATA	HORAS
Apui . . . . .	28 agosto	5,30 da manhã, tempestade e chuva; 5, 30 da tarde, tempestade e chuva.
Buburé . . . . .	5 setemb.	3 ás 5 da manhã, tempestade e chuva; 3 ás 5 da tarde, tempestade e chuva.
Buburé . . . . .	6 "	9 da noite, tempestade e chuva.
Mangabal Grande	13 "	5 da tarde, tempestade; noite de tempestade e chuva.
Iha do Igapó		
Assú . . . . .	15 "	2 da tarde, tempestade.
Cuatacuara . . . . .	16 "	5 da tarde, tempestade e chuva.
Cuatacuara . . . . .	18 "	4 da manhã, chuva.
Cantagalo . . . . .	19 "	2 da manhã, tempestade e chuva.
Chacorão (Cardoso) . . . . .	27 "	5 da tarde, tempestade e chuva.
Chacorão (Cardoso) . . . . .	28 "	2 da tarde, tempestade e chuva.
Chacorão . . . . .	1.º outub.	5 ás 6 da manhã, chuva; 7 ás 8, tempestade e chuva; 8 da tarde, tempestade.
Ponta da Bau-nilha . . . . .	9 "	1 ás 3 da tarde, tempestade.
Airi . . . . .	10 "	3 ás 4 da tarde, duas tempestades e uma trovoadas.
Meia Carga . . . . .	11 "	6 da tarde, tempestade.

LUGAR	DATA	HORAS
São Benedito. . .	12 "	2 da tarde, chuva fina; 2,30 ás 4 da tarde, tempestade longinqua.
Pesqueirinho (Mauricio) . .	13 "	2,30 ás 5 da tarde, tempestade e chuva nos arredores; 6 da tarde, tempestade e chuva.
Pesqueirinho (Mauricio) . .	14 "	5,30 ás 6,30 da tarde, duas tempestades e chuva violenta; 8 da noite, tempestade.
Pesqueirão . . .	15 outub.	3,30 da tarde, tempestade; 9 ás 10,30 da noite, trovoadas e chuva forte.
Samaúma. . . .	16 "	4,30 da tarde, tempestade e chuva.
Coletoria . . .	18 "	8,30 ás 10 da noite, tempestade e chuva.
Ilha da Maloca . .	19 .	12,30 ás 3 da tarde, tempestade e trovoadas sem chuva.
Ilha do Macaco . .	21 "	12 a 1 da tarde tempestade e chuva.
Goiabal . . . .	22 "	3 ás 5 da manhã, chuva; 7 ás 8 da manhã, tempestade e chuva.
Encsada do São Tomé. . . .	23 "	Meio-dia, chuva.
Paulo Leite . . .	25 "	12 da manhã, tempestade e chuva; 12 ás 5 da tarde, tempestade longinqua.
Paulo Leite . . .	26 "	6 ás 9 da manhã, tempestade longinqua.
Paulo Leite . . .	2 novemb.	5 ás 12 da manhã, chuva.
Paulo Leite . . .	4 "	3 ás 10 da manhã, chuva.
José Gomes . . .	5 "	3 da tarde, tempestade.
José Gomes . . .	7 "	6 da manhã, chuva.

LUGAR	DATA	HORAS
Benedito . . . .	8 "	6 da manhã, chuva; 1 da tarde, tempestade; 3 da tarde, trovoada; 4 ás 6 da tarde, chuva.
Bananal Grande.	9 "	6 ás 8 da noite, tempestade e chuva.
Canal do Inferno	10 "	6 da tarde, tempestade; 9 da noite, tempestade e chuva; 9,30 ás 11 da noite, chuva.
São Rafael . . .	12 "	1 ás 9 da manhã, chuva.
Rebojo . . . .	13 "	6 ás 10 da noite, chuva.
Furnas. . . . .	14 "	11 da manhã, chuva; 5 da tarde, trovoada; 5,30 ás 6 da tarde, chuva.
Paulo Leite . . .	21 "	1 ás 5 da manhã, e 9 ás 11 da manhã, chuva.
Paulo Leite . . .	22 "	1 ás 2 da tarde, 3 ás 4 da tarde, 8 ás 11 da noite, chuva.
Paulo Leite . . .	24 "	1 da manhã ás 3 da tarde, chuva.
Paulo Leite . . .	25 "	2 ás 3 da tarde, trovoada e chuva.
Pesqueirão . . .	29 "	11 ás 12 da manhã, tempestade e chuva.
Embocadura do São Manoel. . .	30 "	1 da tarde, tempestade fonginqua.
Boaventura . . .	1.º dezemb.	4,30 da tarde, tempestade e chuva.
Barata . . . . .	6 "	2 da tarde, chuva.
Ilha da Afagação	8 "	5 ás 12 da manhã, chuva.
Jaú . . . . .	12 "	3 ás 5 da tarde, chuva.
Jaú . . . . .	13 "	5 ás 6 da manhã, chuva.
Saturnino . . . .	15 "	5 ás 6 da manhã, chuva.

LUGAR	DATA	HORAS
Coletoria . . .	17 "	3 ás 6 da manhã, chuva.
Capceiras . . .	18 "	8 da manhã á 1 da tarde, chuva.
Chacorão. . .	19 "	8 ás 11 da manhã, chuva.
Tartaruga . . .	21 "	5,30 da tarde, tempestade e chuva.
Cuatacuara . . .	24 "	10 da manhã ás 2 da tarde, trovoada e chuva.
Ilha do Igapó Assú . . .	24 "	8 da tarde, tempestade e chuva.
Lauritania . . .	1.º Jan. 1896	8.30 da tarde, tempestade e chuva.

## CAPITULO XI

Dialetos: Maués, Apiacá e Mundurucú.

### DIALETO MAUÉS (\*)

Ceu . . . . .	Atipó.
Nuvem . . . . .	Uaatè.
Vento . . . . .	Euetú.
Sol . . . . .	Aat.
Dia . . . . .	Iluadac.
Manhã . . . . .	Iluadac poi.
Noite . . . . .	Uandeme.
Lua . . . . .	Uaatè.
Estrela . . . . .	Uakire, uakire uatò.
As Pleiades (estrelas) . . . . .	Mapui.
Inverno . . . . .	Jamane eat.
Chuva . . . . .	Jamane.
Fogo . . . . .	Meremerebè.
Trovão . . . . .	Ueduatò.
O frio . . . . .	Totomorac.
Terra, solo . . . . .	Ri.
Areia . . . . .	Eocoi.

(\*) De acordo com informações do Maués, Manoel Lourenço da Silva, morador na Aldeia Antã (Tapalet), perto das cachoeiras vizinhas, e, no que parece, filho ou neto de verdadeiros Tachauas.

Pedra . . . . .	Nô.
Rocha . . . . .	Nô aarem.
Savana . . . . .	Eaing.
Montanha . . . . .	Uitog.
Floresta . . . . .	Nhaá.
Água . . . . .	Fucu.
Sal . . . . .	Oket.
Arroio, riacho . . . . .	Eu idí.
Caminho, picada . . . . .	Moap.
Fogo . . . . .	Ariç.
Clama . . . . .	Ariç-andê.
Fosforos . . . . .	Ariç-aui.
Bôa noite . . . . .	Auandê aico.
Como passaste a noite? . . . . .	Tambû erecossa?
Bom dia . . . . .	Eodac.
Meu irmão . . . . .	Ianinhê.
Mulher . . . . .	Onianê.
Menino . . . . .	Giracat.
Rapaz . . . . .	Uidadêre.
Tu és jovem . . . . .	Nambi optire.
Jovem . . . . .	Macuptire.
Velho, ancião . . . . .	Aaivod.
Pai . . . . .	Uievod.
Mãe . . . . .	Ouitê.
Irmã . . . . .	Ocinet.
Irmão . . . . .	Uikeuet.
Filho . . . . .	Oafô.
Filha . . . . .	Oakiet.
Mulher, esposa . . . . .	Oivare.
Parentes . . . . .	Ovuei.
Como passas? . . . . .	Aicotã erecossa?
Não passo bem . . . . .	Aricossa uaitê.
Estou melhor . . . . .	Erê i catú.

Casa . . . . .	Enhetá.
Caminho . . . . .	Moá.
Os brancos . . . . .	Caraiúas.
Os negros. . . . .	Tapaiunas.
O chefe. . . . .	Tuchaua.
Fazer a guerra . . . . .	Tamanbuê aá.
Malar-se . . . . .	Toatuac.
Deus . . . . .	Tupan.
O deus dos índios . . . . .	Aicaaivá.
Ele morreu . . . . .	Icooró.
Não sei o que dizes . . . . .	Eretico avi.
Cabeça. . . . .	Oiaké.
Cabelos. . . . .	Oiatsá.
Olho. . . . .	Ocá.
Nariz . . . . .	Oianguá.
Orelha. . . . .	Uiapé.
Bôca . . . . .	Oouven.
Lingua . . . . .	Oouincó.
Dentes. . . . .	Oân.
Barba . . . . .	Uimensá.
Braço . . . . .	Oické.
Mão. . . . .	Uipapuió.
Dedo . . . . .	Uipunhe.
Unha . . . . .	Uipo campé.
Leite . . . . .	Hemi.
Ventre. . . . .	Humêa.
Fé . . . . .	Oúipul.
Ferimento . . . . .	Kepií.
Bebedeira, bebedo . . . . .	Hemaipô.
Doente. . . . .	Jaó.
Sonu . . . . .	Toké.
Casa. . . . .	Nhetá munhetá.
Tapir. . . . .	Ueuatá.

Que é que nos vais dar para comer?	Areto ué ura ué?
Peixe. . . . .	Pirá.
Anzol. . . . .	Piná.
Canôa . . . . .	Canai.
Remo. . . . .	Epucuita.
Roça . . . . .	Nuá.
Mandioca . . . . .	Maniôc.
Farinha de mandioca. . . . .	Mane.
Farinha. . . . .	Oúí.
Tapioca . . . . .	Maniare.
Cachiri. . . . .	Caciri.
Milho . . . . .	Auatí.
Cachiri de milho. . . . .	Auat-pô.
Cachiri doce . . . . .	Tarubá.
Um . . . . .	Endú.
Dois . . . . .	Tepuí.
Tres . . . . .	Mueen.
Quatro. . . . .	Tepuí uevo.
Cinco . . . . .	Uindé canomorani.
Fumeiro . . . . .	Eoparacaia.
Panela (grande). . . . .	Uanan.
Panela de cosinha . . . . .	Áion — ongue.
Caldo . . . . .	Ié.
Cesto . . . . .	Curuvú.
Algodão fiado . . . . .	Amonki suap.
Rede . . . . .	Ení.
Arco . . . . .	Moreuá.
Flecha . . . . .	Moré.
A flauta grossa . . . . .	Uú.
Perolas . . . . .	Tassarú.
Cigarro índio . . . . .	Sovó.
Tabaco em rôlo . . . . .	Sovó muri.
Faca . . . . .	Quicê.

Facão . . . . .	Pereeup.
Machado . . . . .	Iuiap.
Fusil . . . . .	Mucava.
Polvora, munições . . . . .	Muçacuí.
Tecidos . . . . .	Socpê.
Espelho . . . . .	Uarud.
Pente . . . . .	Keuuá.
Perte fino . . . . .	Keuuá puui.
Tafiá . . . . .	Maeu.
Cabié (mamífero roedor) . . . . .	Capitara.
Gato . . . . .	Piçane.
Cão . . . . .	Auaré.
Porco fugido . . . . .	Hamaô.
Cuatá (especie de macaco) . . . . .	Tuaá.
Lontra . . . . .	Apá.
Macaco . . . . .	Hanoan.
Paca . . . . .	Paé.
Macaco vermelho . . . . .	Aúeukeu.
Tapir . . . . .	Ueuatô.
Onça . . . . .	Auiatô.
Agami (passaro trombeta) . . . . .	Ooré.
Arara . . . . .	Hanoone.
Pato . . . . .	Ipeuk.
Galo, galinha . . . . .	Uaipacá.
Perdiz (inanbú) . . . . .	Otiri.
Periquito . . . . .	Aore.
Tucano . . . . .	Nhonjane.
Urubú . . . . .	Urubú.
Jacú (ave) . . . . .	Muenhon.
Peixe . . . . .	Pira.
Cumarú (arvore que produz uma fava perfumada) . . . . .	Pacú-assú.
Tucunaré (peixe) . . . . .	Aítouembore.
Pacú (peixe) . . . . .	Pacú.

Arraia . . . . .	Otipé.
Sorubim (peixe). . . . .	Surubi.
Serpente . . . . .	Moaié.
Jacaré . . . . .	Uatsú.
Jacaré-tinga . . . . .	Uatsú ké.
Camaleão (saurio terrestre) . . . . .	Senemui.
Tracajá (especie de tartaruga pequena) . . . . .	Uaurinato.
Formiga . . . . .	Saari.
Formiga de fogo . . . . .	Saari corané.
Carapanã (mosquito) . . . . .	Uancion.
Pium (especie de mosquito pequeno) . . . . .	Upiô.
Arvore . . . . .	Iui-teog.
Raiz . . . . .	Iui-pôd.
Folhas . . . . .	Repap-úi.
Flor . . . . .	Ipoeré.
Fruto . . . . .	Cadcadeuá.
Borracha . . . . .	Siringa.
Breu . . . . .	Etealté.
Cajú . . . . .	Caçú.
Miriti (especie de palmeira) . . . . .	Monbi pucú paia.
Andiroba (arvore de frutos oleaginosos) . . . . .	Canaé.
Paxiúba (especie de palmeira) . . . . .	Paandi.
Assaí (especie de palmeira) . . . . .	Uasseia.
Assaizal. . . . .	Uasseia - pié.
Inhame. . . . .	Auaia.
Cipó . . . . .	Iripô.
Batata doce . . . . .	Uriurú.
Urucú . . . . .	Uaacap.
Genipapo . . . . .	Uanhop.
Ingá (arvore e fruto) . . . . .	Moqui.
Ananás (abacaxi). . . . .	Amandá.

Banana. . . . .	Pacoa.
Feijões. . . . .	Cumaná.
Mamão . . . . .	Mamon.
Pimenta. . . . .	Mucé.
Eu . . . . .	Uitó.
Tu . . . . .	Enê.
Ele . . . . .	Mii.
Eles . . . . .	Vevuaré.
Minha faca. . . . .	Oé kicê.
Tua faca . . . . .	E' kicê.
Sua faca . . . . .	Iatéé kicê.
Eu tenho uma faca . . . . .	Oé kicê tonhe.
Tu tens uma faca . . . . .	E' kicê tonhe.
Ele tem uma faca . . . . .	Iaté kicê tonhe.
Ha o que comer . . . . .	Imio uampê.
Ha o que comer lá dentro . . . . .	Taon imio uampê.
E' mentira. . . . .	Ialuê só.
E' verdade. . . . .	Puiôï uó.
Hoje . . . . .	Meço.
Ontem . . . . .	Nhatpó.
Amanhã. . . . .	Monguilé.
Depois de amanhã . . . . .	Hecuecaia.
Depressa . . . . .	Merebí.
Daqui a pouco tempo . . . . .	Mecoranbore.
Lertamente . . . . .	Ekepame.
Muito . . . . .	Ipoit.
Pouco . . . . .	Ton, Icorine.
Já chega . . . . .	Uaacú toadente.
Está bom, é bom . . . . .	Eté reké heracoat.
Está bonito, é bonito . . . . .	Eté réké icac oracoat.
Está feio, é feio. . . . .	Ipoité.
Branco . . . . .	Ikedoe.
Azul. . . . .	Ierep.

Vermelho . . . . .	Iup.
Negro . . . . .	Honte.
Comprido . . . . .	Icuop.
Não comprido . . . . .	Iantô.
Amargo . . . . .	Nop.
Doce. . . . .	Eaie.
Acido . . . . .	Anhon.
Duro. . . . .	Iainhe.
Não duro . . . . .	Euriainhe.
Aborrecido. colera . . . . .	Ipuac.
Fatigado. . . . .	Oiaet.
Ele é forte . . . . .	Et saiké.
Ele é fraco . . . . .	Ene et saiké.
Gordo . . . . .	Ian — idé.
Ebrio, embriagado. . . . .	Iuambée.
Longe . . . . .	Ipuiabó.
Não longe . . . . .	Ipuiai.
Magro . . . . .	Icanemode.
Mau, mau de comer . . . . .	Ipuiaac tocat enenit caué
Que tem gosto mau . . . . .	Icamei.
Pesado . . . . .	Ipoti.
Pequeno . . . . .	Coringuadé.
Medroso. . . . .	Gueneá.
Não medroso. . . . .	Ietoghenhé.
Ladrão . . . . .	Moké.
Quero comprar uma rede. . . . .	Até euié dení.
Gosto do tafiá . . . . .	Aé eco maeu.
Não gosto do tafiá . . . . .	Era nateco sudé.
Gosto de peixe. . . . .	Pira tocoo.
Vou para a roça . . . . .	Areta noo ca pé.
Botar timbó. . . . .	Ocotoc tauria uaté.
Timbó (planta para matar peixe) . . . . .	Oocó.
Vou para a roça botar timbó . . . . .	Areta noo ca pá ocotoc.

O caminho do porto . . . . .	Moamp oap.
Caminho. . . . .	Moan.
Porto . . . . .	Oap.
Fruta cipó (maracujá) . . . . .	Murucujá.
Chegou gente aqui . . . . .	Muie tuenon emeiombé.
Ha muitas mercadorias . . . . .	Mipale ipa ité.
Eu não tenho mulher . . . . .	letcat ioivaré.
Eu não tenho filho . . . . .	letcat oakiet.
Preciso duma esposa . . . . .	Essa doné aneu atkeu.
Tenho sede. . . . .	Aré cotchi.
Tenho fome. . . . .	Oé seet.
Tenho febre . . . . .	Olaó.
Vou banhar-me. . . . .	Arevé icté.
Ele está bebendo . . . . .	Tótó.
Ele não quer agua . . . . .	Eu retikeu essari.
A roça foi queimada . . . . .	Toivonho.
Ele está cantando . . . . .	Tooué epui.
É'le foi caçar . . . . .	E' ueré.
É'le está trabalhando . . . . .	Ipot paap.
Grítar . . . . .	Toatca.
Dansar. . . . .	lairú.
Despacha-te! . . . . .	Nerevit
A jusante . . . . .	Eembecaie.
A montante . . . . .	leapocaie.
Dá-me agua. . . . .	Terodeú eu imio.
Vou dormir. . . . .	Ariket.
Ele dorme . . . . .	Toket.
Vamos comer . . . . .	Uaaté enuc.
Escutar . . . . .	Eré uandé dop.
Acordar . . . . .	Eré emore.
Ferida . . . . .	Pif.
Esta ferida me impede de trabalhar.	Oé pii ateu mii tupane cui patpat cuane.
Vou fazer minha casa . . . . .	Nhé etap aré eanman.

Tenho calor . . . . .	Oé aanhaco.
Faz calor aqui. . . . .	Oé aipui.
Faz frio. . . . .	Naac.
Tenho frio. . . . .	Oé naac.
Fumas? . . . . .	Eapui apot soho?
Tira a agua da canôa . . . . .	Etie pone eu.
Vai dançar . . . . .	Moairora.
Brincar. . . . .	Tapapui.
Flauta. . . . .	Acuare.
Tocar flauta . . . . .	Acuare tafapui.
Estou comendo . . . . .	Arceno.
Andar . . . . .	Loira aeuré.
Ele morreu . . . . .	Icorá.
Ele morreu ha muito tempo . . . . .	Meinui ceré nhaat ipocoré
Estou remando . . . . .	Eré apocui.
Vae ao poço . . . . .	Eérefo oça pocé.
Vae á proa . . . . .	Muito iam boké.
Eu falo (uma lingua). . . . .	Oé af.
Eu vou pescar. . . . .	Arepi, naindek.
Vae pescar. . . . .	Moépi naindek.
Que é que trazes? . . . . .	Caat pat te keui?
Nada. . . . .	Eetcati.
Chorar . . . . .	Arevak.
Trabalhar . . . . .	Ipotpa.
Quero trabalhar. . . . .	Oipoiipa ptéram.
Não quero trabalhar . . . . .	Eroiopotpa pléram.
Porta (de casa) . . . . .	Okeene.
Rir, estar alegre . . . . .	Iuépit.
Está tempestuoso . . . . .	Iuécio at.
Trovão . . . . .	Hurue.
Vai chover. . . . .	Iamane iraané.
Eu trabalho muito. . . . .	Oipot papsésé.
Ele matou uma onça . . . . .	Até oque aué ata.

Aí vou . . . . .	Aréta tene.
Vem aqui. . . . .	Eré iancmeicouí.
Ver . . . . .	Erassa.
Voar. . . . .	Eveitá.
Roubar . . . . .	Tateranc.

## DIALETO APIACA' (\*)

Céu . . . . .	Ivague.
Nuvem . . . . .	Ivagone.
Ver to . . . . .	Iuí'ú.
Grande vento. . . . .	Iuitú ú.
Brisa . . . . .	Iuitú ir.
Sol . . . . .	Cuaractí.
A noite. . . . .	Puitum aive.
O dia . . . . .	Azu ahê.
A manhã . . . . .	Adihec.
A tarde. . . . .	Arane peáú caaro.
A Lua . . . . .	Zaerre.
Um mez (uma Lua). . . . .	Zaerre.
Lua c'ieia . . . . .	Zac ahaze.
Lua nova. . . . .	Zac puitum.
Estrela. . . . .	Zac tatai.
Via Lactea. . . . .	Agnangue pucu.
Arco-iris . . . . .	Dieup.
Verão . . . . .	Epanne.
Inverno (tempo das chuvas) . . . . .	Amanokipuitec.
Chuva . . . . .	Amanc.
Frio. . . . .	Irohê.
Calor . . . . .	Eaic.
Humidade . . . . .	Iancang.

(\*) Este dialeto foi anotado durante a estada entre os Apiacás de Paulo da Silva Leite, e durante a viagem a São Augusto.

A sombra de uma arvore . . . . .	Cuarahê ang pé.
A sombra de um homem . . . . .	Aheang.
Relampago. . . . .	Tupassec.
Trovão. . . . .	Amane ziuic.
A terra, o chão . . . . .	Euse.
Areia . . . . .	Incing.
Pedra . . . . .	Ita-í.
Rochedo . . . . .	Ita-uimbec.
Caverna . . . . .	Iuancuang.
Montanha . . . . .	Iuitir.
Colina . . . . .	Iuitir-í.
Planície. . . . .	Iuitir-i-anhã.
Floresta . . . . .	Cá-uhê.
Savana. . . . .	Nhucarã.
Charco. . . . .	Ipiã.
Agua . . . . .	I.
Arroio . . . . .	Ihícuave.
Rio. . . . .	Ianhê.
Lago . . . . .	Ipiakô.
Rio de agua clara . . . . .	Izuve.
Rio de agua escura . . . . .	Epuione.
Fonte . . . . .	Merei uá catê.
A montante . . . . .	Embuí catê.
A jusante. . . . .	Embuí opê.
Confluencia, embocadura . . . . .	Berembui avê.
Rapido. . . . .	Ituihí.
Catarata . . . . .	Itú.
Ilha. . . . .	Ipanhúe.
Fogo . . . . .	Tata.
Chama . . . . .	Ucaitep.
Lugar . . . . .	Upaip.
Cinza . . . . .	Tanimbô.
Fumaça . . . . .	Tatacing.

Lugar da fogueira . . . . .	Tata upaip.
Homem. . . . .	Eamenagá.
Mulher. . . . .	Aimico.
Menino . . . . .	Curumi.
Menina. . . . .	Cunhatá.
Rapaz . . . . .	Auagã.
Velho . . . . .	Sabaê.
Casamento. . . . .	Azavápa.
Marido. . . . .	Acuimibaê.
Viuvo . . . . .	Cunhantê acov.
Pai. . . . .	Avoceapê.
Mãe. . . . .	Avocem.
Avô . . . . .	Ziruvc.
Avó. . . . .	Desaruzê.
Filho . . . . .	Inimbó.
Filha . . . . .	Masipê.
Irmão . . . . .	Eractuirê.
Irmã. . . . .	Gariki.
Tio . . . . .	Dzi.
Tia. . . . .	Cunhã nimbuér.
Sobrinho . . . . .	Dzi cunhã nimbuér nhã.
Amigo . . . . .	Zireuar.
A tribu. . . . .	Dziroioinhã.
A aldeia . . . . .	Amonabú.
Reçado. . . . .	Cóa.
Roça abandonada . . . . .	Cocvet.
Caminho . . . . .	Pea.
Homem branco . . . . .	Carivá.
Homem negro. . . . .	Negoro.
Hospede . . . . .	Enepioca.
Chefe de aldeia . . . . .	Capiton.
Deus . . . . .	Tupancê.
Pagé . . . . .	Pazé.

Canção . . . . .	Amaracaibe.
Dansa . . . . .	Asioaque.
Casa . . . . .	Ogui.
Pele . . . . .	Aipo.
Sangue . . . . .	Aerui.
Cabeça . . . . .	Eancang.
Cabelos . . . . .	Eave.
Rosto . . . . .	Iretuapê.
Olfhos . . . . .	Arêa-cuare.
Nariz . . . . .	Inci.
Orelha . . . . .	Enambi.
Boca . . . . .	Ezurá.
Lingua . . . . .	Aecunê.
Dentes . . . . .	Eranhe.
Barba . . . . .	Arææduave.
Pescoço . . . . .	Aerenubaurve.
Braço . . . . .	Aezuve.
Mão . . . . .	Aepuã.
Dedo . . . . .	Aepuampê.
Unha . . . . .	Aepuapê.
Têta . . . . .	Aicame.
Leite . . . . .	Cambu.
Coração . . . . .	Aitanhá.
Ventre . . . . .	Aeribega.
Dorso . . . . .	Acupê.
Joelho . . . . .	Arenupã.
Perna . . . . .	Aepui.
Tibia . . . . .	Aritumanfianga.
Torrózelo . . . . .	Ainhuacanga.
Pé . . . . .	Aepuí.
Dedo do pé . . . . .	Aepui-ã.
Calcanhar . . . . .	Aepuí-tá.
Cégo . . . . .	Nã-neai.

Manco . . . . .	Etumã cani.
Febre. . . . .	Metezup.
Defluxo . . . . .	Oô.
Caçador. . . . .	Animi-uicécá.
Pescador . . . . .	Abiú.
Peixe. . . . .	Pirá.
Anzol. . . . .	Itapotante.
Linha do anzol. . . . .	Itapotanhame.
Banco da canôa . . . . .	Apucabe:
Piroga . . . . .	Iari.
Canoa grande . . . . .	Iar-ií.
Remo. . . . .	Ivep.
Mandioca . . . . .	Manioc.
Farinha de mandioca. . . . .	U-i-a.
Tapioca . . . . .	Bezú.
Cachiri . . . . .	Caciri.
Fumeiro. . . . .	Mocaím.
Pancla . . . . .	Nhepepô.
Caldo . . . . .	Mateicuer.
Pilão. . . . .	Azogue.
Argamassa . . . . .	Eugoa.
Cesto. . . . .	Irupema.
Tecido de algodão. . . . .	Inimbó.
Rêde. . . . .	Tompave.
Arco. . . . .	Uirapara.
Flecha . . . . .	Uip.
Machado de pedra. . . . .	Itaki.
Pedra de amolar . . . . .	Itakeu.
Corôa de penas (grande) . . . . .	Canlara-Upó.
Corôa de penas (pequena) . . . . .	Acangatara.
Colar de perolas . . . . .	Mohirã.
Flauta . . . . .	Eurerú.
Tabaco em rôlo . . . . .	Petum.

Cigarro indígena . . . . .	Petumum.
Flauta grande . . . . .	Nhombiá.
Colar de dentes de macaco . . . . .	Cainhipupuet.
Botão . . . . .	Biropupeí.
Pulseira . . . . .	Aepapecuizá.
Chapéu . . . . .	Acanhitar bepó.
Tesouras . . . . .	Itapará.
Faca . . . . .	Itazú.
Facão . . . . .	Nhimuá.
Machado . . . . .	Zie.
Alfinete . . . . .	Jacanga-í.
Prego . . . . .	'Iapiruní.
Serrote . . . . .	Zupiranhe.
Espelho . . . . .	Zaupicá,
Pente . . . . .	Keuap.
Perola . . . . .	Mohirã.
Fusil . . . . .	Tupã.
Navalha . . . . .	Navalho.
Tafia . . . . .	Cauim.
Chumbo . . . . .	Sume.
Pólvora . . . . .	Ivô.
Macho . . . . .	Acoimaê.
Femea . . . . .	Cunkã.
Caça pequena . . . . .	Suim.
Pêlo . . . . .	Aeradzú.
Cauda . . . . .	Uiá.
Cotia . . . . .	Acouci.
Capivara . . . . .	Capivar.
Gato . . . . .	Zauarú.
Maracajá (onça pequena) . . . . .	Maracazá.
Cão . . . . .	Auará.
Porco fugido . . . . .	Tazaú.
Lontra . . . . .	Iaupucá.

Macaco . . . . .	Caiapá.
Paca . . . . .	Caruaurú.
Caeteté. . . . .	Taiteté.
Rato . . . . .	Mepul.
Gambá. . . . .	Muicut.
Macaco vermelho. . . . .	Akeukeu.
Coata . . . . .	Caiuíú.
Tamanduá. . . . .	Tamanduá.
Tapir. . . . .	Tapir.
Tatú . . . . .	Tatú.
Onça . . . . .	Zauat.
Onça vermelha . . . . .	Zauá pitang.
Onça preta . . . . .	Zauarum.
Cadela. . . . .	Combaie cunhã.
Ovo. . . . .	Upia.
Bico de passaro . . . . .	Ci.
Agami . . . . .	Uirazau.
Arara . . . . .	Canindé.
Bico de arara. . . . .	Canindé-á.
Pato . . . . .	Ipek.
Pardal . . . . .	Iapú.
Carpinteiro . . . . .	Irapoona.
Vampiro . . . . .	Andira-i.
Galo. . . . .	Inambú-coemba.
Galinha . . . . .	Inam-ce.
Perdiz. . . . .	Inambú.
Papagaio . . . . .	Azurú.
Pombo. . . . .	Pecaliú.
Tucano . . . . .	Tucano.
Ova de peixe . . . . .	Pirá-ut.
Aymara. . . . .	Tarihi.
Pacú. . . . .	Pacú-ihí.
Cuniarú . . . . .	Pacú-ú.

Couraceiro (peixe)	Ini-á.
Peixe electrico.	Porakê.
Piranha	Piranha.
Arara.	Zavevui.
Surubim	Surubí.
Serpente	Boie.
Bôa.	Bozuhú.
Caiman.	Jacaré-ú.
Sapo	Iaúo.
Tracajá	Iavaci-ihí.
Tartaruga.	Iavaci.
Jacaré-tinga	Jacarécin-i.
Lagartixa	Tesô.
Lagarto	Tesoô.
Lacraia.	Zauazit.
Abelha.	Tupê.
Mel.	Ehir.
Aranha.	Nhandí.
Tabaco de mascar	Tur.
Formiga	Taiui.
Mosquito	Nhacion.
Carapanã (mosquito)	Carapanã.
Pium.	Alepô.
Borboleta	Paname
Arvore.	Eúa.
Raiz.	Euprepê.
Fólias.	Caá.
Flôr.	Euvateure.
Fruto	Euvá.
Espinhos	Dzuá.
Copaiba	Copahi.
Queijeiro	Taraip.
Castanheiro	Nhaip.

Seringueira . . . . .	Seringa.
Cana de açúcar . . . . .	Cana.
Algodoeiro . . . . .	Umunizú.
Cipó . . . . .	Ihipó.
Inhame. . . . .	Cará.
Milho . . . . .	Auassi.
Batata. . . . .	Diteuk.
Urucúzeiro . . . . .	Urucú.
Pê de tabaco . . . . .	Petime.
Taioba pequena . . . . .	Nambú-á puitani.
Taioba grande . . . . .	Nambú-á.
Ananás (abacaxi) . . . . .	Naná.
Banana. . . . .	Pacova-ú.
Pacova (qualidade de banana). . . . .	Pacova.
Araçá . . . . .	Oviapiroga.
Feijão . . . . .	Cumanda-í.
Mamao. . . . .	Cauí-á.
Pimenta . . . . .	Keu-i.
Fruto do cajú. . . . .	Acajá.
Um. . . . .	Adipê.
Dois . . . . .	Mocanhe.
Tres . . . . .	Mopuit.
Quatro. . . . .	Mocucunke ateu.
Muito . . . . .	Cuaivitê.
Eu, me, mim . . . . .	Dí.
Tu, te, tí . . . . .	Endé.
Ele, o . . . . .	la.
Meu, minha . . . . .	Dí.
Teu, tua . . . . .	Dêê.
Seu, sua. . . . .	Gaé.
Este, esse, isto . . . . .	Peuzepotane.
O outro, aquele . . . . .	Ambú itê.
Nós. . . . .	Za opap.

Ao lado de. . . . .	Keketeie.
Em casa de . . . . .	Soo.
Sim . . . . .	Ohonê.
Não. . . . .	Avain coi.
Aqui . . . . .	Aú nasi.
E' aqui. . . . .	Aú nasi nondo.
Longe . . . . .	Ambú itê usá.
Perto . . . . .	Iuf enum.
Hoje . . . . .	Azié.
Ontem. . . . .	Azié rupi rupi.
Amanhã . . . . .	Azié tepepene.
Há muito tempo . . . . .	Emuia pui puroca.
Imediatamente. . . . .	Ahatehê puipunhe endê.
Sempre. . . . .	Ahatehê.
Nunca. . . . .	Diranhe.
Depressa . . . . .	Aitê-i.
Devagar . . . . .	Aenainê.
Pouco . . . . .	Mopuit.
Bastante . . . . .	Nanime.
Bem, muito bem . . . . .	Ditei oho.
Porque. . . . .	Gaare.
Porque estás irritado? . . . . .	Gaare nhemandaraip.
Amargo. . . . .	Azaip.
Doce . . . . .	Ain-ain.
Sentado . . . . .	Oapuicá.
Deitado . . . . .	Oninugá.
Início. . . . .	Apoame.
Baixo. . . . .	Iuiu&iaipoie.
Alto . . . . .	Idalá.
Palrador . . . . .	Oningamuit.
Belo. . . . .	Ioron.
Bonito. . . . .	Ezum.
Feio . . . . .	Unaiaimpe.

Branco . . . . .	Izú.
Azul. . . . .	Obui.
Vermelho . . . . .	Piran.
Preto . . . . .	Um
Verde . . . . .	Avui.
Quadrado. . . . .	Ipucú uza.
Comprido . . . . .	Ipucú.
Redondo. . . . .	Iapoá.
Quente . . . . .	Acú.
Frio . . . . .	Irohí.
Duro . . . . .	Sig.
Mole . . . . .	Imê.
Grande. . . . .	Natimê.
Pequeno . . . . .	Suí.
Alto. . . . .	Izeuc.
Baixo . . . . .	Iatori.
Gordo. . . . .	Icap.
Magro. . . . .	Cinag.
Doente . . . . .	Icaraap.
Com febre. . . . .	Irohí paipogag.
Quero comprar um cão . . . . .	Dí a aruepuê. deven.
Ele foi á floresta. . . . .	A cau nhume.
Vamos comer . . . . .	Za remi moué onitac.
Vamos caçar. . . . .	Ca uesene penhen.
Eu bebo . . . . .	Ahkure.
Tu bebes muito . . . . .	Ga ú cure.
Ele bebe pouco . . . . .	Su-i úkure.
O galo canta . . . . .	Uá pucate.
Esta mulher canta bem. . . . .	Auliuaré
Vamos dançar. . . . .	Zo henbí naré.
Desenhar . . . . .	Coaciare.
Embriagar-se . . . . .	Eauerem.
Eu vou comer. . . . .	Inimo iuitave.

Eu não quero comer . . . . .	Animo uitave.
Não queres comer? . . . . .	Ma te terueie.
Mentir . . . . .	Beraim.
Dizer a verdade . . . . .	Azi.
Morrer . . . . .	Amonon.
Ele se afogou . . . . .	Amonon keercm.
Ele rema bem . . . . .	Epurahf.
Chove . . . . .	Amane okit.
Chove a cantaros . . . . .	Okira ulü.
Eu vou trabalhar . . . . .	Iporuicap.
Vem trabalhar . . . . .	Soo zo reporoouicap.
Viste o tuxaua? . . . . .	Tuxáu neke fe?
Eu quero a faca . . . . .	Difê apotat etaziü.
Eu não quero . . . . .	Napotari.
Queres tafia? . . . . .	Napotari teré caui.
Queres uma mulher? . . . . .	Napotari tenê cunhã?

## DIALETO MUNDURUCU'

Deus . . . . .	Tupã.
Deus dos sonhos . . . . .	Curuçá Caibe.
Ele morreu (Ele está com Deus) . . . . .	Tupã abê.
Céu . . . . .	Cabi.
Nuvem . . . . .	Cabi crecreata.
Vento, vento forte, tempestade . . . . .	Cabirü chichí.
Sol . . . . .	Uachí.
Manhã bonita . . . . .	Cabi açen.
O dia . . . . .	Cabiá.
A tarde . . . . .	Capudiê.
O Sol está quente . . . . .	Cabi tiprip.
A noite . . . . .	Achimã.
De noite . . . . .	Achimã-bê.
Lua, mês . . . . .	Cachí.

Um outro mês . . . . .	Tamacari cachí.
Estrela . . . . .	Caçuptá
A Via Lactea . . . . .	Cabicurê tpuhi.
Verão . . . . .	Cuatú.
Um outro verão (Outro ano) . . . . .	Tamacari cuatú.
Este ano . . . . .	Nhacém cuatú.
Este mês . . . . .	Nhacém cachí.
O verão passado . . . . .	Cuatú bimã.
A chuva . . . . .	Mombal.
Montanha . . . . .	Otioá.
Água . . . . .	Iribí.
Sal . . . . .	Coatat.
A montante . . . . .	Cabicaie.
Caminho . . . . .	É.
A jusante . . . . .	Cabicaci.
Bacia profunda dum rio . . . . .	Chacorão.
Fogo . . . . .	Eraichá.
Ilha . . . . .	Tíauerú.
Um branco . . . . .	Caraiuíá inemê.
Mulher . . . . .	Aiatiat, tanhã.
Homem . . . . .	Anhocat.
Um homem valente . . . . .	Anhocatcat.
Um homem jovem . . . . .	Tapui, Iumboém.
Menino . . . . .	Berechetá.
Moça, jovem . . . . .	Tabí, Icoetuntum.
Velho . . . . .	Iabut.
Esposa . . . . .	Otachi.
Pai . . . . .	Ubaibai.
Avô (Como termo de respeito) . . . . .	Adiut, Irubê catpat.
Mãe . . . . .	Anhi.
Irmão mais velho . . . . .	Uamú.
Avô . . . . .	Auaia.
Filho . . . . .	Ipot.

Filha . . . . .	Araichit.
Irmão . . . . .	Uanhú.
Irmão mais moço . . . . .	Ocutó.
Irmã . . . . .	Echit.
Bom irmão . . . . .	Oçã.
Genro . . . . .	Itarop.
Amigo . . . . .	Ubéchi.
Mentira . . . . .	Daap.
Cabelos . . . . .	Kap.
Cabelos brancos . . . . .	Iaupap.
Orelhas . . . . .	Nhainaimbui.
Face . . . . .	Aopl.
Bôca . . . . .	Ueib.
Dentes . . . . .	Erai.
Queixo . . . . .	Ueuéhépaé.
Barba . . . . .	Erabirab rap.
Garganta . . . . .	Uéhé combirá.
Espadua . . . . .	Uéhã upiá.
Braço . . . . .	Ueibã.
Cotovelo . . . . .	Ueibã serinera.
Mão . . . . .	Ibui.
Unhas dos dedos . . . . .	Ueimá rã.
Peito . . . . .	Uei cameá.
Seios . . . . .	Uei came.
Ventre . . . . .	Uei euk.
Baixo ventre . . . . .	Uei e puí.
Partes masculinas . . . . .	Oreichi bará.
Partes femininas . . . . .	Eraipuí.
Joelho . . . . .	Ueiom-á.
Perna . . . . .	Oira-ô.
Pé . . . . .	Ibui.
Pé forcido . . . . .	Aguapone.
Anzol . . . . .	Pinhã.

Linha do anzol . . . . .	Pinhã-bei.
Rede de pescar . . . . .	Tiripanc.
O ferro do arpão . . . . .	Tá-imbí.
Remo . . . . .	Cuicui-ap.
Roçado . . . . .	Keu.
Dentro do roçado . . . . .	Keu-bê.
Canôa . . . . .	Cubê.
Pequena canôa . . . . .	Cubê-ipit.
Rafador de mandioca . . . . .	Itá, Uitá.
Farinha de mandioca . . . . .	Chinetarém.
Leme da canôa . . . . .	Cubê epebeat.
Farinha dagua . . . . .	Chine.
Tapioca . . . . .	Sarakitá.
Cozinhar castanhas . . . . .	Daú.
Casa . . . . .	Anhocá, eureucá.
Quartel dos guerreiros . . . . .	Ekçá.
Minha casa . . . . .	Anhocá-bê.
Ajupa (Barraquinha) . . . . .	Chidiap.
Palhas que cobrem a casa . . . . .	Keucirip.
Pedaco de madeira . . . . .	Ip.
Mêcha de isqueiro . . . . .	Dachabê.
Pedra de isqueiro . . . . .	Erachá.
Aço do isqueiro . . . . .	Dacha matenhap.
Forno para fazer farinha de man- dioca . . . . .	Uéne.
Caneca . . . . .	Camutí.
Cinza . . . . .	Caburí.
Cesto . . . . .	Baracá saniá.
Algodão . . . . .	Buronrá.
Fio de algodão . . . . .	Burombê.
Rêde . . . . .	Ucureu, Uará.
Arco . . . . .	Irarek.
Flecha . . . . .	Ubipá.
Mingau . . . . .	Ti.

Agulha . . . . .	Auí.
Véla . . . . .	Caminhati.
Tesouras . . . . .	Con-con-ap.
Prego . . . . .	Tapuá.
Faca . . . . .	Ricê, etain-ap.
Canivete . . . . .	Kicê iupit.
Alfinete . . . . .	Auí.
Fusil . . . . .	Urumbaron.
Perolas . . . . .	Timpurá.
Machado . . . . .	Uá.
Espelho . . . . .	Uarua.
Mercadoria . . . . .	Taregrei.
Perolas negras . . . . .	Timpurá taucate.
Perolas brancas . . . . .	Timpurá tareiate.
Perolas vermelhas . . . . .	Timpurá pakpak.
Perolas azues . . . . .	Timpurá tarenremheu.
Perolas amarelas . . . . .	Timpurá tapeukpeuk.
Perolas incolores . . . . .	Timpurá taistiate.
Pente . . . . .	Kiuá.
Chumbo . . . . .	Erumbaron-rá.
Pólvora . . . . .	Tombaron.
Areia . . . . .	Sersade.
Tafia . . . . .	Cauí-iri.
Camisa . . . . .	Camisa.
Calça . . . . .	Irutí, urutí.
Ferro de enxada . . . . .	Chique.
Cano de fuzil . . . . .	Tombaron-aspí.
Fosforos . . . . .	Erachai.
Petroleo . . . . .	Erachari.
Macho . . . . .	Anhocat.
Femea . . . . .	Aiatiat.
Boi . . . . .	Biupá.
Cotia . . . . .	Mari.

Veado . . . . .	Arapicem.
Cão . . . . .	Iacuritê.
Porco do mato . . . . .	Iradiê.
Porco . . . . .	Iradiê barú.
Lontra . . . . .	Auarê, Iauara.
Macaco . . . . .	Tauê.
Macaquinho . . . . .	Uachú.
Macaco branco . . . . .	Tauê baron.
Macaco barrigudo . . . . .	Cat baron.
Pecari (Porco) . . . . .	Iradiê tiú.
Paca . . . . .	Ahi.
Macaco vermelho . . . . .	Ururú.
Tapir . . . . .	Biú.
Tigre . . . . .	Uirá.
Rato . . . . .	Tanhim.
Passaro . . . . .	Uacém.
Cauda de passaro . . . . .	Bicuequê.
Ovo . . . . .	Tipiçá.
Ovo de galinha . . . . .	Sapucaia erupiça.
Agamo . . . . .	Caon.
Pluma, "aigrette" . . . . .	Acará.
Arara vermelha . . . . .	Carú.
Arara negra . . . . .	Paravatú.
Arara amarela . . . . .	Paraúa.
Pardal . . . . .	Puchú.
Morcego . . . . .	Ereú.
Capão . . . . .	Uitacará.
Galo . . . . .	Uaichacará.
Galinha . . . . .	Uitum.
Jacú . . . . .	Uacú.
Martim-pescador . . . . .	Adiurá.
Andorinha . . . . .	Pacererecti.
Mergulhão . . . . .	Biúá.

Perdiz . . . . .	Cheri.
Papagaio . . . . .	Arû.
Periquito . . . . .	Curê.
Pombo . . . . .	Pecaçú.
Tucano . . . . .	Tiucúm.
Peixe . . . . .	Achimã.
Peixinho . . . . .	Achimã-i.
Pacú (peixe) . . . . .	Pacú.
Pacú assú (idem) . . . . .	Pacú-reup, Suê-reup.
Couraceiro (idem) . . . . .	Dareu-á.
Peixinhos que andam em cardumes	Carapirap.
Pirarara . . . . .	Caruputip.
Arraia . . . . .	Monatup.
Tucumaré (peixe) . . . . .	Potip.
Tucumaré branco (idem) . . . . .	Potibirip.
Peixe cachorro . . . . .	Dariuacante.
Serpente . . . . .	Pubui.
Bôa . . . . .	Puchiribê.
Jacaré . . . . .	Apat chiri.
Jacaré grande . . . . .	Apat iubú.
Sapo-boi . . . . .	Cururú.
Sapo branco, (comestível) . . . . .	Seksek.
Iguano . . . . .	Sinimbú.
Lagarto . . . . .	Rauê.
Tartaruga . . . . .	Canhanharê.
Caminho de tartaruga . . . . .	Canhanharê aïbet.
Jaboti . . . . .	Puí.
Jaboti vermelho . . . . .	Puípatpeuk.
Vermes intestinais . . . . .	Sapcorê.
Cobra dagua . . . . .	Morecubê.
Abelha . . . . .	Eit.
Mel . . . . .	Eire atú.
Aranha . . . . .	Tuá.

Mordedura de formiga . . . . .	Tontapi.
Bicho de pé . . . . .	Nohume.
Formiga pequena . . . . .	Itaceup.
Sauva . . . . .	Ooichá.
Formiga preta . . . . .	Rapceuk.
Môscã . . . . .	Montugur.
Mosquito . . . . .	Caame.
Borboleta . . . . .	Oreperep.
Piolho . . . . .	Quip.
Mucum . . . . .	Acem.
Carrapato . . . . .	Parú.
Pium . . . . .	Iepson.
Borrachudo (mosquito) . . . . .	Comediurú.
Arvore . . . . .	Eip.
Arvore grossa . . . . .	Eip iuhúm.
Frutas em bago . . . . .	A.
Espinho . . . . .	Iraú.
Abiu . . . . .	Anocarêa.
Bacuri-pari (fruto) . . . . .	Uaremeçá.
Buriti (palmeira) . . . . .	Nheureup.
Fruto do buriti . . . . .	Nheureup-á.
Sôrva (arvore) . . . . .	Uatúa.
Sorvasinha (idem) . . . . .	Iubá.
Pau candeia . . . . .	Uechiktapirí.
Copú-ai . . . . .	Acarapai.
Copú-assé . . . . .	Acarapá.
Seringueiro . . . . .	Chiring.
Castanheiro . . . . .	Uaeranhe.
Massaranduba . . . . .	Cirará.
Cajú do mato . . . . .	Orecereu.
Pajurá (arvore) . . . . .	Cobicã.
Remari . . . . .	Urupea.
Uxi (fruto) . . . . .	Taruá.

Jaqueira . . . . .	Bucubucú.
Fruto da jaqueira . . . . .	Bucubucu-á.
Outra variedade de jaqueira . . . . .	Pariri.
Bacaba (especie de palmeira) . . . . .	Aruruxé.
Cumarú . . . . .	Ti burá.
Piquiá . . . . .	Cha.
Assai . . . . .	Oaporeme.
Inajá (palmeira) . . . . .	Uarítá.
Mucajuba (idem) . . . . .	Uacurí.
Mangaba . . . . .	Iubá.
Cacáu plantado . . . . .	Uadié.
Cacáu do mato . . . . .	Ocorapá.
Muruci . . . . .	Quenhem.
Pupunha (palmeira) . . . . .	Uaçorá.
Araticú do campo . . . . .	Bucubucú-barú.
Cana de assucar . . . . .	Canipeuk.
Plantação de cana de assucar . . . . .	Canipeutip.
Aninga . . . . .	An'inga.
Embaúba . . . . .	Apac, Uacurac.
Caníço para flecha . . . . .	Ubipá, Bipá.
Cactus . . . . .	Uadiá.
Beribá . . . . .	Erauá.
Ingá . . . . .	Chiriri.
Cabaceiro . . . . .	Puá.
Algodoeiro . . . . .	Burúm.
Macacheira (mandioca mansa) . . . . .	Macali, Mocepã.
Cará grande . . . . .	Auairi.
Cará grande, branco . . . . .	Puirá erechache.
Cará pequeno . . . . .	Puirá.
Cará pequeno, vermelho . . . . .	Puirá anjuate.
Milho . . . . .	Morará.
Batata . . . . .	Uichíá.
Batata da costa . . . . .	Paonhá.

Capim amargoso . . . . .	Auatip.
Timbó . . . . .	Cumapí.
Cipó . . . . .	Anepeuk.
Tabaco . . . . .	Ê.
Mandieca . . . . .	Macepã.
Jaboticaba . . . . .	Jubã.
Mangaba . . . . .	Unhuã.
Ananaz . . . . .	Iparaã.
Cajú do campo . . . . .	Acera caraú.
Cajú do mato . . . . .	Eracerá.
Banana . . . . .	Acuba.
Banana de São Tomé . . . . .	Acorekempa.
Fava . . . . .	Ucitéi.
Feijão . . . . .	Adianrap.
Pimenta . . . . .	Achi-ã.
Maracujá . . . . .	Maracujá.
Cumarú . . . . .	Uiaie.
Goiabeira . . . . .	Maiabê.
Um . . . . .	Pã.
Dois . . . . .	Chepichépe.
Tres . . . . .	Chibapeung.
Quatro . . . . .	Ibaribríp.
Cinco . . . . .	Beichirí, Brancogê.
Dez . . . . .	Oeê suat (Duas mãos).
Muitos . . . . .	Aré.
Sim . . . . .	Ibeueu.
Não . . . . .	Caaniá.
Aqui . . . . .	Dutiê.
Lá . . . . .	Uché.
Em baixo . . . . .	Deíp.
Hoje . . . . .	Iançã, Iancicabia.
Agora . . . . .	Maigê.
Ontem . . . . .	Capecueu.

Anteontem . . . . .	Capuceu kerê-f.
Amanhã . . . . .	Cuiadiê.
Depois de amanhã . . . . .	Cuiadiê buceeu.
Pouco tempo . . . . .	Dareureup.
Depressa . . . . .	Abí, Abí rocco.
Em cima . . . . .	Cabicari.
Bastante . . . . .	Onhemã.
Bem, bom . . . . .	Caipat.
Lentamente . . . . .	Inidim minê.
Perto . . . . .	Mempê.
Longe . . . . .	Çoat.
Fatador . . . . .	Ticat nchi.
Bonito . . . . .	Rip.
Feio . . . . .	Querê.
Branco . . . . .	Epapeuk, Iretiat.
Azul . . . . .	Ihitacubue.
Bom . . . . .	Chipat.
Cozido . . . . .	Ferô.
Não cozido. . . . .	Freip.
Bebado . . . . .	Icaú.
Dúce . . . . .	Querequerê.
Alegre . . . . .	Urip.
Duro . . . . .	Anhocat.
Inchado . . . . .	Iecú.
Longinquo . . . . .	Ueri.
Zangado . . . . .	Sapecurê.
Aberto . . . . .	Ipaia.
Fatigado . . . . .	Iaburucu.
Medroso . . . . .	Uparará.
Forte . . . . .	Etiat.
Louco . . . . .	Aibareme.
Grande . . . . .	Berejubá.
Gordo . . . . .	Diomocém.

Humido, molhado . . . . .	Irep.
Negro . . . . .	Nhucat.
Vermelho . . . . .	Patpecat.
Ladrão . . . . .	Bocorep.
Deitar . . . . .	Caprenté pediê.
Comprar . . . . .	Odiat.
Quero comprar uma rede . . . . .	Unha arã odiat.
Quero comprar uma galinha . . . . .	Unha sapucaia odiat.
Quero comprar teu arco . . . . .	Unha odiat icaré.
Amolar . . . . .	Otimbirá.
Amar alguém . . . . .	Chipat ebê.
Gosto de peixe . . . . .	Iquedê tieu.
Ele gosta de tafia . . . . .	Uatikeu.
Vou para minha casa . . . . .	Arecacaie odiê.
Vamos . . . . .	Nhã.
Vamos imediatamente . . . . .	Nhã diê.
Já vais? . . . . .	Nhetieme enhe nhiassa?
Onde vai êle? . . . . .	Boma itieme?
Ele vai subir . . . . .	Boma tiaca emã odiê.
Ir caçar . . . . .	Itiê ureup.
Vamos comer . . . . .	Nhem etiê com.
Vai procurar água . . . . .	Iribi nhã tiebuê.
Acenda o fogo . . . . .	Nha cha etei.
Já está assado . . . . .	Erueme peup.
Ele chegou hoje . . . . .	Nhaceu uadiem.
Esperar . . . . .	Egairibê.
Esperê um pouco . . . . .	Meimpeuk.
O que ha para mim? . . . . .	Adio opop uebê.
Existe um pouco . . . . .	Iupit mopap.
Tenho medo . . . . .	Decueconç.
Tenho sede . . . . .	Bipeureup.
Eu não quero beber . . . . .	Iati eucom.
Curar . . . . .	Ipeureup.

Quebrar . . . . .	Aticã uém.
Cantar . . . . .	Uamamê.
Fui caçar . . . . .	Acueme odiê.
Eu fui cortar a seringueira. . . . .	Chiring iptacat odiê.
Desenhar, escrever . . . . .	Tapereup etuniã baramarat.
E' assim . . . . .	Timpurî.
E' verdade, é certo . . . . .	Tiemetutú.
Que fazes, branco? . . . . .	Penepencéne cariúá?
Eu fui arpoar peixe . . . . .	Achima diuem odiê.
Comer. . . . .	Combí combí.
Tu mentes . . . . .	Naapaaim.
Ele passou ontem. . . . .	Capuceu cap.
Ele passou anteontem . . . . .	Capuceu kereiocap.
Por onde passou êle? . . . . .	Boma ocap?
Por aqui . . . . .	Bomá.
Êle passou do outro lado . . . . .	Boma uaiabue ocap.
Plantar. . . . .	Tairá.
Plantar mandioca . . . . .	Meuceup-ip tairá.
Plantar banana . . . . .	Acuba tairá.
Fui procurar comida. . . . .	Puîbit caratame odiê.
Dentro de quantos dias voltará êle? . . . . .	Pombuirã chet uitipit.
Dentro de duas noites . . . . .	Chepichepi chet.
Que sonhaste? . . . . .	Adiú muheché.
Não sonhei nada. . . . .	Muheché ume.
Você é que sabe . . . . .	Ene ma taibit.
Eu sei . . . . .	Taibit.
Eu não sei . . . . .	Taibit enê.
Ele matou . . . . .	Íacá.
De onde vem êle? . . . . .	Porieme?
Eu quero tudo . . . . .	Suat cai mã um.

## CAPITULO XII

### Ultimas palavras

Ao chegar ao fim deste trabalho, tenho a sensação de, ao mesmo tempo, chegar a um começo. O começo de um novo periodo, prestes a iniciar-se na historia desta maravilhosa região.

Sinto a ronda dos coveiros e dos ratos de cemitério em torno do velho mundo romano-germanico. Tudo faz prever para a Europa convulsões a que somente a raça sobreviverá. Não são mais os pretorianos os senhores de Roma, nem os getulios, os libios ou os numidas, mas os filhos da Nubia do Ocidente. Não vivemos sob o regimen dos Trinta Tiranos, mas em lugar deles surgiram os Trinta Criptógamos, que sugam o odor putrido da civilisação em decadencia.

E breve, famintos e suplices, aqui aportarão os proscritos dos velhos grupos sociais, pedindo a este Novo Mundo que é tambem um Mundo Novo, acolhimento e protecção.

A Amazonia é, por excelencia, uma região de contrastes.

Belem não perde para nenhuma cidade de igual população, da Europa ou da America do Norte. É mais rica que muitas, mais progressista, e não obstante, quando quero plantas agrestes para o meu jardim, encontro a floresta virgem a dois quilometros do centro urbano. É uma cidade americana, pelo seu progresso e espirito de iniciativa, e latina, pelo seu gosto pelas letras e artes. A ciencia inicia neste momento uma bela arrancada, capaz de levar o Estado a uma situação de relevo nos centros intellectuais.

O Pará compenetra-se seriamente dos seus destinos futuros. Falta-lhe tão somente ser mais conhecido, ser melhor conhecido.

Seus habitantes sabem bem que são os senhores da grande bacia fluvial, que o clima do rei dos rios é elemento para com os colonos desembarcados da Europa, o que lhe faculta ser povoado por estes e não pelos negros das Antilhas ou da Guiné. E apesar disso, inda que delicados e obsequiadores, são mais reservados que audaciosos nas suas iniciativas. São como quem carregasse o fardo de um tesouro muito precioso, mas fragil. Marcham a passos contados, receosos de uma queda que, em verdade, poderia ser *perigosa*.

Para mostrar o que vale o grande sudoeste paraense, Tapajós, alto Tapajós e São Manoel, basta referir que se povôa sem auxilio algum do Estado, já que os interesses politicos findam na entrada da primeira cachoeira. Povoam-se pelo simples esforços de algumas iniciativas individuais inteligentes de previsão.

Ora, pelo fato de serem estes colonos inteligentes, laboriosos, honestos e simpáticos, não é caso para que o governo os abandone á proteção das suas próprias virtudes. Se de Santarém a Maranhãozinho o Pará possui direitos e deveres, de Maranhãozinho a Salto Augusto, sua responsabilidade de deveres é consideravelmente maior.

Os que povoam as cachoeiras do Tapajós, do alto Tapajós e do São Manoel realizam obra proveitosa, que merece ser amparada. Estes colonos, estes pioneiros do Tapajós *das cachoeiras* são uma raça simples e boa, ativa até o heroísmo, proba e empreendedora. Vi sempre o flagrante contraste entre os que permanecem na margem tranqüila do rio e os que afrontam as suas corredeiras; os que ficam na entrada do primeiro pedral, e os que furaram a subida; entre os comerciantes *de baixo* e os trabalhadores *de cima*.

Não é só a borracha, explorada até Salto Augusto e abundante mesmo no centro de Mato Grosso, onde constitue a ocupação das gentes de Diamantina, logo acima dos Campos Gerais, e no Arinos, o Sumidouro, o rio Preto e o baixo Juruena, que faz a riqueza do Tapajós. Ela é apenas a principal fonte de renda presente.

Saber o que produz a borracha, será um tanto difícil, mesmo aos mais qualificados. Os homens ocultam modestamente a recompensa obtida pelos seus esforços.

Vi, porém, pequenas fortunas em varias casas. Descobri-as acidentalmente. Ninguém praticou a ostentação de mas mostrar. E posso afirmar que se tivesse uma renda anual equivalente ás de Pau-

lo Leite, Mauricio e Cardoso, reunidas, faria construir imediatamente uma confortavel vivenda nos arredores de Belem, para passar o resto da vida fazendo um pouco de ciencia e escrevendo algumas memorias.

Ter borrachia é um negocio seguro. E como nem sempre a arvore generosa aparece onde é desejada, alguns já as plantaram; Cobra, Tartaruga, Pedro Pinto, e mais uns outros. Os exemplares mais idosos estão por ora com cinco anos, e precisam de dez para poder ser sangrados, mas muito acertados andaram estes precursores. As ilhas mais ricas em "hevea", a do Cururú, com vinte estradas de seringueiras, a da Conceição, com dez, a do Marengo, com vinte, não valerão nunca uma plantação.

O Tapajós das cachoeiras começou e quer continuar. Quer plantar seringueiras, crear prados artificiais para o gado... enquanto espera espriaiar-se pelos Campos Gerais do Cururú-Caderiri.

## Índice das gravuras (\*)

Itaituba, vista do meio do Tapajós . . . . .	18
Minha residência em Itaituba . . . . .	20
Grupo à sombra das mangueiras, em Itaituba . . . . .	23
Pancada do norte, do Apuí. . . . .	32
Canal Novo, do Apuí . . . . .	36
Casa de Raimundo Brasil, em Fechos . . . . .	45
Fechos, vista da enseada. . . . .	48
Nossa barraca e nossos remadores . . . . .	53
José Lourenço Cardoso . . . . .	62
Sítio de José Lourenço Cardoso, no Chacorão . . . . .	64
Vicente Teixeira Castro . . . . .	68
Gado de José Lourenço Cardoso . . . . .	69
Cardoso e a família . . . . .	71
D. Henriqueta de Gregório . . . . .	73
Maurício e sua família . . . . .	75
Casa de Maurício, em Pasquína . . . . .	76
A ex-Coletoria de Mato Grosso, no Tapajós . . . . .	82
Paulo da Silva Leite. . . . .	91
Casa de Paulo da Silva Leite e seu pessoal . . . . .	94
Salto São Simão, margem direita. . . . .	98
Salto São Simão, margem esquerda . . . . .	100

---

(\*) De acordo, principalmente, com as fotografias tomadas pela senhora Henri Couéreau, durante a viagem.

Moças Apiacás. . . . .	102
Grupo de mulheres Apiacás. . . . .	104
Benedito, capitão Apiacá . . . . .	107
Cachoeira de São Florencio . . . . .	109
Salto Augusto, margem direita, a jusante, olhado da Lage . . . . .	120
Salto Augusto, margem esquerda, a montante . . . . .	124
Salto Augusto, margem esquerda . . . . .	126
Salto Augusto, vista de conjunto . . . . .	128
Machados tapanhunas . . . . .	135
Machado parintintim, visto de face . . . . .	136
Machados parintintins . . . . .	137
O Maués Caetano . . . . .	154
Capitão mundurucú Gabriel, com suas tatuagens . . . . .	178
Cabeça humana defumada pelos Mundurucús . . . . .	190
Figuras desenhadas nos rochedos de Cantagato . . . . .	206
Grupo na casa de Cardoso . . . . .	220

## M A P A

O Tapajós, o alto Tapajós e o São Manoel, de Itaituba  
a Salto Augusto e cachoeira das Sete Quedas

## Indice da materia

### CAPITULO I

De Belém a Salto Augusto. — O Amazonas. — O Tapajós, considerado como via de penetração. — O baixo Tapajós. — Visitas. — Paisagem. — Partida . . . . .	9
--	---

### CAPITULO II

Partida de Miritituba. -- Enseadas e baixios. — A serraria do Tapacurá — Primeiros campos. — Goiana e Lauritania. -- O correio. — As cachoeiras do baixo Tapajós. — Maranhãozinho e Maranhão Grande. — Furnas. — O dansarino de corda. — Cachoeira do Apuí. — A Estrada das Cachoeiras. — Cabolino e Frechal. — As pequenas cachoeiras do baixo Tapajós. — Rio Jamanchim. — Índios Parintins — Brasil. — Fecho — Montanha. — Índios Maués. — Igapó-Assú. — Pedro Pinto. — Primeiros Mundurucús. — A Missão de Bacabal. — Rochedos de Cuatá-Cuara. — Rio Crepori — Cantagalo. — Rio das Tropas. — Guerra. — Tartaruga. — Cabetitú e Caderiri. — O Chacorão. — Chegada á casa de Cardoso . . . . .	25
--	----

## CAPITULO III

Em casa de Cardoso. — José Lourenço Cardoso. — Vicente Teixeira Castro. — Os travessões das Capoeiras. — Campos. — Expedição dos Mundurucús ao Sucundurj e ao Madeira. — Os Mundurucús das Capoeiras. — Capoeiras e seu pitoresco. — O morro de São Benedito. — Maurício. — Ilha do Cururú. — Os campos do Cururú e os Mundurucús das Campinas. — A Coletoria de Mato Grosso e a morte de Garcia . . . . .

59

## CAPITULO IV

Alto Tapajós e São Manoel. — Os Mundurucús e os Romanos. — Rio Bararati e os Parinã-iá-Bararati. — Serra da Navalha. — Seringueiros e cortadores de cabeças. — A região de São Tomé. — Paulo Leite e sua cachoeira de Todos os Santos. — Uma vida heroica. — Salto São Simão. — Os índios Apiacás. — Cachoeira do Labirinto. — José Gomes. — Benedito. — Cachoeira de São Florenço. — Maloca do Bananal Grande. — Cachoeira da Misericórdia. — Cachoeira do Canal do Inferno. — Cachoeira do Banco de Santa Ursula. — Cachoeira de Santa Iria. — Cachoeira de São Rafael . . . . .

85

## CAPITULO V

Cachoeira de São Gabriel. — Cachoeira da Dobração. — Cachoeira do Saival. — Cachoeira de São Lucas. — Cachoeira das Ondas. — Travessão do Ban-

quinho. — Travessão Grande. — Cachoeira do Salsal. — Cachoeira das Furnas. — Cachoeira do Tocarizal. — Salto Augusto. — O que resta da expedição do capitão Garcia. — O territorio contestado entre o Pará e Mato Grosso. — A' entrada de Salto Augusto. — Regresso de Salto Augusto . . . . .

115

## CAPITULO VI

Ultimos dias na casa de Paulo Leite. — Friagem e chuva. — Mauricio sempre pronto. — Rumo ás Sete Quedas. — Marchas forçadas. — Paisagens tristes. — São Mancel e alto Tapajós. — As grandes illas. — Saturnino. — Denominações em proverbios. — Laurindo. — Moreira. — Caminho do Curarú e caminho do alto Tapajós. — Campinas, campinhos e catingas. — Cachoeira de São José. — Cachoeira do Acari. — Cachoeira do Frechal. — Cachoeira do Vira-Volta. — Cachoeira do Trovão. — Cachoeira de São Feliciano. — Cachoeira do Jaú. — Cachoeira das Sete Quedas. — Da cachoeira das Sete Quedas no salto das Sete Quedas . . . . .

143

## CAPITULO VII

Os Mundurucús. — Trabalhos do sabio Barbosa Rodrigues e de Gonçalves Tocantins. — Cosmogonia. — A lenda do Cão. — Antiga fama dos Mundurucús. — Estatística dos Mundurucús. — A maloca mundurucú; a antiga Decodemo. — Sentimentos de sociabilidade. — A familia. — Tatuagens e adornos. — O casamento, os funerais, o outro

mundo. — Modo de vida. — Guerras. — O <i>pariná</i> ou cabeça defumada. — A festa do <i>pariná-te-ran</i> . . . . .	161
---	-----

## CAPITULO VIII

Honras funebres aos guerreiros tombados frente ao inimigo. — Festas em honra da caça, da pesca e da agricultura. — Pena de morte contra os feiticeiros. — Rochedos desenhados do Arencré e do Cantagalo. — Os Mundurucús do presente. — O "habitat" atual dos Mundurucús . . . . .	195
--	-----

## CAPITULO IX

Regresso das Sete Quedas. — Escala nas casas de Moreira e Saturnino. — Uma carta de Eliseu Reclus. — Meus amigos do Tapajós. — O bom companheiro Vicente. — Tempestade no rio. — A enseada de Goiana. — Lauritania e seu futuro. — O Planalto Brasileiro e a Planície Amazonica. — Conclusões. — Os dois Contestados paraenses no Tapajós. — A penetração do interior e a Estrada das Cachoeiras. — O futuro do Pará . . . . .	213
--	-----

## CAPITULO X

QUADROS ESTATISTICOS. — Estatística da população. — Altitudes barométricas. — Longitudes e latitudes. — <i>Meteorologia</i> (chuvas e tempestades). Dialectos: Maués, Apiacá e Mundurucú. . . . .	227
--	-----

## CAPITULO XI

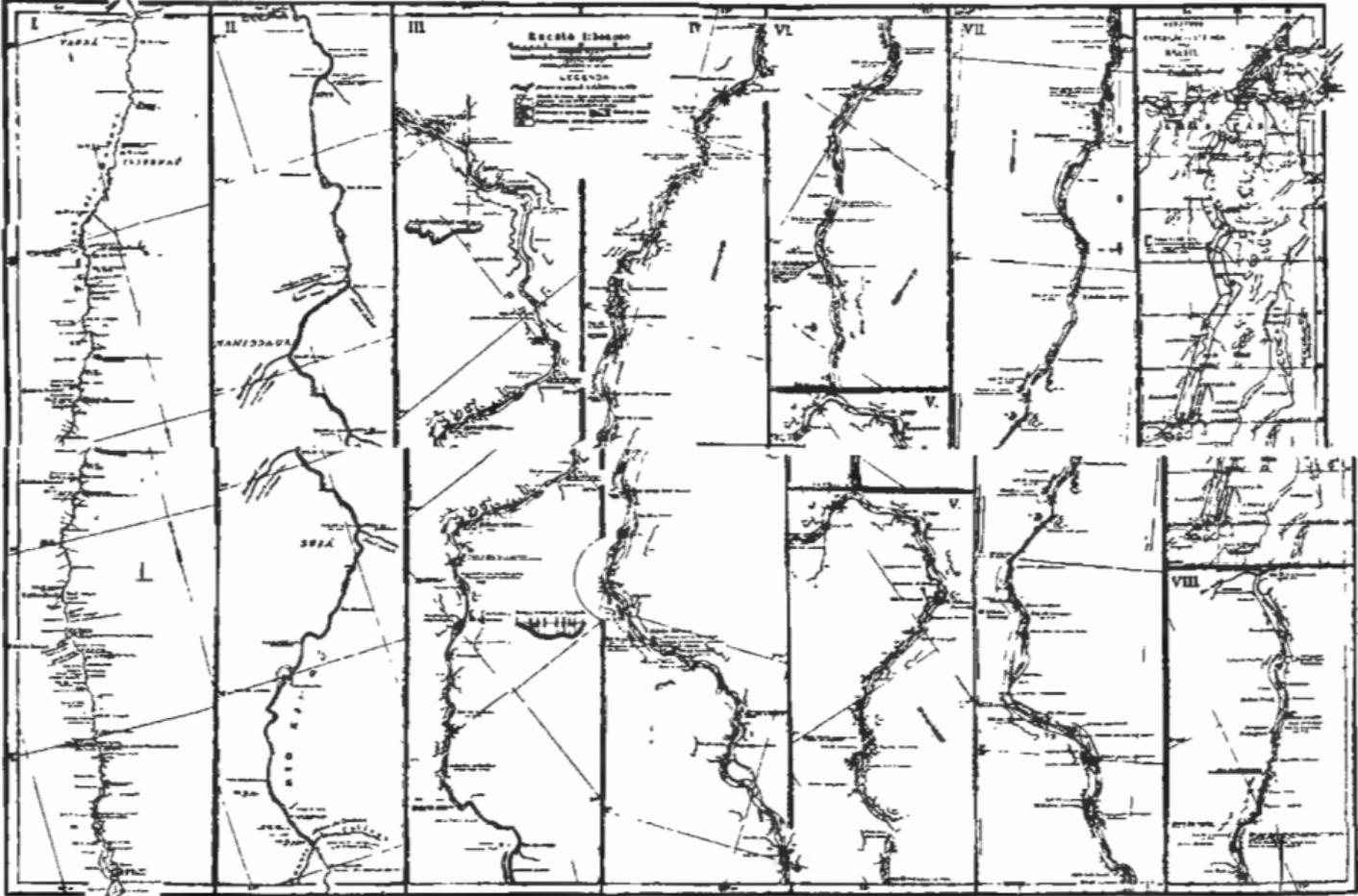
Dialectos: Maués, Apiacá e Mundurucú. . . . .	245
---	-----

## CAPITULO XII

Ultimas palavras. . . . .	279
---------------------------	-----

# MAPA ESPECIAL DO RIO XINGU

de acordo com o levantamento e coordenadas locais de Ir. O. CLAUS, redução à escala de 1:500.000



Adaptado à coleção BRASILIANA da COMPANHIA EDITORA NACIONAL por OTTO JULIA SCHWERTZ com o gr. S. Paulo, Brasil.